



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Raiza Braz Kirk de Sanctis

**CRACK, CASA E FAMÍLIA: UMA ETNOGRAFIA SOBRE CUIDADOS,
(DES) AFETOS E EMOÇÕES.**

Campinas
2018

Raiza Braz Kirk de Sanctis

**CRACK, CASA E FAMÍLIA: UMA ETNOGRAFIA SOBRE CUIDADOS,
(DES) AFETOS E EMOÇÕES.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas para a obtenção do Título de
Mestra em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Key Tambascia
Coorientadora: Profa. Dra. Taniele Cristina Rui

Este exemplar corresponde à versão final da
dissertação defendida pela aluna Raiza Braz Kirk de
Sanctis, orientada pelo Prof. Dr. Christiano Key
Tambascia.

CAMPINAS
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2015/12251-3

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Sanctis, Raiza Braz Kirk de, 1989-
Sa55c Crack, casa e família : uma etnografia sobre cuidados, (des) afetos e emoções / Raiza Braz Kirk de Sanctis. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Christiano Key Tambascia.
Coorientador: Taniele Cristina Rui.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Crack (Droga). 2. Família. I. Tambascia, Christiano Key, 1976-. II. Rui, Taniele Cristina, 1982-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Crack, home and family : an ethnography about caring, (dis) affection and emotions

Palavras-chave em inglês:

Crack (Drug)

Family

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestra em Antropologia Social

Banca examinadora:

Christiano Key Tambascia [Orientador]

Ronaldo Rômulo Machado de Almeida

Sabrina Deise Finamori

Data de defesa: 26-07-2018

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora do trabalho de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 26 de abril de 2018, considerou a candidata Raiza Braz Kirk de Sanctis aprovada.

Profº Dr. Christiano Key Tambascia
Profa. Dra. Sabrina Deise Finamori
Profº Dr. Ronaldo Romulo Machado de Almeida

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

Dedico à Kelly: amiga e guia pela Cracolândia. E, com amor, dedico à minha melhor amiga, companheira de todas as horas: **minha mãe.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao financiamento da FAPESP pela bolsa (processo número 2015/12251-3) que me possibilitou dedicação exclusiva ao mestrado durante os meses concedidos.

Agradeço ao Prof^o Christiano Key Tambascia pela longa parceria de orientação desde a Iniciação Científica até o mestrado. Ao longo deste caminho me ensinou o fazer antropológico com muita paciência e compromisso. Inúmeros foram os encontros, desabafos, leituras e conversas. Não existem palavras para agradecê-lo pelo que fez; tudo com muita doçura, alegria e incentivo. Excelente professor, mestre, amigo, pessoa. Agradeço por ter organizado um grupo de orientação, que possibilitou que muitas novas leituras e debates fossem possíveis. Agradeços aos companheiros deste grupo pelas trocas me fizeram crescer imensamente como cientista social.

Agradeço à Profa. Taniele Rui por me inspirar desde o princípio com o tema. Desde sua defesa de doutorado, onde chorei de emoção com o resultado de um trabalho tão sensível, nunca mais deixei de tê-la como modelo e inspiração. Ela me ajudou em momentos que precisei de “puxões de orelha”, elogiou quando precisei e ouviu sobre minhas angústias, frustrações e alegria. Sinto-me imensamente grata por tê-la conhecido nessa jornada acadêmica e por ter a oportunidade de levar comigo para a vida a beleza da nossa amizade.

Agradeço às minhas amigas Jéssica, Dai, Inês, Meghie Luz e Mariana por terem me acompanhado tão de perto em processos que transformaram minha vida. Ouviram, cúmplices, na mesa da cozinha, os caminhos que trilhei na escrita desta dissertação. Alimentaram-me, abraçaram-me, compartilharam um lar. Muito, muito amor.

Agradeço ao meu companheiro Filipe pela parceria de tantos anos, pelo incentivo e por me ajudar a sempre ver o lado positivo e bonito de tudo.

Agradeço ao meu bebê Vicente Luz por, desde que anunciou sua chegada, me incentivar cada dia a ser melhor e mais forte. Através da beleza de seu olhar curioso vejo um novo e mais colorido mundo.

Aos meus interlocutores de pesquisa agradeço por serem quem de fato fez essa pesquisa possível, sem eles ela jamais teria existido. À Kelly, especialmente, agradeço pela amizade e troca de conhecimentos, cuidados e histórias.

Ao meu irmão Fabio agradeço por ser a razão de tudo isso.

Aos meus pais dedico os maiores e mais amorosos agradecimentos. Agradeço pela vida, pela atenção, pelo cuidado físico e mental, por serem tão bons avós. Ajudaram-me a enxergar quando eu precisava parar, empurraram-me quando precisava me mover. Alimentaram-me, cuidaram do Vicente Luz, disseram-me: - Vá! Termina o seu mestrado, encerra esse ciclo para alçar novos vãos. Deram-me apoio em todos os momentos. Gratidão, imensa gratidão.

Ressentimento do mundo

*Enquanto no mundo tem gente pensando
que sabe muito,
eu apenas sinto.
Muito.*

David Cohen¹

¹ In "Poemas que desisti de rasgar", Ed. 5W.

RESUMO

Busco analisar nessa dissertação alguns temas transversais que se mostraram indissociáveis entre si na etnografia realizada sobre relações familiares de usuários de crack nas cidades de Sorocaba, São Paulo e Campinas. Tais noções como “cuidado” e “desconfiança”, mas também “casa” e mesmo “família”, permitem refletir sobre as maneiras como essas pessoas concebem ideias de conexões e desconexões que são constituintes de sua vida social. Também busco atentar para a importância da análise da vida social dos objetos presentes nas vidas desses usuários, uma vez que, além de constituírem uma saída metodológica para acompanhar objetivamente tais inter-relações, também contribuem decisivamente na constituição de uma imaginação social cotidiana que dá sentido prático em suas trajetórias. A noção de família é apresentada de forma aberta e contextual, seguindo as pistas oferecidas pelos próprios interlocutores de pesquisa quanto aos sentidos a ela atribuída, uma vez que não tenho intenção de defini-la de antemão. A partir da reflexão sobre o usuário e seu mundo social, suas relações intersubjetivas e a vida social da pedra de crack, apresento também os esgarçamentos desses laços de família que se dão em um cotidiano cujo convívio pode se tornar violento, opressivo e marcado por desconfianças. Tais distanciamentos da pessoa que consome crack e sua família de origem e as relações materiais e sociais em seus cotidianos propulsionam movimentos urbanos e novas habitações na rua, em instituições, na prisão. Nesses movimentos a noção de família se atualiza, uma vez que novos vínculos se formam (alguns geram, inclusive, filhos), tornando clara a necessidade de repensar algumas concepções usuais (e estruturantes) associadas a esse universo: a de que essas pessoas lidam somente com desagregação e perda. Busco também refletir sobre o Estado, que está presente tanto na repressão como em medidas públicas de “cuidados” aos usuários de crack, que atua também na esfera legislativa: contribuindo, assim, para a formação de um certo imaginário, para a legitimação e manutenção de certas noções sobre essas relações familiares. Por fim, de forma a refletir sobre tais relações busco pensar sobre a noção compartilhada de maternidade nesse contexto social, sobretudo nos casos de mães que consomem crack.

Palavras-chave: crack, família, Estado.

ABSTRACT

My intent is to analyze in this dissertation some transversal topics that proved to be inseparable in the ethnography I have made about crack users' family relationships in the cities of Sorocaba, São Paulo and Campinas. Notions such as "care" and "mistrust", but also "house" and even "family", allow us to think about the ways these people conceive ideas of connections and disconnections that are constituent of their social life. I also try to be careful with the importance of the objects social life analyses present in the crack users lives, considering that, besides being a methodological option to follow objectively such inter-relationships, it also contributes decisively in the constitution of a daily social imagination in wich there is practical meaning in theses trajectories. The notion of family is presented in an open and contextual manner, according to the clues offered by the research interlocutors to the meanings attributed to it, since I do not intend to define it beforehand. As from the reflection about the user and his or her social environment, his or her intersubjects relations and the social life of the crack rock, I also present the process of these families being torn apart due to the cohabitation that can become violent, oppressive and filled with mistrust. Such distancing of the person who consumes crack from his or her origin family and the material and social relations in their routine propel urban movements and new habitation on the streets, in institutions, and in prison. Along these movements the notion of family is updated, since new bonds happen (some resulting in children), pointing to the fact that it is necessary to rethink some usual conceptions (and structuring) associated to this universe: the one that these people deal only with disintegration and loss. I also reflect about the State, that is present through repression as well as in public measures of "care" offered to crack users, wich acts in the legislative sphere: contributing, therefore, for the formation of a certain imaginary, to the legitimation and maintenance of certain notions surrounding these familiar relations. Lastly, in order to reflect about such interconnections, I think about the shared maternity notion in this social context, mainly in the cases of mothers that consume crack.

Keywords: crack, family, State.

SUMÁRIO

PRELÚDIO	11
INTRODUÇÃO	13
SOBRE OS CUIDADOS E AS DESCONFIANÇAS	19
O CAMPO	23
QUESTÕES DE POSIÇÃO AFETIVA	25
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	29
CAPÍTULO I	
CONVÍVIO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM: ENFRENTAMENTOS RELACIONAIS E A VIDA SOCIAL DOS OBJETOS.....	31
UM CICLO DE FISSURA	35
A PEDRA DE CRACK E SUA VIDA SOCIAL	49
CAPÍTULO II	
A NOÇÃO DE FAMÍLIA A PARTIR DE INSTITUIÇÕES: VIVÊNCIAS NO SAMIM E NO INSTITUTO PADRE HAROLDO.....	57
1 ALBERGUE DA PREFEITURA DE CAMPINAS (SAMIM).....	58
1.1 FERNANDO	60
<i>Amizades e seus deslocamentos</i>	<i>60</i>
<i>As origens de Fernando e seus relacionamentos erótico-afetivos</i>	<i>62</i>
1.2 OSEIAS	65
1.3 DANILA	69
1.4 ANGELO	72
2 INSTITUTO PADRE HAROLDO	76
2.1 ROSA.....	79
2.2 CARLA	84
2.3 JÉSSICA	85
CAPÍTULO III	
A NOÇÃO DE FAMÍLIA NAS RUAS: VIVÊNCIAS NA CRACOLÂNDIA / SÃO PAULO	93
1 ROBERTA	98
<i>Um dia dos pais especial.....</i>	<i>102</i>
<i>As famílias de Roberta</i>	<i>107</i>
2 MARILENE	109
CAPÍTULO IV	
MATERNIDADE E CONSUMO DE CRACK: A CRIAÇÃO DOS FILHOS E O MEDO DO DISTANCIAMENTO.	
ANJOS NA CRACOLÂNDIA	117
A FAMÍLIA ESTENDIDA COMO PONTO DE APOIO	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
BIBLIOGRAFIA	139

Prelúdio

O exercício de tentar se colocar no lugar do outro para melhor compreender sua realidade pode, às vezes, gerar sentimentos que nem sempre somos capazes e aptos a administrar. Compreendo o resultado desta escrita como fruto dessas interações que me transformaram profundamente. A tentativa de entender o que meus interlocutores de pesquisa estavam sentindo nos momentos que eu os observava e tentar imaginar como houvera sido vivenciar as histórias que me contavam de suas vidas foi, muitas vezes, triste e um fardo que ora tive mais habilidade em carregar, ora me entreguei e, humildemente me recolhi e aceitei não conseguir continuar naquele momento, tentando curar minhas próprias feridas.

Em minha vida pessoal tive proximidade com o tema abordado desde que nasci, o que me fez perceber os movimentos da pesquisa através de uma sensibilidade gerada pela própria experiência e identificação. Busquei evidenciar essa experiência de vida (como filha, irmã, mãe, antropóloga), pois a considero importante na constituição do texto, bem como na forma como adentrei, apreendi e realizei o trabalho de campo.

Vivenciei depressão durante parte do período que estive envolvida com o mestrado. Eu, mais uma entre o alarmante número de alunos de pós-graduação que passam por esta experiência², vivi tempos sombrios durante o período que realizei o trabalho de campo, que ocorrera antes, concomitantemente e após o processo de obtenção dos créditos disciplinares exigidos pelo programa e de escrita da dissertação. Experiências de vida anteriores à academia, pressão e elevado nível de dificuldade para ingressar no programa de pós-graduação, solicitação de bolsa de pesquisa, um primeiro ano atarefado academicamente, visitas a diversas instituições (que apresentarei adiante) e vivências intensas e profundas que o exercício de alteridade me proporcionou na região da Cracolândia em São Paulo: entrei em colapso.

Minha reconstrução psicológica e os passos que tomei conformaram uma caminhada cheia de vida do ingresso ao programa de pós-graduação à última palavra escrita nesta dissertação. O acontecimento de maior impacto aconteceu em setembro de 2016, quando descobri que estava grávida. A maternidade me fez experimentar novos olhares sobre questões antigas, tal qual o tema que estudo: família e crack. A preparação para a chegada do Vicente Luz (meu filho), bem como as experiências físicas e psicológicas que vivi ao longo da gestação,

² Sobre o tema, ver o artigo: GEWIN, V. *Under a cloud: Depression is rife among graduate students and postdocs*. Revista Nature. Nº 490, P. 299-301, Londres, 2012.

Ver também: <<http://www.anpg.org.br/estresse-e-depressao-na-pos-graduacao-uma-realidade-que-a-academia-insiste-em-nao-ver/>>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

amamentação e acolhimento do recém-nascido em minha rotina ora resultaram em grandes avanços na pesquisa, ora a desaceleraram. Foram anos de muita transformação e aprendizado e, por isso, tenho plena consciência de que o texto que segue é resultado de experiência de vida, tanto quanto de leituras e trabalho de campo.

O texto, a quantidade de leituras, o todo deste trabalho, foram marcados pela minha trajetória de vida e da minha forma de enfrentar as pressões acadêmicas. Deixar de iniciar o texto com essas notas seria, para mim, não dar luz a questões de fundamental importância e que precisam entrar para o rol de discussões frequentes nos corredores de nossas universidades, bem como em congressos, nos debates de textos e trabalhos que produzimos, etc: nossas experiências de vidas também estão intrinsecamente presentes na elaboração de um texto de nossa autoria. Para mim, é necessário discutir sobre a importância de nos acolhermos profissionalmente e aprender a lidar com as nossas limitações e as limitações do próprio sistema acadêmico para, só assim, conseguir fazer dele um espaço cada vez mais democrático, inclusive emocionalmente.

Introdução

Na região da Cracolândia³, em momento vespertino de um dia de frio paulistano, fui abordada por uma senhora com uma foto de seu filho nas mãos e uma mochila nas costas. Ela me perguntou se o tinha visto alguma vez na vida, eu disse que não e perguntei há quanto tempo ela o procurava; ela me contou que há quatro anos sai todos os dias nesta busca pelo filho nas ruas do centro de São Paulo. Com olhos marejados, disse-me que seu estímulo para tamanho esforço é algo que ela denomina *amor*.

Assim como essa mãe, é comum, nesta região, ver parentes de usuários de crack⁴ em busca de seus entes queridos; eu geralmente os identificava pelas roupas limpas, o olhar aflito e por levarem consigo fotos de seus familiares ou companheiros que estavam desaparecidos, mostrando-as para os transeuntes. Nestas circunstâncias de busca na rua eu geralmente conseguia algum tempo de conversa, que, às vezes, se tornava um momento de bastante afeto. A mãe descrita acima, por exemplo, me deu a blusa que levava para entregar ao seu filho se porventura o encontrasse naquele dia. A blusa estava limpa, cheirosa, passada e bem dobrada. Esse cuidado com as roupas que levava para entregar ao filho caso o encontrasse, disse-me ela, era o mesmo todos os dias.

³ É uma comunidade conhecida internacionalmente pelo grande número de pessoas que consomem e comercializam crack a céu aberto. Pesquisas (NASSER, 2016 e RUI, 2015, por exemplo) demonstram, em profundidade e descrição que, além das atividades em torno do crack, há também nesta comunidade trocas importantes de cuidados, afetos e relações familiares, por exemplo. Ali há diversos cotidianos intrincados uns aos outros, fazendo do viver e do sobreviver algo possível a partir do convívio. No momento que realizei o trabalho de campo a região da Cracolândia paulistana estava geograficamente demarcada nas imediações da Estação de metrô Júlio Prestes e a Avenida Duque de Caxias. Trata-se, no entanto, de um território urbano que evidencia as disputas políticas em torno do espaço e de seu valor no mercado financeiro e imobiliário; a ver, por exemplo, a última operação realizada na região em maio de 2017 (ver: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/05/22/operacao-surpresa-de-guerra-na-cracolandia-choca-entidades-e-recebe-critica/>; <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/05/25/o-que-ha-por-tras-da-acao-higienista-na-cracolandia/>; <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/acoes-de-doria-na-cracolandia-abrem-caminho-para-o-mercado-imobiliario> - links acessados em 15 de janeiro de 2018). Há anos tem sido uma missão da prefeitura da cidade e do governo do estado de São Paulo valorizar e higienizar o território (nos arredores da Estação Luz e Júlio de Mesquita, Praça Santa Isabel) e, por isso, ali há a constante presença da polícia (principalmente a Militar do estado de São Paulo), além de agentes sociais e de saúde: o Estado se faz presente com políticas que ora focam amparo (em sua maioria com fortes traços conservadores), ora reprimem os usuários de forma a ferir princípios básicos de direitos humanos. Usuários de crack e comerciantes de drogas, familiares de usuários, militantes políticos, religiosos, estudiosos, jornalistas, escritores, curiosos e pessoas que tentam ajudar de alguma forma conformam essa comunidade cuja alocação é móvel.

⁴ Ao longo da dissertação usarei os termos “usuários de crack” e “pessoas que consomem crack”; faço notar, entretanto, que não pretendo com nenhum deles tratar essa condição de forma generalizante, visto que cada pessoa tem uma experiência (física, psicológica e social) e uma intensidade própria de consumo da substância. Minha ressalva com o termo “usuário de crack” é o sentido permanente que a expressão carrega, pois sei que esses indivíduos têm muitos outros atributos além deste.

A intensidade de afetos e desafetos, bem como uma perseverança exaustiva de muitos dos familiares com quem convivi durante o trabalho de campo, foi narrada oralmente, mas também nas sutilezas de uma comunicação que não diz tudo com palavras. Às vezes o olhar, por exemplo, era tão carregado de memórias, traumas, medos e desilusão, que, mais do que a fala, delatava a dimensão dos efeitos dessa vivência nas vidas envolvidas. Certas experiências eu já havia vivido de forma semelhante, outras não; não foram, entretanto, apenas as experiências compartilhadas que me fizeram apreender o que havia de significativo enquanto práticas coletivas, mas também através de emoções com as quais eu conseguia me conectar pelo fato de serem consideradas parte da experiência humana e, por isso, eu pude refletir sobre as mesmas como havendo experimentado ao longo da minha vida. Conseguimos perceber a alegria, a dor, etc., do outro, porque também as sentimos – sejam as circunstâncias parecidas ou não com as de nossos interlocutores de pesquisa.

Joan Scott (1998) escreve sobre a reivindicação feita por pesquisadores sociais (especialmente os historiadores) a respeito de uma legitimidade da experiência que descrevem e percebem a partir de suas próprias. Para a autora, o desafio é expandir o entendimento convencional de evidência, tornando-a visível não apenas a partir do que se é percebido pelo historiador (de forma visual ou visceral), mas também através da análise de como esta experiência é construída. Segundo Scott, quando essa experiência que abarca a observação e o que está sendo observado é tida como a origem do conhecimento, são deixadas de lado “questões sobre a natureza construída da experiência, como assuntos são constituídos como diferentes, como a visão de alguém é estruturada – sobre linguagem (discurso) e história”. Segundo Scott, “a visibilidade da experiência se torna então evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que vêem e atuam no mundo” (p. 302).

Na busca por construir um texto que evidencie as experiências desta maneira mais ampla proposta pela autora, considero importante observar e levar a sério as emoções e os afetos observados e vivências durante o meu trabalho de campo. Foi a partir desta empreitada, por exemplo, que se tornou possível boa parte da compreensão e descrição do esforço de muitos familiares em dar suporte financeiro e/ou emocional à pessoa que em algum momento passa a fazer uso compulsivo de crack e, com isso, passa a gerar conflitos para as pessoas com quem convive. Questões relacionadas ao autocuidado, à vida material/econômica e comportamentos agressivos motivam esses conflitos entre os usuários e seus familiares. Tais conflitos distanciam, em muitos casos, os usuários do seu meio doméstico familiar de origem (para os que o tiveram) e, ao longo destas trajetórias de vida e desses movimentos por diferentes

territórios urbanos, observei referências de domesticidade, cuidado mútuo e afetividade presentes em núcleos familiares que se formam nesses diferentes contextos— a noção de família se atualiza no cotidiano marcado pelo consumo compulsivo de crack, inclusive nos casos de pessoas que em algum momento passam a morar na rua.

Considerando a extensa discussão em torno do parentesco, tema clássico da Antropologia, é importante localizar o leitor quanto às perspectivas que perpassam o tema ao longo desta dissertação. Há, primeiramente, uma preocupação com as substâncias das quais são feitas essas uniões, visto que as relações de família não se dão apenas através da consanguinidade. Como nos mostra Janet Carsten, em sua obra “After Kinship” (2003), as relações de parentesco podem ser pensadas também a partir das possibilidades reflexivas da dicotomia natureza x cultura e, para ela, as noções de casa, de cuidado e afeto, por exemplo, são fundamentais para pensar o parentesco e a família contemporânea.

Ao expandir a reflexão de família para além dos laços sanguíneos, a atenção aos discursos, às relações de poder e aos símbolos e representações sociais me foram fundamentais na elaboração desta pesquisa. Quero com isso dizer que a noção de família, como tema central da dissertação, perpassa todas as análises que possibilitaram esta etnografia; no entanto, não há intenção de trabalhar com uma definição específica. Tenho consciência da impossibilidade de apreender todas as formas dessa noção; mas esta dissertação pretende apresentar o entrecruzamento de vidas, a partir de um texto que enfoca relações cotidianas que deram forma às perguntas e novas respostas proporcionadas por esta pesquisa. No intuito de escrever sobre o tema família sem defini-la, proponho ao leitor que me acompanhe pelas narrativas e descrições etnográficas ao longo da dissertação. A reflexão, neste sentido, se dará na interpretação das dinâmicas relacionais cotidianas e das relações de poder (inclusive a relação pesquisadora x pesquisado) que abarcam as trajetórias de vida observadas. Para tanto, pretendo evidenciar quando analiso e discorro enquanto pesquisadora sobre o tema e quando isso é feito por meus interlocutores de pesquisa⁵.

Mesmo não objetivando defini-la, a noção de família foi muitas vezes acompanhada por descrições que remetem a uma primeira instância socializadora: um conjunto de pessoas que fazem parte da convivência que um indivíduo se denomina vinculado desde o nascimento ou desde a infância até o tempo que se faz suportável e viável (mesmo que como referência de algo indesejado, do qual se revelam ressentimentos, mágoa, raiva e distância). A constituição

⁵ Em termos textuais, a estratégia adotada será informar o leitor quanto aos meus grifos ao longo desta dissertação: 1- *itálico* para os termos êmicos e 2- aspas para coloquialismos, intervenções minhas no texto e expressões e conceitos de terceiros, sobre quem farei menção no próprio texto.

desta família de origem é geralmente de pais, mães, irmãos e irmãs, além da família estendida: tios, tias, avós, etc. Essas relações nem sempre são consanguíneas, muitas vezes são *famílias por consideração*. Ou seja, para pensar essa família de origem não tomo apenas o descrito pela Lei, pois muitas não têm sua legitimidade no papel impresso pelo conselho tutelar ou certidão de nascimento, e sim nas relações cotidianas, no convívio e nas trocas de cuidados. O tempo da formulação de leis não acompanha a fluidez dessas relações na vida sendo vivida pelas pessoas.

As formas domésticas e de convívio da família de origem são variadas, além de suas constituições: pai e mãe, mãe e avó que criam sozinhas, etc. Doravante utilizarei o termo “de origem” à família neste sentido, o da *criação*, independente da relação consanguínea. Essas famílias de origem são, geralmente, instâncias que perpassam as vidas dos usuários em termos de apoio financeiro e/ou emocional. Entretanto, mesmo quando não há esse apoio, ou ainda, quando há rancor, raiva e distanciamento entre o usuário e ela, as memórias atreladas a este termo marcam a atualização dessa noção na vida cotidiana desses indivíduos em outros contextos (o de uso, por exemplo).

Considerando as múltiplas possibilidades de interpretação da noção de família, apenas considerações textuais não são o suficiente para descrever suas facetas. Assim, a reflexão constante sobre o tema é fundamental para evidenciar, entre suas muitas características, seu caráter dinâmico, afetivo e também político nas relações vivenciadas durante o trabalho de campo. Os valores morais e as representações sociais concatenadas nesta noção e suas implicações nas vidas cotidianas de meus interlocutores de pesquisa são contextuais e marcadas por relações de poder. Dessa forma, o termo *família* tomou dimensões e produziu efeitos diversos nos discursos observados e analisados em cada um dos espaços nos quais fiz pesquisa.

Nas comunidades terapêuticas que visitei em Campinas e São Miguel Arçanjo (ambas no estado de São Paulo), por exemplo, a família de origem ocupa lugar de relevância na construção da *recuperação do interno*. O 8º e o 9º itens dos “Doze passos⁶” - que são os

⁶ Os 12 passos dos Narcóticos Anônimos:

1º. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontrolláveis.

2º. Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.

3º. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.

4º. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

5º. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

6º. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7º. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.

8º. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.

9º. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando faze-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.

10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

princípios filosóficos dos Narcóticos Anônimos⁷ - são também exortados nesses tratamentos. O ensinamento é que os usuários devem fazer um inventário das pessoas que magoaram durante sua trajetória de consumo e também devem se reparar com elas. Durante as leituras coletivas e conversas sobre os 12 passos que presenciei, esses itens encorajavam horas de conversas sobre memórias e arrependimentos nas suas relações familiares. Família nessas instituições foi todo o tempo descrita como necessária para uma vida saudável, um ponto de apoio para a *recuperação dos usuários* e também como responsável por este indivíduo.

É fundamental a importância da família também nos discursos e ações de políticas públicas do Estado em relação aos usuários de crack e, nessas, observei que a noção é tomada como um “porto-seguro”, ponto de regresso (o que nem sempre é possível, na realidade) e, fundamentalmente, como essa instituição é responsabilizada pela manutenção da vida dos usuários. Na Cracolândia, observei duas dessas políticas: o programa “De Braços Abertos” da prefeitura de São Paulo⁸ e o Programa Recomeço⁹. Em ambos, os trabalhadores dos projetos estão sendo sempre instruídos a abordarem os usuários com relação as suas famílias e incentivarem o contato e, quando possível, o regresso deles a este convívio.

Há uma diferença fundamental, no entanto: enquanto no primeiro programa era priorizada a redução dos danos físicos e emocionais causados pelo consumo regular de crack, o segundo exorta a abstinência como único caminho para uma vida “melhor”. A diferença entre essas duas abordagens fica aparente quando se observa o respeito e valorização que os assistentes sociais do programa “De Braços Abertos” tinham com a vida cotidiana desses

11º. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.

12º. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Conteúdo encontrado no site da instituição: http://www.na.org.br/os_12_passos_de_narcoticos_anonimos.html. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

⁷ Trata-se de uma associação sem fins lucrativos e mundialmente conhecida no tratamento de *consumo abusivo de álcool e drogas*.

⁸ Programa que, mesmo sendo aclamado por especialistas, foi encerrado pelo então prefeito da cidade João Dória. Para maiores informações, ver: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/10/1825546-doria-extingui-programa-mas-mantera-aco-es-anticrack-de-haddad.shtml> e <http://www.viomundo.com.br/denuncias/entidades-repudiam-fim-do-bracos-abertos-doria-e-alcmin-buscam-lucrar-com-o-higienismo-em-detrimento-da-vida-humana-veja-videos.html>. Acesso em 25 de janeiro de 2018.

⁹ Segundo o site do programa: “O **Programa Recomeço** é uma iniciativa do governo do Estado de São Paulo para ajudar os dependentes químicos, principalmente os usuários de crack, oferecendo tratamento e acompanhamento multiprofissional ao paciente e aos seus familiares. As ações são coordenadas entre as Secretarias Estaduais da Saúde, da Justiça e Defesa da Cidadania e do Desenvolvimento Social e facilitam o acesso ao tratamento médico e apoio social e, quando necessário, a internação dos dependentes em centro de referência, incluindo comunidades terapêuticas e moradias assistidas. O trabalho também é integrado com o Poder Judiciário, com a participação do Ministério Público, da Defensoria Pública e da Ordem dos Advogados do Brasil, que acompanham os trabalhos e os casos que precisam do apoio ou intervenção destes organismos.” Informação disponível em < <http://programarecomeco.sp.gov.br/sobre-o-programa/>>, acesso em 26 de julho de 2016.

indivíduos que conformam a comunidade da Cracolândia. Eles proporcionam maneiras de diminuir os danos causados pelo consumo compulsivo da substância, mantendo-se atentos a ouvir e valorizar o que para esses indivíduos tem valor em seus cotidianos: seus objetos, suas relações, seus desejos e sentimentos.

Assim, se no programa Recomeço a família é colocada como instância inegociavelmente fundamental para a recuperação do indivíduo (considerando a ênfase que comunidades terapêuticas e clínicas de recuperação dão a ela), no programa “De Braços Abertos” havia maior atenção aos possíveis desgastes nestas relações. Desgastes estes geralmente relacionados ao convívio que o beneficiário do programa costumava ter com sua família, em meio ao desejo compulsivo pelo crack, o que comumente gerava conflitos psicológicos, emocionais e mesmo físicos no ambiente doméstico. Atentando-se a estes aspectos das relações familiares, a assistência social do programa nem sempre incentivava o retorno à família de origem, mas proporcionava também a opção de moradia na região, alimentação, trabalho e assistência médica. Com estes cuidados, o indivíduo estava empoderado a ponto de ter opção de visitar ou não a sua família de origem, não dependendo deles para a sobrevivência e, com isso, gerando menos conflitos entre eles. Essa opção de ficar na região era muito importante também para aqueles que constituíam novas famílias ali: casavam-se, tinham filhos ou tinham amigos tão próximos que os chamavam de *irmãos (as)*; nestes casos, ter um lugar para chamar de *casa* era fundamental.

No albergue da prefeitura de Campinas, o SAMIM (Serviço de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante, doravante apenas SAMIM), a família é central na formulação da política de atendimento. Assim que os usuários solicitam usufruir o serviço prestado, a assistência social informa que não poderão ficar mais do que alguns dias e que devem retornar aos seus “familiares”. Eles, inclusive, oferecem transporte de “regresso” se conseguem contato telefônico com algum familiar que confirme a história do usuário. No entanto, esse “regresso” já não é uma possibilidade para a maior parte deles, principalmente os *trecheiros* (pessoas que comutam de cidade em cidade, sem residência fixa). Estas perspectivas adotadas pelas políticas de atendimento aos usuários de crack são o alicerce do posicionamento do Estado frente à dinâmica de caráter privado familiar: incentiva-se o enclausuramento do sofrimento e violência que envolve muitos desses convívios domésticos entre família e usuário de crack. Em múltiplas ocasiões observei que essa convivência é dolorosa e palco de inúmeras violências que explicitam um desamparo do próprio Estado.

Já em espaços de consumo de crack e com participantes do programa da prefeitura da cidade de São Paulo, o “De Braços Abertos”, as referências à família são muitas vezes a de

convívio nestes mesmos espaços, ou seja, *famílias de consideração* ou amigos e conhecidos com quem se pode manter laços de cuidados e confiança. Em muitos casos a *família de sangue* ou de *criação* do usuário é deixada num passado distante desta “*situação*”¹⁰, mas em muitos outros ela é um espaço de convivência esporádica e de muito afeto. Ouvi histórias de rompimentos e conflitos entre pessoas que consomem crack e seus familiares e, a partir desses relatos, muitas delas se denominaram *sós no mundo*. Esses rompimentos ou o contrário, o suporte familiar, estimulam movimentações espaciais desses indivíduos por casas, instituições, ruas, etc.

Sobre os cuidados e as desconfianças

As aproximações são, assim, conjunturais, situacionais, e estão baseadas na afinidade mútua. Não há entre esses usuários uma igualdade de condições que agregue a todos em um agrupamento fixo. (...) Diante de tais observações, considero que esses instantâneos contratos de ajuda mútua são importantes para discutir com argumentos que veem o crack como detonador de laços sociais – formulados algumas vezes, a meu ver, de forma apressada até por cientistas sociais. (...) Suas práticas em tais cenários, contudo, questionam essa locução comum. Como pude notar nos contextos de uso, tais laços, ainda que fugazes e sempre abertos a reavaliações, são fundamentais para a sobrevivência física dos usuários. (RUI, 2014:158)

As etnografias de Taniele Rui (2014) e Bourgois e Schonberg (2009) descrevem aspectos das vivências de usuários de crack e heroína no Brasil e nos Estados Unidos, respectivamente, que se confirmam também nesta pesquisa. Em ambas as obras a análise se preocupa com o que as substâncias produzem em termos de relações humanas na vida cotidiana, o que é o contrário de descrever as mazelas sociais desta população sem considerar a possibilidade criativa e criadora que essas pessoas têm sobre suas próprias sobrevivências. As descrições desses autores me inspiram no que tange às reflexões sobre relações econômicas, espaciais e políticas imbricadas nesses cotidianos, bem como sobre as análises do cuidado de si, dos movimentos e das tramas nas quais são tecidas as conexões humanas nos cenários de consumo de crack e heroína.

O diálogo explícito ou implícito com estes autores está presente em toda esta dissertação. Para esta introdução, entretanto, destaco o aspecto da *(des) confiança* como fator marcadamente importante nas relações interpessoais compartilhadas no cotidiano de consumo

¹⁰ Termo êmico refletido por Taniele Rui que, ao concordar com Butler (2002) sobre “o fato de que os discursos habitam e se acomodam em corpos”, nos mostra como “apenas apontando ou indicando a si mesmos, os usuários encontraram um jeito de *dizerem* tudo” (RUI, 2014: 282).

de crack ou heroína. No caso de Bourgois e Schonberg, as análises sobre economia moral demonstram uma linha tênue entre a desconfiança e o compartilhamento material no cotidiano do que eles chamam de uma comunidade de “corpos adictos” (2009:5). Todavia, essa comunidade não é feita senão com muita acusação de “perda de controle”. O título da obra (*Righteous dopefiend*¹¹) e a primeira frase do livro (“Não há nada de justo nos viciados. Eles são cuzões; eles vão te ferrar. Não há nada de agradável nessa vida”¹²), que é a transcrição de algo dito por um de seus interlocutores de pesquisa, usuário de heroína, dizem respeito a esse jogo de desconfianças e acusações que marcam a vivência desta comunidade.

Segundo Taniele Rui, essas acusações estão imbricadas também na ideia de que há “algum tipo de disposição individual necessária tanto para o uso quanto para a reabilitação” (2014: 328), havendo sempre uma fronteira entre quem consegue manter ou não o controle. A fragilidade da ideia de “liberdade das margens”, corpos e vidas transgressoras e rebeldes, neste contexto, se revela nas ameaças do cruzamento de fronteiras entre o “eu” e o “outro” que estão entrelaçadas às questões de autocontrole. Também revelam uma produção muito intensa de fracassos através da força de projetos discursivos. Isso se expande para a ambiguidade do agir frente a tal condição e, segundo Rui, “diante da ameaça e do perigo de cruzar a fronteira, as nossas reações só podem ficar demasiado confusas: da comisseração à tutela, da legitimidade do sofrimento ao seu descrédito, da luta política à responsabilização individual, da violência ao riso” (2014: 328). Esse projeto discursivo, concomitantemente à vulnerabilidade multifacetada presente nas trajetórias no crack, são características importantes ao pensar as relações de cuidado mútuo que se desfazem, mas também se formam em novos núcleos e novas formas de convívio.

Certa vez visitei um hotel do “De Braços Abertos” – hotel que hoje já não existe mais; destruído em 2017 por um incêndio¹³ - que era aconchegante e conhecido na região como referência no atendimento aos beneficiários do programa¹⁴, por ser bem cuidado pela

¹¹ Termos de difícil tradução para mim, sentido aproximado: “Viciados honrados”.

¹² Tradução minha, no original: “There is nothing righteous about dopefiends. They’re assholes; they’ll screw you. There is nothing enjoyable about this life.” (BOURGOIS & SCHONBERG, 2009:1)

¹³ Para saber mais: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/05/hotel-demolido-na-cracolandia-tinha-historia-e-foi-tema-de-documentario>>; <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/incendio-atinge-pensao-na-cracolandia.ghtml>>; <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/usuarios-sao-realocados-apos-fogo-destruir-pensao-modelo-de-programa-na-cracolandia.ghtml>> Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

¹⁴ O sensível artigo de Juliana Faddul, intitulado “Grande hotel laid”, descreve bem o local. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/grande-hotel-laid/>>. Para saber mais, visite: <<https://revistacult.uol.com.br/home/em-hotel-laide-a-cracolandia-narrada-de-dentro/>>; <<http://maryjuana.com.br/2017/05/hotel-laide-documentario-exibe-cracolandia-que-a-prefeitura-de-sp-ignora/>>; <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1885726-documentario-mostra-vida-de-usuaria-de-crack-em-pensao-na-cracolandia.shtml>>. Links acessados em 10 de janeiro de 2018.

proprietária e ter *cara de casa*. Na sala de convivência, onde também era a recepção, ficava a televisão e, nesta visita, estávamos Chokito, Marcelo, outros dois rapazes (de quem não era próxima) e eu. Marcelo comia salgadinho e bebia refrigerante que compartilhava apenas com Chokito, quem considera seu *irmão*, e comigo.

Na televisão passava o filme “O gato de botas” e uma cena despertou a euforia geral: o gato estava orgulhoso por ter ganhado dos cidadãos da cidade suas botas para destacá-lo como herói e por isso estava num processo de convencer seu melhor amigo que ele não iria mais roubar em parceria, mas que continuariam sendo amigos. No entanto, o “amigo” armou um jeito do Gato de botas ajudá-lo sem saber que estavam roubando; mas eles foram flagrados e tiveram que fugir da polícia. Ao perceber a astúcia do colega que o enganou e sentindo-se traído, Gato de Botas rompeu com ele durante a fuga. Os rapazes comigo na sala comentaram: “-olha o cara arrastando o Gato de botas, que malandragem!”. Entendi em seguida que *arrastar*, termo que já havia ouvido muitas vezes, significa atrapalhar, trapacear, trair a *confiança* de alguém. O alto volume da televisão competiu com o tom e a efervescência que o tema provocou na sala. O efeito de multidão produzido pela cena e a identificação com a trama demonstrou uma conexão entre eles que o lazer doméstico, o compartilhamento do ambiente e a convivência produzia cotidianamente. A *desconfiança* está também aí marcada: o compartilhamento de alimentos não é entre todos (mas sim especificamente com o *irmão de consideração* e eu, de “fora”), e a traição exposta no filme é deplorada.

O hotel era localizado em uma rua com efervescência social em torno do consumo e comércio de crack e era usado pelos seus usuários como um espaço para voltar, banhar-se, alimentar-se, cuidar do corpo e dormir – por isso é a casa deles, segundo meus interlocutores de pesquisa. A permanência no hotel sempre dependeu da estabilidade ou instabilidade do programa da prefeitura, mas o fato que os tranquilizava é que, quando precisavam, podiam sair da rua e ir para um espaço de recolhimento e cuidar de si.

Neste espaço, assim como quando remontamos memórias de convivência doméstica entre pessoas de qualquer sorte, havia conflitos de interesses que, às vezes, estavam atrelados ao compartilhamento do próprio espaço (como limpeza, barulho, consumo de drogas, cuidado com crianças, etc.) e, às vezes, são trazidos de fora do hotel, da rua (como brigas com terceiros, dívidas com comerciantes de drogas ou erros de conduta no crime, por exemplo). Além disso, há as muitas outras dimensões das trajetórias individuais de vida dos que compartilham o hotel: há depressão, ansiedade, espiritualidade e religiosidade, conexões com “familiares”, relação com a lei, amores, filhos, medos, alegrias, raiva, etc. Ou seja, trata-se de

um espaço de entrecruzamento de vidas, e a recepção foi o local que me possibilitou observar a convivência, os conflitos, as conexões e desconexões entre os hóspedes.

Se, por um lado, espera-se que o cuidado seja mútuo entre pessoas que se relacionam em locais de uso de crack (onde a desconfiança, paradoxalmente, também marca acirradamente as relações), no caso das “famílias”, quando elas não fazem parte do mesmo contexto, essa mutualidade desaparece. Nestes casos, as famílias costumam assumir muito mais a posição de cuidado e, nesse sentido, essa noção se apresentou como um dos temas centrais nesta empreitada.

Em Antropologia, o debate sobre o que é cuidado e sua extensão é amplo, como nos mostram Helena Hirata e Nadya Araujo Guimarães na introdução à obra *Cuidado e Cuidadoras* (2012). As autoras apontam como facetas do cuidado a solicitude, a atenção ao outro, o cuidar enquanto prática ou disposição moral e também as dimensões políticas atreladas a este tema. Pascale Molinier, nesta mesma obra, sublinha a dimensão ética do cuidado: ao evidenciar que somos, nós humanos, todos dependentes em alguma instância um do outro, a autora descreve o trabalho de cuidar como um trabalho social. Por essa razão a sua dimensão ética é tão relevante: se a deixarmos de lado, a invisibilidade desse tipo de trabalho prevalecerá sobre a possibilidade de políticas voltadas ao mesmo.

Segundo Angelo Soares (2012), falar sobre as interações no trabalho de cuidar é falar também de: “relações desiguais perpassadas por assimetrias socialmente estabelecidas de gênero, idade, classe social, raça e etnia, que se recobrem parcialmente, que implicam um exercício de poder e exigem qualificações específicas” (SOARES, 2012: 45). Nem sempre as relações de cuidado aos usuários de crack são remuneradas, como nos casos analisados por Soares, ou mesmo se encaixam na perspectiva de trabalho desses autores citados, mas também pude notar essas assimetrias entre os interlocutores de minha pesquisa. O cuidado dos familiares abrange todas as dimensões do que Angelo Soares descreve como relacionadas ao trabalho de cuidar; a sua dimensão emocional, em especial, sobrecarrega cotidianos marcados por manipulações, ameaças, violências domésticas e muita depressão por parte dos usuários.

Kathleen Woodward (2012) apresenta as questões de gênero, raça e classe social em torno do cuidado de idosos frágeis como um segredo público que deve ser revelado para que, assim, possam ser pensadas políticas públicas que atendam tanto os cuidados como os cuidadores. Observando o abandono social e a invisibilidade do trabalho de cuidar que recai sob as égides da família que convive com pessoas que estão envoltas em um ciclo de fissura¹⁵,

¹⁵ Fissura é um termo empregado em estudos da área médica, de humanas e também é um termoêmico para descrever o desejo extremo, muitas vezes descrito pelos usuários como incontrolável, do consumo de crack.

percebo a mesma necessidade de revelar, tomando emprestado o termo da autora, um segredo público. Além deste abandono social, é observável também uma acusação de fracasso “familiar”, principalmente nos casos em que há a expulsão do que consome crack do seu primeiro meio doméstico (por causa de seus atos violentos: verbais, emocionais e físicos; por causa do roubo doméstico frequente e porque, em alguns casos, o usuário domina todo o ambiente com sua ansiedade e com seus conflitos emocionais causados pela *fissura*).

Ao olhar para as relações de cuidado e de desconfiança, pretendo colocar em cena discursos e vivências em ambos os aspectos: dos “familiares” que convivem ou se afastam do outro que consome crack e também da noção de família em suas diversas manifestações em outros espaços de circulação desses usuários.

O campo

As relações de cuidado às pessoas que consomem crack se estendem por uma rede de afetos, casas e referências familiares, mas também por uma rede de instituições e políticas públicas. Neste sentido, meu campo encontrou as mesmas questões apresentadas por Taniele Rui em sua reflexão sobre a circulação dos usuários de crack como “problema político-urbano” (RUI, 2014: 269). A autora nos descreve, ao longo de sua obra, relações de vigilância e cuidado destinadas a essa população e descreve gestões apontando para o fato de que elas “elegem os noias como alteridade radical, cuja circulação no espaço precisa ser administrada. Geri-los implica em alocá-los em determinados espaços e circunscrever seus trânsitos” (RUI, 2014: 270).

Essa gestão da circulação, segundo a autora, está associada às acusações de perda de controle desses indivíduos sobre seus próprios corpos, seu consumo e sua vida. Segundo Rui (2014: 270), “a suposição de ter perdido o controle vem acompanhada da suposição e do risco de que os outros também percam o controle sobre eles – o que, em certa medida, pode ajudar a explicar o porquê de tanta gestão”. Neste sentido, a autora revela novamente a “força de um projeto discursivo”.

Foi à luz desta análise que providenciei minha própria circulação em campo – que iniciou durante minha graduação, estendendo-se até o mestrado. Procurando ter acesso também aos familiares, comecei por instituições abertas a este público: a ONG Amor Exigente em Campinas e o CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) de Jundiaí e Campinas. Na primeira, fui acolhida e participei de reuniões em grupo de apoio mútuo que aconteciam uma vez por semana. Já no CAPS AD de Campinas encontrei muitos entraves, entre

eles ter que entregar uma longa lista de documentos – que incluía a submissão desta pesquisa ao comitê de ética da UNICAMP, que foi aprovada¹⁶. Depois de alguns meses da entrega dos documentos e espera, desisti de aguardar pela resposta (que nunca veio). Já o Caps AD de Jundiaí me possibilitou realizar duas visitas; pude conhecer as reuniões e o seu funcionamento, mas depois de um mês de espera me disseram que eu não poderia fazer a pesquisa no local, pois eles não teriam a estrutura necessária para me receber. Entretanto, três anos depois do começo da pesquisa, ainda durante a Iniciação Científica¹⁷, em 2013, tive a oportunidade de frequentar em outro CAPS as reuniões de apoio mútuo em grupo para familiares de usuários de álcool e outras drogas, desta vez na cidade de Hortolândia.

A maior parte do trabalho de campo que fiz com os familiares foi a partir de visitas à ONG Amor Exigente. Além de conhecer a sede da instituição, também frequentei encontros promovidos em uma comunidade terapêutica em São Miguel Arcanjo (cidade do interior do estado de São Paulo), onde tive um irmão internado. Conheci também familiares também na região da Cracolândia.

Depois de contato com os familiares, decidi por conhecer espaços de circulação também das pessoas de quem se falava nesses encontros, geralmente filhos, mas também pais e mães, irmãos. O primeiro destes contatos foi através do albergue de campinas, o SAMIM, onde obtive total acesso aos usuários do serviço. À época em que tive a então bolsa de Iniciação Científica renovada, tive oportunidade de fazer trabalho de campo também no “Instituto Padre Haroldo” durante um ano, participando das aulas de Educação para Jovens e Adultos da prefeitura de Campinas, ministrada diariamente na instituição.

No início do mestrado, em 2015, fui convidada pela Profa. Dra. Taniele Rui a aplicar questionários de uma pesquisa com a qual ela estava envolvida, sobre o programa municipal da prefeitura de São Paulo “De Braços Abertos”¹⁸, trabalho que rendeu um Relatório de Avaliação Preliminar do Programa “Braços Abertos” (2016). Prontamente aproveitei a oportunidade e passei a realizar ali também o meu próprio trabalho de campo por cerca de seis

¹⁶ Certificado de Apreciação Ética “CAAE”: 24350413.7.0000.5404, em 17/01/2014.

¹⁷ Fui contemplada pela bolsa de Iniciação Científica da quota PIBIC SAE 2013/2014; bem como pude contar com o auxílio da quota PIBIC CNPq 2014/2015. Ambas as propostas de pesquisa vislumbravam relativizar as relacionalidades que envolvem o tema família dentro deste contexto, a importância dos objetos para enriquecer a análise das relações sociais que envolvem os usuários e seus familiares e a importância de uma metodologia que aproximasse mais o pesquisador aos seus interlocutores, de maneira a conseguir rastrear situações, redes e sociabilidades. Parte dos preparativos para essa pesquisa de mestrado foi realizada durante esses períodos de Iniciação Científica, que se prolongaram até o ano de 2016. Farei referências a essa pesquisa quando for o caso. As informações etnográficas assinaladas em datas anteriores a 2016 fazem referência à pesquisa realizada durante a iniciação científica.

¹⁸ Pesquisa esta que resultou na publicação do relatório intitulado “Relatório da pesquisa de avaliação preliminar do programa ‘Braços Abertos’”, pela Plataforma Brasileira de Política de Drogas (2016).

meses. De todos os lugares que eu havia passado, este foi o que mais me impactou e transformou minha vida, meu sentir e meu olhar no mundo.

O trabalho de campo me transformou; a diversidade e a criatividade humana ao viver o cotidiano fizeram me sentir, a partir de uma dor amarga que essa relação de alteridade me proporcionou, infinitamente limitada para descrever a realidade social como possível de ser apreendida por completo, como um todo coerente – esta dissertação é uma oportunidade de lidar com esses desafios.

Questões de posição afetiva

A relação entre o pesquisador e o pesquisado, bem como de um indivíduo qualquer e o outro, tem dinâmica própria e reflete posições sociais, afetos, emoções, trajetórias de vida e uma sinergia intrínseca ao momento do encontro. Renato Rosaldo, em sua obra “Cultura y verdad: la reconstrucción del análisis social” (2000), reflete sobre essa questão quando remonta sua trajetória de pesquisa. O autor encontra na aflição e na dor a causa da ira que impulsionara os Ilongot à decapitação como parte de seu processo de luto. Para tanto, além das observações que o autor fez em campo com relação aos rituais funerários, a sensibilidade do etnógrafo foi fundamental, pois foi ela que possibilitou sua análise sobre as relações vividas em campo em suas dimensões emocionais; para ele, “as ciências humanas devem explorar a força cultural das emoções, com o intuito de delinear as paixões que animam certas formas da conduta humana”¹⁹.

Segundo o autor, essa força cultural das emoções precisa também ser apreendida como aspecto fundamental da posição do próprio etnógrafo, pois, assim como os marcadores sociais (idade, gênero e classe social, por exemplo), “a noção de posição também se refere a como as experiências de vida permitem e impedem certos tipos de explicações”²⁰. Na trajetória de vida do próprio autor foi a experiência de dor causada pela morte de sua esposa durante a estadia de ambos nas Filipinas, local de suas pesquisas, o evento que transformou a sua posição no trabalho de campo. Foi a partir de seu próprio processo de luto que surgiram novas possibilidades reflexivas sobre o fenômeno cultural da decapitação entre os Ilongot.

As reflexões de Rosaldo foram importantes nas análises metodológicas desta pesquisa em dois aspectos apresentados, respectivamente, por ele: 1- as experiências de vida do

¹⁹ Tradução minha, no original: “Las ciencias humanas deben explorar la fuerza cultural de las emociones, con miras a delinear las pasiones que animan ciertas formas de la conducta humana” (ROSALDO, 2000: 39).

²⁰ Tradução minha, no original: “La noción de posición también se refiere a cómo las experiencias de vida permiten e impiden ciertos tipos de explicación.” (ROSALDO, 2000: 40).

antropólogo também constituem o processo de conhecimento do Outro e as próprias relações intersubjetivas estabelecidas durante o trabalho de campo; e 2- ter passado por experiências próximas e familiares àquelas vividas pelos interlocutores de pesquisa (visto que meu próprio irmão consome crack) possibilita uma comunicação específica com eles, o que dá forma às minhas percepções e às minhas habilidades enquanto antropóloga.

Se, por um lado, atentar-me ao meu lugar enquanto pesquisadora em campo foi importante, interpretar esse lugar e como ele afeta a minha relação com meus interlocutores de pesquisa também foi fundamental. Em “Improvising Theory: Process and Temporality in Ethnographic Fieldwork” (2007), Allaine Cerwonka e Liisa Malkki apresentam uma análise da comunicação escrita que mantiveram como parte do processo de suas pesquisas. Ao utilizarem o material para dar aula, perceberam que seus “desabafos” entre amigas e colegas de trabalho diziam muito sobre a necessidade de improvisação e sensibilidade por parte do pesquisador durante o trabalho de campo. Cerwonka, na introdução à obra, nos convida a refletir sobre como o cotidiano e as relações possíveis em um contexto de pesquisa, assim como na vida, são passíveis de inúmeras surpresas e imprevisibilidades - tanto pelos eventos no trabalho de campo, como pela subjetividade do próprio antropólogo (sua história, sua posição social). A autora sugere que vejamos a produção do conhecimento como um “flexível, criativo e historicamente influenciado processo” (CERWONKA E MALKKI, 2007:23).

Cerwonka e Malkki desafiam os limites das generalizações sociológicas e dos métodos de pesquisa que supervalorizam a apreensão das representações sociais e a objetividade na produção científica. Malkki, no último capítulo do livro, por exemplo, compara a improvisação necessária para a realização do trabalho de campo ao da improvisação no jazz: as leituras, as discussões com outros antropólogos, a trajetória de vida e a sensibilidade do etnógrafo são alguns dos elementos de “preparação” para o trabalho de campo. Segundo as autoras, não há como prever e planejar o trabalho de campo por completo, “o ponto principal aqui é que geralmente o trabalho de campo antropológico não é uma simples questão de trabalho. A prática etnográfica de pesquisa é uma forma de estar no mundo. Isso envolve os sentidos e emoções, e leva tempo. É nesse dia-a-dia mundano que questões éticas surgem na pesquisa etnográfica” (CERWONKA E MALKKI, 2007:178)²¹.

²¹ Tradução minha, no original: “The broad point here is that anthropological fieldwork is not usually a straightforward matter of working. It is also a matter of living. Ethnographic research practice is a way of being in the world. All this engages the senses and emotions, and it takes time. It is in this mundane, day-to-day way that the question of ethics emerges in ethnographic research, as the correspondence shows.”

Em contextos de uso que pesquisei (ruas de Sorocaba e São Paulo) presenciei a expressão de diversos tipos de humores e tive que lidar com diversos tipos de personalidades. Atenção minuciosa à minha conduta e posição social foi fundamental na interpretação dos tipos de relações que estabeleci com cada um de meus interlocutores de pesquisa. Análises de relações de poder, que ao longo do trabalho de campo se tornaram mais instantâneas, foram eficazes para que pudesse acessar certos tipos de informação: ficaram claros os efeitos de minha posição como pesquisadora mulher, jovem, branca, etc.

Quando imaginei estar mais experiente com relação a estas instantâneas análises, depois de alguns meses de pesquisa, a seguinte cena me confrontou como pesquisadora²²: eu estava conversando com uma senhora que se aproximou de mim pela primeira vez. Animada, depois de me contar algumas histórias, me abraçou e foi embora. Seu conhecido, que passava perto de nós naquela hora, se aproximou e exigiu de mim o mesmo tratamento. Ele me pediu um abraço, eu falei que não daria, ele começou a gritar, me pressionar, e eu fiquei com medo e acabei por abraça-lo para poder ir embora. Era a hora do *rapa*²³ (momento de bastante movimentação no local), eu estava perto de uma assistente social do programa “De Braços Abertos”, de oito policiais (seis homens e duas mulheres), agentes de saúde, homens que faziam o serviço de limpeza, comerciantes de drogas e os usuários, ou seja, próxima de muita gente. Toda essa multidão o viu me agarrar de tal forma que precisei falar mais alto e fazer força para sair dos seus braços. Ele estava com um cheiro forte de dias sem tomar banho e esfregou com força sua barba no meu pescoço e no meu rosto enquanto eu fazia força para me desatar de seu “abraço”.

A hora que saí daquela situação olhei para o lado: a assistente social tinha sumido e ninguém parecia ter percebido o que havia acabado de acontecer. Pensei: “- estão fingindo que não viram nada”. Conversando com outras pessoas, cheguei à conclusão de que talvez tivesse sido pior se alguém me houvesse protegido, pois aquele evento poderia ter gerado uma confusão enorme, violência, cobrança; eu ganharia um destaque que me daria trabalho circunscrever ao evento. Falei com a assistente social que desapareceu na hora do ocorrido e sua recomendação foi a de que eu prestasse mais atenção quando aquele homem me abordasse, pois ele “costuma agarrar mulheres”.

²² Diário de campo, 23/09/2015.

²³ *Rapa*, termo êmico, era a limpeza organizada pela prefeitura de São Paulo que acontecia três vezes ao dia: uma pela manhã, outra no meio da tarde e ao início da noite, e tinha seu funcionamento negociado entre as diferentes instâncias de poder da região (comércio de drogas, polícia, usuários e comércio legal, por exemplo). Quando o *rapa* chegava, as pessoas esvaziavam a Rua Dino Bueno e aguardavam a limpeza na Alameda Glete.

Hoje penso que esse evento deu forma às minhas idas subsequentes a contextos de uso na rua. Percebi que, apesar de fazer algum tempo que eu estava frequentando aquele espaço, eu ainda estava vulnerável a eventos com os quais eu poderia não conseguir me posicionar de maneira segura. As relações que mantive durante o trabalho de campo nestes contextos foram muitas vezes conflituosas, por isso precisei construir um lugar seguro para mim (ao menos no campo das ideias e da reflexão), para que os eventos me surpreendessem o mínimo possível em termos de segurança física e psicológica. Ou seja, percebi que o trabalho de campo está sempre em construção.

De maneira agressiva, esta cena evidencia também uma série de ambiguidades e conflitos de poder: todos os agentes sociais (polícia, saúde, limpeza e comércio de drogas) optaram por não interferir no conflito para que a ação não acionasse a disputa que os envolve; a minha posição de antropóloga, acrescentada à minha posição de gênero, não me garantiu segurança e eu fiquei temporariamente rendida ao agressor. Por outro lado, havia um limite nessa agressão, que eu não descobri qual era, pois resolvi sozinha; isto porque a mesma posição de antropóloga, deslocada de grupos, que me colocou em posição desfavorável frente ao agressor, teria eventualmente me protegido, caso tivesse sido necessária a intervenção de algum agente regional, pois muitos deles me conheciam.

Esse foi um caso extremo, mas aponte em meus diários de campo diversos possíveis interlocutores com quem não tive oportunidade de aproximação por algum olhar, palavra, jeito de andar, vestir ou até rir, meus, que não lhes inspirou *confiança*; mas também o inverso aconteceu: deixei de me aproximar quando não confiei ou não achei coerente estar perto. A *confiança* pode estar também atrelada a uma série de marcadores sociais, tais como gênero, raça, classe e idade; características como a cor de pele, a aparência, as roupas usadas, mas, fundamentalmente, as relações de poder, têm uma grande importância em como as relações estabelecidas em campo são constituídas. Se nem sempre, ao longo do texto, deixo evidentes essas posições que marcaram as relações em campo (visto que seria necessário ainda mais tempo e espaço para tanto), considero importante evidenciar que o resultado do trabalho contempla as diversas facetas da relação pesquisador x pesquisado – uma vez que isso foi crucial para minha movimentação em campo e análise.

Improvisar, sentir, saber que o antropólogo é também pessoa e, com isso, marcado por sua própria trajetória de vida e pelo universo social a qual está inserido; ir a campo, sucumbir em emoções intensas, ondas de grandes ideias, tempos de pouca criatividade e muita angústia, leituras e releituras das teorias antropológicas. Assim como para Cerwonka e Malkki, esses eventos fizeram dessa dissertação um texto possível; foi a partir de um movimento

etnográfico muito próximo ao que essas autoras denominam “improvisação” que busquei ajustar minha conduta no trabalho de campo.

Organização da dissertação

No primeiro capítulo da dissertação analiso alguns aspectos do convívio de pessoas que consomem crack e suas famílias de origem. Pensando na influência que a dinâmica cíclica de consumo da substância exerce sobre as relações materiais e econômicas nesse convívio, descrevo distanciamentos físicos e afetivos entre eles, o que gera uma circulação do usuário por diferentes espaços urbanos.

Essa circulação permeia as descrições feitas ao longo do segundo e terceiro capítulos, que têm como foco as relações de cuidado e (des) confiança em contextos outros, que não o primeiro espaço socializador demarcado como “casa”. Escrevo também sobre as novas famílias que se formam a partir dessa movimentação. No segundo capítulo discorro sobre as aproximações ou distanciamentos relacionais entre o usuário e sua “família” em contexto institucionais: no SAMIM e no Instituição Pe. Haroldo. Neste intuito, pretendo discorrer não apenas sobre os contatos pessoais ou através de tecnologias que são (im)possíveis entre eles, mas também sobre como essa referência de “família” (de *criação*), está relacionada a uma série de movimentos afetivos e materiais na vida cotidiana dos envolvidos na pesquisa. Ou seja, pretendo apontar para como os efeitos dessa noção de “família” marcam as trajetórias envolvidas dos “familiares” e do usuário no que tange valores imateriais e materiais que se atualizam com o passar da vida, dos distanciamentos e aproximações entre eles.

No terceiro capítulo busco elaborar sobre estas mesmas questões observadas em diferentes contextos: nas ruas de São Paulo e Sorocaba. Aqui enfrento também os temas imbricados ao gerenciamento dos espaços domésticos e também trocas de cuidado entre pessoas que compartilham espaços de uso de crack. Em muitas relações cotidianas em contextos de uso a noção de *família* é atualizada e há diversos entrecruzamentos de vidas e constituição de novos laços afetivos.

No quarto e último capítulo dedico especial atenção à maternidade por considerar que o tema aciona experiências e noções de família que têm sido de meu interesse ao longo da dissertação – família de origem, laços constituídos nos contextos de uso de droga e o Estado. O corpo e o cuidado consigo e com os bebês por parte das mulheres que consomem crack evidenciam não apenas como elas próprias lidam com a situação, mas também como as famílias de origem são acionadas nessas circunstâncias, bem como os agentes do Estado. Há tanto uma

questão da corporalidade envolvida (desse consumo que não é mais só prejudicial para si mesma, mas para o futuro bebê) como também há uma dimensão importante que se refere à responsabilização futura sobre a criança gerada, que pode envolver a reivindicação ou não dessa criança pela família de origem, como também a intervenção do Estado sobre a situação através de Conselho Tutelar ou outros meios de proteção à criança.

Capítulo I

Convívio com a família de origem: enfrentamentos relacionais e a vida social dos objetos.

O crack faz o seguinte com você: você está usando ele aqui agora, você tem uma pedra desse tamanho. Quando ela chegar nesse tamanho aqui ó (tamanho menor), você já fica louco pensando em como você vai fazer para arrumar outra. Qualquer coisa... faz o cara até mexer em lixo na rua. Ele fica pensando assim: - puta merda, tá acabando, como é que eu vou fazer para arrumar outra? Qual vai ser o corre agora, hein? O que aparecer que dá para ele fazer dinheiro, qualquer coisa, pode ser esse isqueiro aqui, eu levo ali, troco num trago se eu quiser. Ele fica desesperado. Ele faz qualquer coisa. Já tirei roupa do corpo, assim ó! Tênis, chinelo... Eu toda vez saía bonitinho, arrumadinho de casa, ia lá para o centro de BH. Quando eu voltava, eu voltava rasgado, descalço, vendia tudo... O arrependimento bate assim que acaba. Você está voltando ao normal, aí vem uma depressão danada, a hora que você já fez a besteira, que você deu seu último trago, você fala: acabou! Puta merda! O que eu fiz, hein? Aí começa, bate tudo... Desespero! Se o que eu vendi for meu, não penso muito não. Mas se for de outra pessoa, você já pensa: como é que eu vou fazer agora? Como é que eu vou falar com a outra pessoa? Quando você vai resolver a situação, a sensação é de fracassado. Não aguentar segurar uma onda assim, o cara é um derrotado. Você já nem precisa da pessoa te xingar, a pessoa já olha para você e pensa: - essa pessoa é digna de dó!²⁴ (Marcos²⁵, 2013)

Conheci Marcos no SAMIM, albergue da prefeitura de Campinas. Foi neste espaço onde entrei em contato com usuários de crack pela primeira vez como antropóloga. Eu estava com a pesquisa em andamento há seis meses com familiares, na ONG Amor Exigente, mas lembro-me que a breve caminhada da rodoviária de Campinas até o albergue foi repleta de ansiedade e apreensão. O SAMIM fica localizado em uma rua erma, atrás da Receita Federal na grande Avenida Governador Pedro de Toledo, cujos atrativos são as relações tecidas em torno do comércio de drogas e o albergue. Chegando, deparei-me com moradores de rua e agentes da guarda municipal conversando do lado de fora do albergue e um grande portão na entrada²⁶, cuja abertura fica a cargo do segurança de plantão. O prédio tinha condições precárias

²⁴ Trecho transcrito de entrevista feita com Marcos durante a realização do trabalho de campo para a iniciação científica realizada entre os anos de 2013/2014.

²⁵ Todos os nomes são fictícios, a fim de proteger a identidade dos meus interlocutores de pesquisa.

²⁶ Sobre a importância simbólica do portão de um albergue, De Lucca refletiu: “A portaria do albergue é o ponto onde dois mundos – e muitos outros – se tangenciam, se cruzam, mas também se afrontam. Justamente pelo fato de o albergue ser uma instituição que demanda o fluxo perpétuo de entrada e saída é que as linhas que desenham o limite dos mundos sociais precisam ser permanentemente repostas pelo trabalho de interface da portaria. Um

de funcionamento, com três quartos grandes e cerca de quarenta beliches cada; um deles é reservado aos usuários do albergue que estão doentes. Optei por realizar parte do trabalho de campo neste lugar por algumas razões, a mais importante delas era o fato de que seria minha primeira experiência com os usuários em contexto de pesquisa e eu julguei mais coerente que isso acontecesse em um local onde eu me sentisse segura.

No albergue me senti muitas vezes deslocada, visto que o lugar possibilita aos usuários do serviço apenas uma pequena estadia e, com isso, era difícil ver a mesma pessoa repetidas vezes a ponto de se fazer conhecida. As oportunidades de conversas e entrevistas foram o resultado de um enfretamento que impus a mim mesma de ir ao albergue, mesmo consciente de que talvez ninguém estivesse disposto a dispendar tempo comigo. Eu não tinha nada além dos ouvidos a oferecer; ainda que com o tempo descobri que eles tinham muito valor: era o que muitos dos meus interlocutores de pesquisa queriam.

Daniel De Lucca tem uma extensa e rica etnografia acerca da vida albergal, buscando ultrapassar os “limites presenciais e imediatos que inflectem sobre as vidas nessas instituições” (2013: 34) e ampliar a compreensão desta experiência. Para tanto, o autor entende que ela está enredada com “a dinâmica da própria cidade e de modo algum se restringe ao espaço intrainstitucional”. Nem dentro, nem fora do albergue: “o esforço é precisamente explorar os limites envolvidos na elaboração dessa experiência” (2013: 34). Esta perspectiva se confirmou profícua também para que eu pudesse pensar as relações “familiares” dos usuários nesses movimentos e nessa passagem deles pelo albergue. Como nos informa o autor:

O albergue estimula a todo tempo a conexão de seus usuários com seu “fora”: com o mundo formal e suas documentações, com o trabalho, com a família, com a saúde, pois uma das condições para aquisição da desejada “autonomia da população de rua” é justamente que seus usuários não dependam mais do albergue, mas que constituam relações fora dele. Inscrito no conjunto das políticas públicas como uma “saída da situação de rua”, o albergue é apenas uma etapa da “inclusão social da população de rua”. Depois do esforço de sair da rua em direção ao albergue, a pessoa também teria de conseguir se desvencilhar da própria instituição. Como me explicou uma assistente social: “Para ter reinserção, social, o indivíduo tem de participar da sociedade e para entrar na sociedade ele tem de sair do albergue... O problema é que às vezes o indivíduo não tem nem capacidade física para procurar trabalho, não tem qualificação para disputar emprego. Também, a família não quer receber a pessoa. Ou eles nem têm família”. (2013: 41)

Em resposta às dificuldades apresentadas acima para no trabalho de

trabalho potencialmente infinito, visto que busca delimitar, codificar e desencorajar a transgressão de um movimento de pessoas e coisas, que sempre estão mais ou menos misturadas e embaralhadas entre si” (2013: 41).

desvencilhamento do usuário do serviço com a instituição, no SAMIM eram ofertadas passagens de ônibus para os indivíduos que conseguissem fazer um contato com a família de origem. Caso esse contato não fosse possível, a passagem não era fornecida e, com isso, os usuários eram autorizados a ficar até 15 dias na instituição - prazo que poderia ser maior se conseguissem um trabalho ou estivessem doentes e precisassem de mais algum tempo para encontrar uma nova moradia, por exemplo. Essa dinâmica não se aplicava para pessoas idosas ou muito enfermas que não tivessem nenhuma outra opção de moradia que não a rua: nesses casos não havia um tempo imposto pela instituição, mas pelo que pude perceber havia um limite psicológico com o qual os próprios usuários conseguiam lidar com a falta de estrutura do serviço. De uma forma geral, a passagem das pessoas por ali era rápida e o mundo de “fora” - laços e vínculos (cuja instituição familiar é a mais citada) - era o tempo todo evocado pelos usuários e trabalhadores do serviço.

No albergue tive contato com alguns *trecheiros*, como são conhecidas as pessoas que vivem na rua (não necessariamente usuárias de crack), mas estão sempre em movimento entre cidades. Dentre essas pessoas com quem tive oportunidade de conversar, a fala recorrente foi a de que seus laços familiares estavam rompidos, ou seja, não mantinham nenhum contato com eles e definitivamente não viam essa casa da família de origem como um lugar onde fosse possível retornar. Destaco esta categoria, pois, geralmente, as pessoas que consomem crack e moram na mesma cidade de suas famílias mantêm algum tipo de contato presencial ou telefônico; alguns não estão na mesma cidade, mas mantêm contato eventual por telefone ou carta.

Conheci Marcos através de um moço bem extrovertido que não estava disposto a conversar sobre os assuntos da pesquisa da forma como eu estava planejando naquele momento (pretendia gravar entrevistas em profundidade, já que eles estavam lá de passagem e eu poderia não encontrar essas pessoas novamente). Marcos falava pouco, mas se demonstrava muito interessado em compartilhar comigo sua história e me ajudar com a pesquisa. Assim, marcamos um dia para gravarmos uma entrevista. No dia e hora combinada Marcos estava me esperando ansioso e bem arrumado no albergue; quando cheguei, ele separou duas cadeiras e me convidou para sentarmos em um canto mais silencioso no pátio. O dia estava fresco, agradável e, confortáveis, ligamos o gravador. A entrevista seguiu curso próprio, não estruturei perguntas. Marcos estava inspirado a dizer tudo em sua própria organização cronológica e deu-me duas horas de seu dia que me valeram inúmeras outras que passei vagando sozinha pelo pátio do

albergue.

No caminho de volta para casa, notei que havia deixado o gravador com nossa entrevista no ônibus. Voltei correndo para o terminal e, ao perguntar para a atendente de plantão, um choro nervoso me tomou com a possibilidade de ter perdido o material. Eu sabia que a entrevista teria um lugar especial nesta empreitada. Felizmente encontrei o gravador e, com isso, optei neste primeiro momento por dar destaque à voz de Marcos a partir da minha rememoração dos principais elementos de sua narrativa, pois o resultado deste encontro me possibilitou organizar a escrita acerca desse tema muito delicado, o do desejo pelo crack e o convívio com a família de origem, de forma mais rica em detalhes.

Marcos e eu tivemos uma facilidade enorme em nos comunicar e ele tem um papel central nisso tudo. Considero isto relevante, pois, longe de ser um pequeno “parêntesis” de reflexão sobre minha própria trajetória, trata-se da possibilidade de um momento de inflexão que me auxilia a pensar como minha experiência e posição social tiveram efeitos na relação intersubjetiva produzida no momento mesmo da conversa e, depois, quando passo a escrever. A experiência, nos termos que Joan Scott (1998) nos apresenta, é algo que sempre precisa de interpretação, “é sempre contestada e, portanto, sempre política” (p. 325). A autora parte desta definição de experiência, pois vislumbra uma história que “não se apóia ou reproduz categorias naturalizadas”, pois para a autora “experiência não é a origem de nossa explicação, mas sim o que queremos explicar” (p. 325). Analisar esta intersubjetividade na dinâmica da conversa (que, por estar gravada, possibilita que várias sutilezas sejam rememoradas) e considerar as demais narrativas que ouvi durante o tempo de pesquisa, colocando-as em contraste, possibilitou perceber sentimentos comuns nessa convivência entre o usuário e sua família de origem, bem como pude entender que esta percepção se deu também a partir da minha própria experiência. Considerar essa dinâmica é importante para a descrição que pretendo expor, pois dá a ela o caráter que considero fundamental: a existência de sujeitos e o processo de criação desta etnografia.

Tanto quando pensamos no ato de consumo, quanto nos momentos de abstinência, o desejo regular pelo crack influencia aspectos físicos e emocionais do indivíduo; esses aspectos compõem a dinâmica das relações cotidianas que eles mantêm com seus familiares. Na tentativa de descrever essas dinâmicas, objetivo deste capítulo, a história de Marcos me ajudou a estruturar um texto cujos eventos descritos são de caráter também afetivos e emocionais.

Gostaria de encontrar com Marcos, poder agradecer novamente e perguntar se gostou do texto. No entanto, infelizmente, como aconteceu com muitos que conheci no albergue, acabei por perder o contato rapidamente (tivemos apenas três encontros no albergue)

e não sei sobre o desenrolar de sua vida - o número de telefone parou de funcionar depois de algum tempo de contato e ele não tinha acesso a redes sociais.

Um ciclo de fissura

O desejo compulsivo pelo crack, que é descrito por diversas áreas do conhecimento, mas, sobretudo, pela psiquiatria e pela psicologia²⁷, é fator que propulsiona uma dinâmica cotidiana cuja temporalidade está marcada pela memória do uso e o desejo que descreve as angústias e prazeres também presentes, além da constante preocupação com a futura porção. Após o efeito rapidíssimo²⁸ da substância, Marcos nos descreve na epígrafe acima sua angústia pelo autoflagelamento corporal (decorrente dos efeitos do consumo de crack), vergonha, insegurança e tristeza que seguem às acusações de terceiros. O desejo e prazer pelo consumo do crack andam juntos com a angústia das contradições causadas pelo seu desejo de uma vida com menos danos materiais, psicológicos e afetivos por conta da substância e sua esperança em diminuir esses danos ou extingui-los.

Essa esperança é iluminada, por exemplo, pelo fato de que ele – no momento da entrevista – estava namorando uma mulher de quem falava carinhosamente e com quem imaginava uma vida regada a amor. Planejavam juntos o aluguel de uma casa em Campinas (ambos vinham de uma caminhada exaustiva entre cidades, ficando na rua ou em albergues) e fazer dessa cidade o palco de uma transformação nas suas vidas. O número de dias (aproximadamente um mês) que se conheciam não entrou em questão nenhuma vez para Marcos. Ao descrever o desejo de estarem juntos, Marcos aponta para o apoio emocional que vinha recebendo de sua companheira (quem conheceu quando chegou ao albergue):

Desde que eu cheguei aqui no albergue já *hibernei*²⁹ três vezes, duas delas já estava com a minha namorada. Eu sumi, ela ficou me procurando por dois

27 Como, por exemplo, no trabalho de: Chaves, Sanchez, Ribeiro, Nappo (2011).

28 Segundo Carlini et al. (2001), por ser fumado, o crack, ao chegar ao pulmão, é rapidamente enviado através da corrente sanguínea para o cérebro e, portanto, ao sistema nervoso central. Com isso, os primeiros efeitos podem ser sentidos em 10 ou 15 segundos; entretanto, por um curto período de tempo: uma média de 5 minutos. Entre os efeitos, é comum sentir grande euforia e prazer quase que indescritível. A tendência é aumentar a dose para aumentar o tempo do efeito e, com isso, seus efeitos tóxicos se evidenciam, como por exemplo: paranoia, irritabilidade, falta de apetite e tremores.

²⁹ Termo êmico já bem descrito por Taniele Rui, cuja obra perpassa as relações entre corpo, território e sociabilidades relacionados às “Tramas do crack” (título de sua obra): “o estado descrito no qual se fica usando crack dois, três dias diretos, sem comer, sem beber e sem dormir é chamado pelos usuários da droga de hibernação. Quando fiz pesquisa junto aos meninos e meninas em situação de rua, era muito comum, ao perguntar sobre algum deles que não via há um tempo, obter como resposta: ‘ele está hibernado, tia, já já ele volta’. Na região da ‘cracolândia’, relatos semelhantes de que ‘faz cinco dias que eu não durmo’ eram igualmente frequentes. Em alguma medida, penso que esse estado contínuo de hibernar e ‘voltar a si’ pode ser indicativo da gestão que fazem

dias, ela gosta demais de mim! Ela é gente boa. Eu já tive vontade de não voltar para cá mais, porque você chega já está todo mundo te olhando, ainda mais eu namorando. O pessoal já tentou queimar o meu filme um bocadinho de vezes com a menina. Mas na verdade eu mesmo já sei que não deveria ter feito coisa errada, mas o pessoal vai ficar pesando na menina? Já chego até pensando em falar para ela que não rola a gente ficar mais. A gente mesmo se julga.

Marcos, durante a entrevista, manifestou dúvidas sobre se conseguiria manter a relação com sua companheira, tendo que lidar com a fissura pelo crack assombrando seu cotidiano - “Eu sou uma pessoa muito capacitada, mas o descontrole, né? Sempre rola esse descontrole comigo”. As acusações não são apenas de terceiros, mas também de si próprio. A autoestima e a autocompaixão de Marcos estavam longe de ser um ponto de apoio para ele e, com isso, percebi que eram difíceis os enfrentamentos que ele travava com as acusações que vinham do mundo ao seu redor e de si para si mesmo. Ele se descrevia como culpado e incapaz de mudar o que ele julgava estar lhe fazendo mal em seu cotidiano. Esse contexto, disse-me ele, o acompanha desde o momento em que ele julga ter perdido o controle sobre o próprio consumo de crack; essas percepções minhas e descrições dele acerca de suas emoções e suas autoacusações culminaram em narrativas que ele descreve como “fracassos” amorosos:

Sempre namorei sério, já fiquei até seis anos com uma moça. Eu sempre acho pessoas boas que até tentam me ajudar, mas o crack foi terrível para mim. Mulher nenhuma me aguenta não, sô! Vai indo, indo, vai ajudando, ajudando, mas uma hora acaba. É que a gente mesmo perde a confiança na gente. Eu já me separei de umas duas por causa disso, não quis atrapalhar.

Sobre a namorada de seis anos, ele acrescenta:

Minha mãe já tinha tentado me internar, né? Mas até então eu tinha um rolo com essa menina. Eu era tipo psicopata por ela, eu não queria sair e deixar ela de bobeira na rua e, por isso, dispensei internação umas duas vezes. Mas daí chegou um ponto que ela me ajudou muito. Eu já fiquei na “cracolândia”, às vezes até por uma semana, porque quando eu desando eu desando geral. Dois, três e até quatro dias sem ir para casa. Aí ela ia lá e me buscava, aí nó... Nem minha mãe ia lá, sô! E ela nem usava.

Mesmo tendo dificuldade em acreditar em uma relação duradoura por não julgar ser um bom companheiro às suas amadas, em muitos outros momentos de sua fala ele deixou

sobre esse uso, uma vez que o ‘voltar a si’ parece indicar um cálculo e um reconhecimento do estado corporal e da fragilidade física. É também uma forma pela qual o usuário de crack reconhece os riscos a que se expõe quando em contato direto e intenso com a substância. Nesse sentido, pela sua própria especificidade espacial, a linha de trem, por exemplo, torna-se um lugar que propicia tal estado de hibernação” (2014: 137)

claro que tinha desejo por uma companheira afetiva cuja relação fosse duradoura. A conexão (não necessariamente erótico-afetiva), segundo Marcos e muitos de meus interlocutores de pesquisa³⁰, é fundamental e contrapõe a fissura, a adicção:

As pessoas tinham que ser mais humanas umas com as outras, entender o lado da outra pessoa também. O que eu preciso no dia-a-dia é de psicológico mesmo. Para pessoa conseguir parar com isso ela tem que se manter num lugar com as pessoas boas ajudando ela, você entendeu? Para ela poder não lembrar. Porque se eu passo uma raiva aqui, eu não consigo evitar, eu dou logo uma paulada³¹.

Até quando mantivemos contato, Marcos ainda estava com a namorada. No cotidiano que vinha vivenciando desde a sua chegada à Campinas, ela era seu principal ponto de apoio emocional e, com ela, planejava o que faria no dia presente e nos que estavam por vir. Nesse cotidiano estavam também marcados, mas de forma muito mais esporádica e pelo telefone, a importância que Marcos dava para seus laços com sua família de origem: sua mãe, seus sete irmãos maternos, seu padrasto, suas cunhadas e suas quatro sobrinhas. Essas eram as pessoas com quem ele descreveu manter relações que remontam à ideia de um “porto seguro”, pois, apesar de não mais desejar e ser desejado no convívio diário com eles, Marcos tem certeza de que pode ligar se precisar de algo urgente – ou seja, algo que envolva sua saúde ou o desejo de parar de consumir crack.

No contexto de consumo desta substância a sobrevivência física é algo que importa, e isso fica evidente nos momentos em que Marcos discorre sobre os cuidados mútuos com sua companheira erótico-afetiva ou com amigos no albergue e na rua; mas também quando Marcos remonta à ideia de um “porto seguro” na família que está *em casa*. Eles são as únicas pessoas com quem ele acredita não ser possível desatar de forma permanente os laços de cuidado mútuo, mesmo tendo vivenciado diversos conflitos com eles:

Minha mãe teve só filhos homens, mas meus irmãos já tiveram quatro meninas, dois de um e dois de outro. Eu gosto delas demais, direto eles ligam para mim aqui no albergue. Para minha mãe e para o meu padrasto eu não liguei, mas foi por causa de vergonha mesmo, sabe? Não falei nem feliz natal e ano novo, porque eu fui ligar antes do natal e ela estava meio brava ainda, porque quando eu saí de lá eu peguei o notebook e vendi. Vendi por R\$ 300, ela estava pagando, estava na terceira parcela ainda. Ela está brava até hoje.

³⁰ Sobre a relação entre conexão e adicção, ver interessante artigo intitulado “The opposite of addiction isn't sobriety – it's connection”, disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/apr/12/johann-hari-chasing-the-scream-war-on-drugs>. Acesso em 09 de dezembro de 2017.

³¹ Termo êmico utilizado para descrever o ato de fumar o crack e sentir seu efeito, que é tão forte que parece uma paulada na cabeça. O efeito em si também é conhecido como *tuim*.

Os conflitos entre Marcos e sua família se deram principalmente pelos furtos de objetos do lar ou de seus habitantes – fato bastante comum nas trajetórias de usuários de crack e nas relações destes com suas famílias de origem; no entanto, Marcos aponta também como causa do distanciamento físico e afetivo o fato de que fumava crack em casa e às vezes *assustava* seus familiares:

O pessoal ficava com medo de mim, porque eu sempre fumei no meu quarto, eu peguei essa mania feia de fumar lá em casa. Eu chegava num ponto de ficar sozinho, no escuro e escutando a um quilômetro de distância. Perdia a fome, não descia nada, só bebida alcoólica. Eu fumava todos os dias, mas conseguia disfarçar. É a primeira vez que eu saio de casa sem ser por internação, minha família é muito amorosa. Mil grau. Minha mãe é uma pessoa maravilhosa. Eu usava lá em cima e não aguentava segurar a onda, porque para mim já iam invadir lá dentro, sabe? Eu ficava ouvindo os vizinhos conversar, para mim eles já estava falando de mim, já iam chamar os home [polícia] tudo. Aí eu descia, andava assim bravo, descia e subia escada. A fisionomia muda todinha. Fica parecendo um monstro. Eu não conseguia nem conversar mais, minha fala fica toda presa. E minha mãe começou a falar comigo, que os meninos estavam ficando com medo, que eu parava assim na sala, insistia para deitar e com cara de assustado, não falava nada e já subia de novo. O pessoal ficava com medo. Fiquei uns oito anos nesse esquema, antes disso era só na rua. Eu era tranquilo, sô, eu fazia o seguinte: eu ia lá para cima, ligava a televisão e ficava lá assistindo. Eu aguentava segurar a onda de meia em meia hora. Aí eu fumava um e nem saía de lá de dentro. Aí foi passando o tempo, foi pegando essas ondas de medo.

Essas *ondas de medo* descritas por Marcos estão relacionadas aos possíveis efeitos químicos do crack, cujas manifestações em cada corpo têm intensidades próprias e particulares. Estive na presença de diversos usuários que consumiram o crack na minha companhia e notei que cada um reagia de uma forma: alguns ficavam mais calados e sérios, aparentando medo; outros conversavam mais, ficavam mais extrovertidos. Cada corpo, cada mente, cada indivíduo responde de uma forma ao consumo da substância. No entanto, para Marcos:

A pedra é droga de otário mesmo! O cara paga para ficar com medo. Quando você fuma crack dá vontade de ficar escondidinho, ficar mais quietinho, porque o crack dá a sensação de medo mesmo. Eu não sei nem porque que eu uso crack, porque eu nem gosto da onda, sabe? Se eu dou uma bola aqui no crack, acabou. Eu estou falando com você eu já acho até que você está armando para mim.

No contato que fiz com as famílias de origem de pessoas que consomem crack, foi constante o relato da sensação de medo do usuário por causa da sua corporalidade, forma de falar ou agir e também pelas constantes manipulações para conseguir a próxima dose da

substância. Essa manipulação é descrita pelos usuários como o ato de *entrar na mente*. Essa expressão foi dita inúmeras vezes ao longo da realização da pesquisa quando meus interlocutores precisavam descrever o trabalho que desempenhavam para convencer qualquer pessoa a lhes auxiliar com subsídios financeiros para a compra da próxima pedra; mesmo que a pessoa a quem se pede não saiba desta finalidade. É comum a ação de *entrar na mente* de pessoas desconhecidas para quem se pede dinheiro na rua, por exemplo³².

Essas violências domésticas, corporalidades, olhares e silêncios que assustam, bem como as manipulações, formam um conjunto de informações e memórias cuja sensibilidade fez com que muitos de meus interlocutores de pesquisa evitassem o assunto, por conta da vergonha de seus atos. No entanto, ao remontarem poucas informações sobre o tema e informarem que *entravam na mente* de seus familiares, eu conseguia me identificar, a partir da minha própria experiência de vida, e apreender o que queriam dizer. Com isso, optei muitas vezes por respeitar a ausência da vontade deles em compartilhar detalhes destas experiências. Esse é motivo que me levou optar por compartilhar minha própria biografia, em contraponto com a história de vida de Marcos. Perscrutar sobre dois dos efeitos do uso frequente de crack descritos pela medicina - irritabilidade e paranoia, além da ansiedade frequente pela próxima pedra - foi exercício dos mais desafiantes para mim. Isto porque, ao compartilhar memórias com usuários, muitas lembranças da minha infância e adolescência voltavam para mim, me fazendo apreender melhor o tema e analisar o material etnográfico.

Durante a entrevista que fiz com Marcos, por exemplo, lembrei-me e compartilhei com ele o fato de que eu sempre soube reconhecer quando meu irmão havia usado crack e estava instigado pela próxima dose observando o formato de sua barriga³³. Minha mãe e eu costumávamos compartilhar em segredo: “-Ih! O Cássio já está com a barriga solta demais!”. Esse reconhecimento ditava a forma como agiríamos frente às próximas situações de contato com ele, visto que o conflito já estava armado, a tensão já estava sobre todos nós. A desconfiança começava, os cadeados (até mesmo no freezer) começavam a ser colocados; as portas dos quartos (dos meus pais e meu) começavam a ser trancadas e o meu irmão do meio, que compartilhava quarto com o Cássio, acabava por, frequentemente, ser o primeiro a perder objetos pessoais (que passavam para mãos de terceiros, comumente os vizinhos ou os próprios comerciantes de drogas).

³² O ato de pedir dinheiro na rua a desconhecidos, nos espaços que frequentei, é conhecido como *manguear*.

³³ É de fundamental importância apontar para o fato de que meu irmão Cássio e eu fizemos a primeira leitura de tudo que escrevi nesta dissertação juntos. O que está descrito está consensualmente decidido por **nós dois** que seja público.

Os roubos eram generalizados: utensílios domésticos como liquidificador, panelas, rádio, comida, animais de estimação e objetos pessoais de todos nós. Cássio, no entanto, sempre dispôs primeiro de tudo que teve. Os momentos de abstinência pela substância revelavam um lado muito assustador e antagônico com a forma como se relacionava conosco no dia-a-dia: gentil, prestativo e sensível com todos ao seu redor. Ele nunca conseguiu manter muitos objetos pessoais, além da própria pedra de crack. Há algum tempo vive apenas com o básico para a sobrevivência que considera digna: uma ou duas calças, uma ou duas bermudas, poucas e surradas camisetas, algumas cuecas e meias, uma gilete, sabão para lavar roupas (feito por ele mesmo), remédio de pressão, cobertor, blusa de frio, isqueiro e, se possível, um cachimbo e um pouco de maconha. Seus documentos e sua bíblia também são fundamentais, bem como o meu número de telefone – porque o da minha mãe já decorou.

A preocupação com a manutenção desses objetos pessoais, com poucas variações, foi observada entre outros interlocutores de pesquisa; a não ser quando estavam na casa da família ou em clínicas de recuperação, onde costumam ganhar ou manter mais coisas. Na rua, no entanto, a preocupação é constante; em diversos momentos, quando estávamos conversando, interlocutores de pesquisa pediam um momento para se lembrarem ou verificarem se seus objetos ainda estavam no local onde haviam deixado. O roubo nesse contexto, apesar de muito condenado, é comum. As brigas causadas por ele também.

Essas angústias causadas pelo movimento da própria fissura pela pedra me colocam a refletir sobre o pesar causado por essas lembranças de medo transformado em um cotidiano delicado, que incluía violência física por parte do Cássio e pelo meu pai que se via responsável pela preservação física de todos nós e pelos bens que havíamos conquistado enquanto família. Isto constitui minha postura analítica, bem como a relação que desenvolvi com os interlocutores. Ao transcrever e analisar a história de vida de Marcos, tive uma facilidade em me identificar com as angústias de seus irmãos mais novos, esse medo de sua atitude *descontrolada* que transformava o cotidiano da casa de sua “família” e um ambiente hostil e tenso. Por outro lado, bem como os familiares de Marcos, sinto imenso sentimento de compaixão, o mesmo que sinto pelo meu irmão, cuja fissura física e psicológica pelo crack dispara uma série de ações cotidianas que são por eles mesmos, Marcos e Cássio, consideradas autodestrutivas.

Nesta miscelânea de emoções está também a sensação de fracasso dos familiares e do usuário, o que, para muitos, como no caso de Cássio e Marcos, culmina em vergonha pela sua própria condição. A irritação gerada por esta condição e pelo desejo da próxima pedra acarreta em conflitos no cotidiano com a família de origem; além de deixá-los, muitas vezes,

com medo, como relato acima. No entanto, esse medo, quando muito frequente, costuma gerar também raiva entre os familiares que estão submetidos a essa convivência. A raiva, por sua vez, anda paralela ao sentimento de compaixão e vontade de cuidar do usuário (o que gera um conflituoso ciclo emocional). Esse universo afetivo revela uma série de relações que são fundamentais para apreensão do tema, mas o emaranhado gera sensação de impotência para muitos dos envolvidos na pesquisa.

Nas reuniões organizadas pelo ONG Amor Exigente esse sentimento de impotência era generalizado. Na fisionomia abatida, nos ombros rebaixados e no olhar cabisbaixo era muito perceptível o cansaço produzido por essa impotência. Uma das mães que conheci, por exemplo, compartilhou no grupo como se sentia desamparada e desesperançosa ao ver seu filho sendo internado pela décima oitava vez em uma comunidade terapêutica. Ela via aquela internação como um intervalo de breve descanso do difícil convívio com o filho, e nos relatava como tinha medo do momento que ele sairia da instituição, pois teria que voltar a enfrentar suas manipulações e violências verbais e emocionais (geralmente ainda mais intensas em um primeiro momento de retomada ao uso do crack). Ela tinha medo das coações que ele lhe impunha para conseguir dinheiro, visto que morava sozinha com ele, bem como temia os roubos e descrevia profundo amargor por ter certeza de que voltaria a ver seu filho se definhando emocional e fisicamente. Também lhe entristecia pensar que voltaria a conviver com o cotidiano dos dias seguintes ao consumo: com os pedidos de desculpa e o remorso encalacrado até no corpo de seu filho. O sentimento de arrependimento dele gerava nela a pena profunda, sentimento de fracasso junto com o filho e, principalmente, a impotência e desespero por não ver saída efetiva para seus problemas.

Angela Garcia (2010), antropóloga que escreve sobre a convivência com a adicção de sua tia em heroína, tem uma reflexão muito interessante sobre esses contrastes e conflitos emocionais gerados a partir do ato de cuidar desses indivíduos. Segundo a autora:

Nossos limites em proporcionar cuidado são mais complexos e podem dizer muito sobre as condições humanas e relações além do fato da recusa em si. O que pesou mais para minha mãe durante nossas discussões sobre minha tia era sua incerteza se a tinha abandonado, se recusado a cuidar dela, mesmo tendo de fato cuidado, e profundamente. Como a intensidade emocional de se importar com alguém se transforma em algo tão separado das práticas de cuidado dessas pessoas? O que acontece com a experiência sentida do cuidado na ausência de sua expressão?

(...) Eu falei com ela [fazendo referência a sua mãe] “como uma antropóloga”, descrevendo a situação (o que ela certamente sabia) onde restrições financeiras e falta de serviços médicos se faziam um grande fardo para ela, a forçando racionar sua capacidade de expressar cuidado, mesmo tendo o desejo

de fazê-lo.³⁴ (2010: 4)

A autora nos relata que, mesmo tendo falado com sua mãe como “antropóloga”, ela não se convenceu do fato de que esses cuidados cotidianos “simples”, mantidos por muitos anos com sua irmã (como refeições, caronas e telefonemas), de fato a ajudaram. No entanto, esses limites são reais, do âmbito da vida material, política e social. Os limites estão muito bem traçados pela própria estrutura política, socioeconômica e de assistência no Brasil, cujas possibilidades de suporte aos familiares e aos usuários são muito restritas.

Minha mãe sentiu a força da vida de sua irmã – ou melhor, morte – e a força de seus limites de cuidar dela. Havia mais alguém, minha mãe se perguntava, que teria cuidado dela? Como uma irmã amada pode morrer sozinha, e a tão poucas milhas de distância? Minha mãe perguntou. No fim, não houve recontagem das tentativas passadas, nem explicação acadêmica que eu pude oferecer que tenha conseguido resolver essas questões para minha mãe. Suas deliberações me forçaram a pensar sobre como o fracasso, ausência e arrependimento são tão parte das nossas experiências de cuidado quanto a solicitude, a presença e o amor – e também como nossa capacidade de cuidar é vulnerável a feridas. (2010: 5)³⁵

É no enfretamento das contradições do ato de cuidar desses usuários que o cansaço físico e emocional se apodera dos familiares. A persistência no contato é uma escolha individual, para muitos faz sentido, assim como para muitos não o faz. A proximidade ou a distância que o usuário mantém com seus familiares de origem está atrelada às consequências desses conflitos que se dão no cotidiano marcado por furtos de objetos e de dinheiro, manipulações e violência, mas também aos momentos de afetividade e companheirismo. Nas minhas memórias, por exemplo, meu irmão ocupa também um lugar de muito cuidado mútuo e afeto. Ele sempre me ajudou a pensar e resolver mágoas na minha vida amorosa, bem como sempre se lembra do meu aniversário e nunca deixou de me presentear, mesmo que com algo

³⁴ Tradução minha, no original: “our limits to providing care are more complex and can tell us much about human conditions and relations beyond the fact of refusal itself. What weighed most heavily on my mother during our discussions about my aunt was her uncertainty as to why she had turned away from her, refused to care for her, even though she did care, and deeply. How does the emotional intensity of caring about someone become so separate from the practices of caring for them? What happens to the felt experience of care in the absence of its expression? (...) I spoke to her “like an anthropologist,” describing a situation (which she of course knew) where financial constraints and lack of health services placed too great a burden on her, forcing her to ration her capacity to express care, even if the desire to was there.” (GARCIA, 2010. P. 4)

³⁵ Tradução minha, no original: “my mother felt the force of her sister’s life—meaning, death—and the force of her limits to care for her. Was there anyone else, my mother wondered, who had cared for her? How does a beloved sister come to die alone, and only a few miles away? “Why did I turn away from her?” my mother asked. In the end, there was no recounting of past attempts, no scholarly explanation that I could offer that could resolve these questions for my mother. Her deliberations compelled me to think about how failure, absence, and regret are as much a part of the experience of care as solicitude, presence, and love—as well as how our capacity to care is also vulnerable to wounding. (GARCIA, 2010. P. 5)

encontrado na rua. Para muitos, inclusive para mim, esses e muitos outros gestos de cuidado que temos um com o outro é *amor*, o que nos mantém unidos e confiantes que podemos contar um com o outro.

Para muitos, no entanto, essa não é uma realidade. Muitos usuários com quem compartilhei histórias me remontam uma “família” da qual têm muita mágoa e raiva. Como é o caso de Danila, uma travesti que conheci quando realizei trabalho de campo no albergue da prefeitura de Campinas em 2014. A encontrei no albergue duas vezes, em semanas consecutivas; ela andava sempre sozinha. Naquela manhã, Danila veio em minha direção no pátio do albergue e perguntou o que eu fazia ali, expliquei que escrevia uma pesquisa e ela logo se interessou e não foi mais embora, passou horas comigo. Ela me relatou ter rompido com seus pais:

Eles me expulsaram de casa eu tinha dezesseis anos, foi por causa das boates que eu ia. E também eu fiz dívida com traficante, roubei um notebook de uma travesti e por isso não pude mais voltar para São José do Rio Preto (cidade onde nasceu e vive sua família de origem). Eu nunca voltei para visitá-los porque eles têm dinheiro, se eles quisessem me ajudar eles poderiam. Pagar uma pensão, sei lá! Para família da parte do meu pai, se eu morrer ou não tanto faz. A pensão ajuda bastante, se a pessoa estiver cansada querendo sair da rua e a pessoa não quer ficar no albergue, porque tem muito usuário de crack, a pensão é o único lugar que ajuda. Ajuda a levantar a autoestima, comer, dormir.

Danila, com a fala, o corpo e o olhar, me demonstrou um ódio muito grande, como um contraste aos laços de família que perduram nas trajetórias de vida de outros usuários de crack com os quais tive contato – afeto presente, inclusive, na narrativa de Marcos, como relatei acima. O oposto ao amor e ao cuidado é o ódio e a distância na vida desses usuários e suas famílias de origem, ainda que estes também constituam as relações estabelecidas entre essas pessoas. Danila ficou tão impressionada com o fato de eu ser uma pesquisadora da Unicamp que estuda o “tema crack” e ter um irmão *nessa situação*, que me fez uma série de perguntas sobre meus cuidados com ele. Com a mesma intensidade de raiva com que descreveu seus pais, Danila me interrogou sobre a moradia de meu irmão. Disse a ela que, depois de muitas tentativas (desde internação em clínicas de recuperação, hospital psiquiátrico, comunidade terapêutica, à mudança de moradia e expulsão de casa – nas vezes que Cássio morou na rua), nós decidimos e pudemos (o que nunca acontecera antes) pagar uma pensão no centro da cidade de Sorocaba para ele. Foi depois dessa informação que o interrogatório cessou e entramos em um estágio de maior confiança na nossa relação.

Ela cortou laços com seus pais, mas com suas duas irmãs paternas (também travestis) mantêm laços intensos de cuidado e afeto. Suas irmãs também não mantêm laços com os pais, me informou Danila. Contou-me também que já morou algumas vezes com suas duas irmãs, que ficam alguns meses do ano trabalhando na Europa³⁶. Ela diferencia suas irmãs de seus pais como sendo da “família”, enquanto os últimos apenas ocupam lugar de conhecidos de quem gostaria de esquecer. Danila, por exemplo, foi expulsa uma das vezes de sua casa quando vendeu a geladeira de seus pais, mas afirma nunca ter vendido nada de suas irmãs, mesmo quando elas estavam na Europa e ela ficava sozinha em casa – o que parece significativo quanto às relações familiares que são preservadas ou não.

Os limites da tolerância dos familiares com os usuários na vida cotidiana, bem como a forma como os usuários enxergam essas relações (culpando-se pelos danos emocionais, físicos e materiais causados às suas famílias de origem ou os culpando de omissão, falta de cuidados) não são bem demarcados e raramente são permanentes. Os movimentos das trajetórias de vidas observadas mostram que as emoções que envolvem essas relações são muitas e diversas. Um sentimento que é permanente, no entanto, é o de impotência frente às suas condições – usuários e familiares.

Eu mesma tenho sentido essa impotência desde pequena, quando comecei a entender meu cotidiano doméstico com maior clareza. A maior preocupação, quando criança, era com a violência física contra meu pai e meu irmão, ou moral e psicológica contra minha mãe e eu. Em muitos momentos de pesquisa, ouvi a descrição de que a violência física por parte dos usuários é geralmente contra os membros masculinos da casa; no entanto, a manipulação verbal frenética é maior com os membros femininos. Esse foi sempre um assunto delicado de abordar com os usuários, visto que eles têm muita vergonha de falar sobre essas violências domésticas das quais foram protagonistas. As autodelações eram feitas da forma mais sucinta possível e, os que as fizeram, pediam que essas informações fossem sigilosas. Já por parte dos familiares, durante as visitas que fiz à ONG Amor Exigente, essas denúncias eram comuns. Destaco, a seguir, a fala de duas mães que compartilharam suas experiências no mesmo dia:

Ela estava arrasada, começou a partilha dizendo que estava ali por não saber mais o que fazer, visto que é separada e tem apenas um filho de vinte e três anos. Disse que um dia, quando o filho era mais jovem, contou para a sua mãe que achava que ele estava usando droga, ela duvidou. Ela e seus familiares demoraram a de fato descobrir o que estava acontecendo. O menino começou a roubar coisas de casa, ela o internou, ele saiu, ficou bem, mas voltou a usar.

³⁶ Este trânsito é comum entre as travestis brasileiras, como descreve Adriana Piscitelli em seu artigo “Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina” (2004).

Ele chegou a pesar 35 kg. Ela, por não saber o que fazer, pediu para o irmão que a ajudasse a encontrá-lo na rua (depois de alguns dias que o moço estava fora de casa). O irmão achou o menino e bateu muito nele, e ele pediu para ser internado de novo. Ela o levou; no dia seguinte ele não sabia nem onde estava, mas quis ficar internado.

Depois dela foi a vez de uma Sra. que disse que o seu filho estava internado de novo. Ela estava morando só com ele, pois seus outros filhos não a visitam. Ela disse que faz um ano que ela separou do marido, que está completamente ausente agora. Com um namorado novo, ela nos contou que tem medo que o filho que está internado não o aceite. Ela disse que já o internou 15 vezes, não sabe mais se acredita em qualquer coisa. Ela disse que ele desenvolveu esquizofrenia por causa da droga e se autoflagela, além de ser agressivo com ela. Ela sonha que ele more em outro lugar, mas tem medo de falar isso para ele. Disse que iria tentar conversar com ele na próxima visita. (Diário de campo, janeiro de 2014)

Ambas aparentavam, com os olhos marejados e cansados do sofrimento a que estavam submetidas, saber exatamente o que uma e outra estavam passando naquele momento. Penso isto não apenas porque compartilhavam cotidianos parecidos e marcados pela violência, mas, e especificamente, por serem duas mulheres, duas mães. Sobre essas relações de gênero, destaco a ideia recorrente nessas narrativas de que as mulheres são mais frágeis fisicamente e emocionalmente do que os homens. A primeira mãe descrita acima, por exemplo, conta sobre seu pedido de “segurança” para o irmão; já a segunda, compartilhou como se sente mais “segura” com seu novo namorado, o que a incita, inclusive, a considerar a expulsão de seu filho de casa. Na rua também observei essa dinâmica; em relações erótico-afetivas, por exemplo, essa ideia também reflete no cotidiano dos casais que se formam. As mulheres geralmente descrevem como é importante ter uma companhia masculina em alguns contextos por motivo de proteção³⁷. Proteção essa que em muitos momentos torna-se abusiva e violenta, como nos demonstra a fala de uma assistente social do Programa De Braços Abertos que conheci na região da Cracolândia em São Paulo: “as meninas preferem apanhar de um a vários na rua” (Diário de campo, fevereiro de 2017).

Nas casas das famílias de pessoas que consomem crack onde há presença masculina, quando há violência física e tentativa de furto do usuário, a responsabilidade de assegurar a proteção de todos costuma ser associada a este gênero; enquanto o ato de cuidar é, geralmente, designado ao gênero feminino. Esse cuidado costuma ter características afetivas e

³⁷ Bourgois e Shcomberg (2009) têm um capítulo dedicado às análises desses relacionamentos erótico-afetivos que observaram durante a pesquisa. Tina e Carter são as personagens de sua trama; ao descrever o cotidiano do casal, os autores nos descrevem nas minúcias dessa relação o machismo nada velado e muito imbricado à ideia da mulher frágil. Tina é uma mulher forte que, mesmo contra a corrente, encontra possibilidades de agência e mostra ao mundo social no qual está inserida que não se renderá às óbvias relações de poder que a oprimem (mas é abatida em diversos momentos).

está, usualmente, atrelado às tarefas que no contexto social mais amplo, não apenas no convívio com o crack, pude observar serem frequentemente classificadas como femininas: cozinhar, por exemplo.

A descrição que fiz no começo do texto do meu encontro com a mãe que busca quase que diariamente seu filho nas ruas de São Paulo, levando consigo roupas limpas para entregá-lo (na esperança do encontro), evidencia esse papel feminino que vi sendo desempenhado em vários momentos de pesquisa. Nas ruas da região da Cracolândia ainda não encontrei nenhum pai fazendo busca semelhante; encontrei, entretanto, namoradas, companheiras, irmãs e, majoritariamente, mães (que geralmente levavam consigo alimentos e objetos para os filhos). As figuras masculinas que encontrei neste contexto de busca foram de homens religiosos ou estudiosos, bem como amigos próximos de usuários.

Em 2015, levei minha mãe e meu irmão ao cinema para vermos o filme “Metanoia”³⁸. Nele é mostrada a história de uma mãe e seu filho, que se envolve com o crack. Ao sairmos da sala de cinema, entre as cenas marcantes do drama³⁹, uma foi destacada por nós três (que, ao assisti-la, deixamos as lágrimas correr – talvez por termos nos identificado com aquilo). Com um recorte atemporal, a cena trata de um rapaz cuja trajetória de vida é mostrada poucas vezes em outros momentos do filme. Sentados nos degraus das escadas em frente a um prédio que parece ser o da Estação da Luz, na região da “Cracolândia” em São Paulo, a mãe faz uma visita para “celebrar” o aniversário do filho. A conversa nos informa que ele está nas ruas há quatro anos e que se sente “morto” e incapaz de conseguir mudar a situação, ele diz que a pedra o “chama pelo nome”. As emoções são intensas e conflituosas, a mãe parece estar feliz e, ao mesmo tempo, triste em ver o filho. Feliz porque quer apenas estar perto dele e, ao pedir um abraço (que o filho resiste em dar, por conta do seu cheiro), ela diz só querer poder “sentilo”; triste por vê-lo com marcas de desgaste físico e psicológico, frutos da fissura que marca seu cotidiano.

A mãe tenta fazer com que a situação fique mais amena em termos emocionais; já o filho aparenta estar incomodado com a visita. Ele está com muita vergonha e raiva por ter que recebê-la em tal *situação*. Ambos se sentem impotentes frente a tantas contradições, mas a mãe pede que brinquem de “faz-de-conta” e finjam que estão em casa e que ele acabou de voltar da faculdade para celebrarem seu aniversário. Ela lhe mostra o bolo que fez para ele (de brigadeiro,

³⁸ NAGLE, M e CHIARASTELLI, G. *Metanoia*. [Filme-vídeo]. Produção de Miguel Nagle, direção de Gabriel Chiarastelli. Brasil, Companhia de Artes Nissi e 4U Films, 2015. Cinema, 1h53m. Drama.

³⁹ Para ver a cena, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=iKN5rNrZ4FA>>. Acesso em 07 de agosto de 2017.

seu predileto) e cantam parabéns. A cena termina com o pedido do filho para a mãe para que ela “finja” também a sua morte, assim ela não sentiria mais a dor de vê-lo nesta situação, apenas saudades; a mãe devolve o pedido com outro: que ele volte para casa quando se sentir preparado. Ela diz que não vai questioná-lo sobre nada do que viveu nas ruas, apenas aguardá-lo com a sua comida favorita (o arroz e o feijão separados, e a salada com bastante sal) para quando ele estiver cansado do que ela chama de “comida de porco” que vinha comendo.

Durante a conversa, a mãe conta para o filho que não tem com quem celebrar o seu aniversário; ela diz que seu pai fica trancado no quarto, introspectivo, e que seus irmãos estão cuidando da própria vida. Contou isso com tristeza estampada no rosto e deixou transparecer que se sente sozinha. Essa mágoa foi recorrente, mas não a observei de forma homogênea nas narrativas que pesquisei. Muitos irmãos e pais, como os meus próprios, se responsabilizam por dar suporte financeiro e físico às mães e irmãs que prestam este cuidado mais “afetivo” e, com menor frequência, também o fazem com os próprios usuários.

As idas aos médicos, os bolos, as “comidinhas” e as roupas limpas, os abraços e o compartilhamento da dor são, geralmente, parte deste arsenal de cuidados que muitas mulheres têm para fazer da vida desses usuários uma passagem menos dolorosa (essas ações são sempre descritas como atos de *amor*). Já os cuidados masculinos costumam enfrentar mais as questões financeiras, de uso da força física e de uma espécie de postura mais “dura” frente à situação. Das violências por parte dos usuários, não são todos que descrevem ter usado de força física. Principalmente as mulheres se abstêm dessa memória; a manipulação, entretanto, é generalizada. Não ouvi nenhum usuário dizer que nunca manipulou sua família para conseguir a próxima pedra.

É fundamental notar que as referências que faço à masculinidade/feminilidade não estão atreladas ao sexo da pessoa, mas sim a suas performatividades de gênero. Flávio, por exemplo - homem transexual, amigo e interlocutor de pesquisa -, está sempre a me contar de seus casos amorosos com mulheres que “cuidam” dele. E por cuidar, Flávio se refere à limpeza de seu quarto em um hotel do programa “De Braços Abertos” da prefeitura de São Paulo, à lavagem de suas roupas e também aos alimentos que elas costumam o oferecer. Além de sexo, afagos, carinhos e cafunés, é claro!

Se, por um lado, é recorrente nas narrativas acima essa forma como é dividido entre os familiares o trabalho de cuidar do usuário, existem também muitas variações. Variações essas que eu vi e vivi em minha vida, visto que não foram poucos os momentos que vi meu pai e meus irmãos se cuidarem em todos os aspectos que apresentei acima como “femininos”. Os vi chorar, os vi cozinhar, os vi dar suporte afetivo um ao outro. Mesmo Cássio, como disse

acima, sempre se mostrou muito sensível às minhas questões afetivas e, além disso, como minha mãe sempre trabalhou em dois ou mais empregos, ele sempre foi meu cuidador. Alimentava-me, vestia-me, e cuidava de mim quando eu ficava doente. Até hoje cuida.

Na ONG Amor Exigente observei também, muito menos frequentemente, pais e irmãos que se disponibilizavam a prestar esses cuidados que descrevi como femininos. O mediador de um dos grupos que frequentei por alguns meses, por exemplo, foi a figura que mais marcou para mim essa agência individual em enfrentar os estereótipos das performatividades de gênero nas relações de convívio com o crack. Ele chorava, se emocionava e contava como tentou diversas vezes dar suporte emocional ao filho, mas não obteve resultados. Também contou das vezes que só queria estar perto dele, alimentá-lo, vesti-lo, calçá-lo, leva-lo ao médico.

Na cena apresentada do filme “Metanoia” a mãe fala sobre o enclausuramento do pai, o que me levou a pensar sobre seu sofrimento que não transborda, como o faz em forma de lágrimas no rosto da mãe. Não transbordar não significa que não dói; às vezes dói até mais. Meu próprio pai e também os que conheci na ONG Amor Exigente reagiram muitas vezes dessa forma: calando-se. Os conflitos gerados pelas relações de gênero, nesse contexto, incluem o fato de que o próprio sofrimento e o acolhimento *amoroso* do usuário não são designados ao universo masculino; essa imposição, como tem caráter social, cultural e simbólico é, muitas vezes, extrínseca aos indivíduos e, com isso, fomenta angústia por não dar espaço para que os homens expressem seus sentimentos. Com a pesquisa, no entanto, posso afirmar que fica, para mim, uma esperança de mudança; isto porque muitos indivíduos dão atenção às suas vontades próprias e seus sentimentos, questionando padrões sociais que lhes foram ensinados.

Sócrates Nolasco (1993) aponta, em seu levantamento histórico, para o fato de que a ideia do “novo homem” (cuja força não mais provém de seu distanciamento emocional, abrindo espaço para novas formas de masculinidade) tem suas origens no movimento americano de contracultura nos anos sessenta. Neste período, através do movimento hippie e beatnick, por exemplo, nasceram questionamentos em torno da relação do homem e suas próprias emoções. O autor aponta, no entanto, para o fato de que neste movimento para um “novo homem” há ainda um grande caminho a ser percorrido e, neste sentido, em seu trabalho também encontramos esta esperança mencionada acima. Segundo o autor:

Toda essa discussão faz com que os homens possam romper com a solidão do isolamento afetivo, aprendido com o pai, e daí moverem-se pela vida, contidos por amarras internas, e respaldadas socialmente pelos estereótipos de comportamento definido por ele. Os homens agora não desejam mais

caminhar a esmo respondendo a todas as demandas afetivas e profissionais. Eles querem prosseguir para além da reflexão intemista e para isso poderão aprender bastante com a história vivida nos anos 60, em que a leveza não eliminou a densidade de pessoas comuns. (NOLASCO, 1993: 186)

As relações entre os familiares e as pessoas que consomem crack estão, portanto, marcadas por cuidados e afeto, mas também por muitos conflitos gerados a partir do convívio com o desejo compulsivo pela próxima pedra de crack. Além das questões destacadas acima como fundamentais na apreensão do emaranhado emocional no qual essas relações se conformam (tais quais: manipulação e violências físicas e emocionais), uma questão se destaca como fator propulsor de conflitos frequentes, que muitas vezes resultam na expulsão do usuário de casa: o roubo doméstico.

A pedra de crack e sua vida social

Eu não sei explicar porque é gostoso, mas posso te dizer que eu posso ficar dez anos sem usar, mas toda vez que eu pego dinheiro a primeira coisa que vem na mente é o crack. Primeira coisa. (Marcos)

Do ponto de vista do indivíduo e sua subjetividade, todas as trocas podem conter discrepância entre os sacrifícios do comprador e do vencedor, discrepâncias normalmente postas de lado por causa das inúmeras convenções sobre a troca que são cumpridas por ambas as partes. (APPADURAI, 2008: 29)

Apesar de estar no albergue por ter sido expulso de casa depois de vender o notebook ainda sendo pago em parcelas pela mãe, Marcos mantinha, à época da entrevista, o contato com seus irmãos, cunhadas e sobrinhos, e tinha certeza de que, em algum momento, iria falar com sua mãe e seu padrasto. A descrição de Marcos da relação que ele mantinha com sua família perpassava por uma série de eventos que envolviam a vida material. Como, por exemplo, o auxílio financeiro que ele sempre providenciou em casa, ou as disputas que travou com seus irmãos quando eles faziam mal-uso de suas coisas; e, o que ganhará maior destaque neste texto: os furtos de Marcos em casa. Esse destaque se dá pelo fato de que, de uma forma geral, a vida material está presente na vida de todas as famílias que compartilham uma casa, mas esta dinâmica de furtos domésticos é muito característica do ciclo de fissura de crack cuja complexidade venho tentando analisar.

Marcos aponta para o fato de que o arrependimento por ter vendido os objetos que colocou em circulação durante a fissura chega assim que acaba o último trago. Esse

arrependimento é ainda maior se for de um objeto roubado em casa. Conforme anunciado acima, ele está no albergue porque foi expulso de casa quando trocou o notebook de sua mãe por R\$ 300,00, convertidos em créditos pelo próprio comerciante de drogas do bairro que gostou do objeto e o quis para si. O notebook, que foi comprado por um valor de mercado, com o agravante de ser parcelado e levar meses até que sua mãe conclua o pagamento, foi vendido na avidez do momento de fissura de Marcos. E este não foi o primeiro objeto que causou mudanças na dinâmica da casa da família de Marcos: “quando eu vendi o microondas de casa por cinquentão foi o estalo para eu internar pela primeira vez. Pedi para o pastor da igreja da minha mãe”.

A descrição desses furtos foi observada entre quase todos os meus interlocutores de pesquisa e são frequentemente causas de brigas com “familiares”, expulsões de casa e mesmo rompimentos de laços que não se reatam por anos, ou nunca são reatados. Com isso, os furtos às famílias de origem propulsionam a movimentação de muitos usuários entre cidades, centro, periferia e instituições. Os objetos roubados costumam ser pessoais de todos os membros da família e, geralmente, acontecem depois de o usuário já ter vendido tudo em sua propriedade. Como bem nos mostrou Marcos em suas narrativas, descritas acima, qualquer coisa pode se transformar em um ou mais tragos de crack.

Os furtos ou roubos, no entanto, não são os únicos meios pelos quais Marcos (que espelha outras narrativas que ouvi) me contou conseguir manter seu desejo pelo crack e sua subsistência enquanto morava com sua família, apesar de considerá-los a forma mais fácil de fazê-lo, quando “batia o desespero” pela substância e ele não tinha mais dinheiro (em suas palavras: “na verdade você pega dentro de casa porque você acha fácil, né?”). Marcos, àquela época, era pedreiro há muitos anos e me contou orgulhoso de sua profissão e de como, diversas vezes, ajudou em casa financeiramente. Disse-me que sempre, ao receber seu salário, dava dinheiro para sua mãe para colaborar com as despesas da casa. Entretanto, com o dinheiro que sobrava ele comprava crack e, quando não conseguia parar de usar ao acabar, chegava a pedir que sua mãe o devolvesse a quantia de sua “colaboração” com a manutenção doméstica. Sobre isso, Marcos me confessou:

Os caras (se referindo aos comerciantes de drogas) já estavam até acostumados que eu ganhava e tal. Mas quando eu não estava trabalhando, eles pediam lá em casa, colocavam pressão na minha mãe. A véia, não querendo que acontecesse coisa pior, ia lá e pagava. Sempre, direto era assim! Chegou num ponto que sabe o que eu já fiz? Fui para a favela e usei meu dinheiro todo. Aí, vamos supor, chegava em casa, dava R\$ 200, R\$ 300 para a minha mãe. Quando eu acabava de entregar o dinheiro aqui, já ia lá usar

minhas questão. A hora que acabava eu inventava história, falava para os caras [comerciantes de drogas]: - liga lá em casa, fala que eu estou aqui, assim e assado, estou devendo para você e eu preciso do dinheiro agora, se não você não vai me deixar ir embora não. O cara ia, ligava lá em casa e minha mãe subia.

Essas manipulações são geralmente resultantes do fato de ser um grande desafio conseguir consumir crack de modo compulsivo e, concomitantemente, conviver com seus familiares, se alimentar, trabalhar, namorar, etc. Como uma resposta desesperada ao desejo pela próxima dose, bem como à irritabilidade e paranoia (que são efeitos comuns do consumo da substância), Marcos e muitos de meus interlocutores de pesquisa remontam, geralmente com vergonha, a uma série de abusos psicológicos, materiais e físicos que exerceram sobre seus familiares e companheiros erótico-afetivos. O esforço empregado na labuta diária como pedreiro parece, para ele, ser em vão quando remonta, desacreditado em si mesmo, às frustrações de ter sua vida material absolutamente envolta em um ciclo de fissura.

Eu sempre ganhei bem como pedreiro, eu recebia R\$ 400 por semana. Ia tudo em crack. Eu já tinha certeza que ia ter o dinheiro e os caras sabiam que eu fumava era muito, aí eles me vendiam. Eu ficava devendo às vezes R\$ 300, R\$ 350. Pegava R\$ 400 do trabalho, pagava os caras e já fazia mais R\$ 300 de dívida no mesmo dia. Você desanima por já estar devendo, você já sabe que você vai chegar lá e vai ter um sol escaldante, vai ser um dia do capeta, vai chegar com a mão arregaçada em casa, estourado e você pensa: - porra, já estou devendo meu salário inteiro dessa semana! E eu, é o seguinte, eu peguei uma mania feia de não usar pouco de qualquer tipo de droga, você entendeu? Não me satisfaz pouco! Eu tenho que usar muito. Aí eu começo e não paro.

Há, portanto, um encadeamento entre fissura e dificuldade, por parte dos usuários em controlarem suas vidas materiais. Essa dificuldade é, geralmente, em conseguir e manter bens próprios e familiares, quando nesse convívio doméstico e de primeira instância socializadora. Apesar de material, essa dificuldade surte efeitos bastante afetivos e emocionais, como quando minha mãe relembra o primeiro furto de Cássio em casa para a compra de crack: o objeto furtado se tratava do anel de sua formatura de graduação universitária. Um anel que havia custado muito dinheiro, também parcelado; era composto por pedras de safira, exatamente como ela queria. Possuía, evidentemente, um valor financeiro, e principalmente emocional: ela tinha muito orgulho em colocá-lo todos os dias antes de ir trabalhar. Já para Cássio, ele não era apenas um anel de pedra preciosa, era o anel da mãe. Também marcou a história da nossa família quando o roubo foi de algo tão surpreendente como um peru de Natal. Inicialmente foi comprado apenas como uma ave natalina, mas depois de já estar temperado por meu pai,

aguardando para ser assado no dia 24 de dezembro, ele representava, no limite, o Natal. O centro do ritual natalino, o centro da refeição natalina que seria realizada em casa.

Assim como Marcos, Cássio sempre nos demonstrou profunda tristeza e arrependimento em vender nossos pertences. Eu sempre observei e ainda observo suas angústias pelo autoflagelamento corporal decorrente dos efeitos do consumo de crack, revolta, insegurança e tristeza causadas por estigmas sociais em torno de seu movimento imbricado no ciclo da fissura - por se ver como um *nóia*⁴⁰. Estas emoções variam, certamente, de indivíduo para indivíduo, momento para momento; há um cunho psicológico pulsante neste contexto. Entretanto, elas também podem ser analisadas sociológica e antropológicamente, uma vez que são elementos fundamentais para compreender algumas das dinâmicas nas relações entre usuários de crack e seus familiares, tal como observei em campo. São, mais do que isso, questões centrais para meus interlocutores de pesquisa, quando refletem sobre suas trajetórias e sobre as fissuras constituídas e sobre outras relações criadas, nesses contextos analisados. Como tais, é importante que sejam compreendidas nas maneiras como são articuladas narrativamente e como são chaves de leitura privilegiadas para acessar as experiências dessas pessoas.

Os objetos, frutos de conquista própria do usuário, furto na casa ou na rua, ou de qualquer outra procedência, se movimentam não por uma lógica de mercado, mas por uma lógica própria da fissura. Fissura, essa, cujo tempo está marcado pelo desejo e depois pelo arrependimento. Observar a vida social das pedras de crack e dos objetos que circulam para sua obtenção possibilita perscrutar também por essas teias de relações que envolvem emoções e que, além de marcarem o usuário como “abjeto” (termo empregado no contexto de uso de crack por Rui, 2014), marcam também a vivência e o conceito de família.

Nos termos de Appadurai e Kopytoff, as mercadorias “têm histórias de vida” e a “rota de alguns objetos” (2008: 31) começa através da mercantilização e passa à categoria de pertence de alguém ou de um coletivo (como, no caso, das famílias, do *lar*) que, sendo furtados, são desviados dessa trajetória e inseridos na dinâmica econômica da própria pedra de crack. A rede receptora destes bens é extensa e pode nos dizer muito sobre valores morais, simbolicamente mediados, em sociedade neste contexto. Se, por um lado, esses valores fazem com que o usuário seja “mal visto” por vender objetos da família e por não valorizarem seus

⁴⁰ Termo êmico descrito por Rui (2014) para descrever o estereótipo do indivíduo usuário de crack envolvido de maneira intensa com a substância. Tal intensidade é descrita pelos interlocutores de pesquisa da autora através de características físicas, materiais e emocionais. O termo é trabalhado de maneira ampla por ela, visto que se trata de uma categoria a qual os usuários fazem uso para falar sobre suas próprias condições e como se enxergam, buscando se distanciar da condição de *nóia*, mesmo fumando crack.

próprios bens, por outro, eles regulam relações que permitem que muitas pessoas se beneficiem desse mercado para lucrar com os objetos que são adquiridos por um valor muito abaixo do mercado formal, pois seguem uma lógica que exige rapidez: a do desejo pela pedra.

Na continuidade dessa trajetória, os objetos podem ser trocados por “créditos” em crack com os próprios comerciantes de drogas, comprados por terceiros (muito comum serem donos de bares, vizinhos ou moradores do bairro e os próprios comerciantes de drogas) ou, de forma bastante explícita (como em uma feira livre de rua) no *fluxo*⁴¹, na região da Cracolândia em São Paulo. Essa dinâmica de troca de objetos domésticos ou individuais dos familiares por crack, quando o usuário tem essa passagem pela família de origem – consanguínea ou não – como primeira instância socializadora, costuma acontecer enquanto eles moram juntos e, comumente, acontece nos próprios bairros dessas residências.

No caso dos bairros residenciais, como bem nos mostra Taniele Rui (2014), as possibilidades que o usuário tem para obter meios e comprar a próxima pedra não são tão numerosas quanto nos centros urbanos. Reciclagem, “olhar carro”, pedir dinheiro no semáforo, prostituição e roubos a desconhecidos, que são comuns como práticas imbricadas ao ciclo da fissura no centro, não são bem-vindas nos bairros residenciais. Nesses bairros, as acusações de fracasso dos moradores que observam as famílias em cuja casa há alguém que consome crack são frequentes; evidentemente isso está atrelado ao fato de haver uma menor aglomeração desta população. Além do número de usuários ser menor nos bairros residenciais, observei também que nesses lugares eles têm nome, ou seja, são conhecidos (geralmente desde a infância) pelos moradores dos arredores de sua casa.

Mesmo sendo comum que esses moradores acusem os usuários por seus fracassos (diretamente ou indiretamente), muitos deles comprem os objetos que foram roubados das casas de “famílias” e que, por seus valores serem definidos a partir do desejo pelo crack, costumam ser mais baratos do que os preços do mercado convencional – o que parece contribuir, agora na perspectiva do consumo e do destino desses objetos, para o esgarçamento de inúmeras outras relações, como a de conhecidos e vizinhos (o que chama atenção para a relevância de uma

⁴¹ Assim era chamada a rua com maior movimentação da região da Cracolândia, onde há o maior número de pessoas aglomeradas, consumo e venda do crack. A localização do fluxo e da Cracolândia é móvel, sua mobilidade está atrelada a questões políticas e econômicas envolvidas no local (Cf. RUI, 2014). Antes do dia 22 de maio de 2017 ele ficava localizado na Rua Dino Bueno. Sobre o local, Marina Nasser (2016, p. 13) relata: “É difícil descrever o ‘fluxo’ tamanha quantidade de informações e coisas que acontecem ao mesmo tempo: algumas pessoas permanecem em constante movimento, me pareceu que à procura de negociações, como em uma ‘feira do rolo’; outras estão em rodas, sentadas ou em pé fumando crack e conversando; uns vendem coisas diversas, entre pedras de crack, itens artesanais, roupas, materiais encontrados no lixo, em pedaços de pano estendidos no chão ou em mesas improvisadas; algumas carroças estão estacionadas ao redor, com pessoas sentadas próximas a elas. Muito barulho – barulho de gente gritando e anunciando coisas; de gente conversando; de alguns que gritam sozinhos; dos carros que passam. Muita fumaça – dos cigarros e de crack; um cheiro bastante forte e que lembra resina.”

análise do espaço, dos lugares, uma vez que é possível traçar esses efeitos impulsionados pela venda de objetos da família em contextos espaciais bem delimitados: o bairro, a região, o território). Seja pelos incômodos ocasionados pela concretude das relações sociais estabelecidas (o que ajuda a entender a necessidade, em casos mais extremos, de deslocamento para espaços em que não se conhece o nome), ou pela segurança de um deslocamento intermitente e, em vários casos, periódicos, a análise da trajetória desses índices materiais ajuda a compreender a produção (incluindo sua ruína e destruição) de relações sociais, uma vez que parecem até mesmo ser – ao menos parcialmente – constituídas materialmente.

A entrada e a circulação entre regimes de valor dissonantes, ainda que coexistentes (o que explica a enorme discrepância nominal entre o valor de mercado mais amplo e o de trocas nesses contextos restritos, da sobreposição da esfera pública e a esfera do consumo da droga), desses objetos – de uma perspectiva completa entre o valor monetário reivindicado e lembrado amargamente pela família, desse objeto quando adquirido por um valor muito diferente por um receptor ligado ao mundo da droga – nos chama atenção para como é possível acompanhar esse processo dolorido de forma mais concreta. Sentimentos como raiva, decepção, arrependimento, são constantemente invocados junto à constatação (por parte da família ou do usuário), de que o consumo da droga leva a um realinhamento de valores de objetos pessoais de forma brutal, estopim de brigas e mesmo de expulsões de casa. É como se fosse possível traçar, materialmente, o quanto o consumo de crack joga essas relações pessoais em uma lógica flagrantemente absurda (do ponto de vista dos familiares e mesmo do usuário, quando reflete sobre esses casos) e, poderíamos acrescentar e ir mais longe, o quanto isso vai aos poucos sendo elemento constitutivo de uma relação que frequentemente invoca os episódios de roubo, signos de fraturas e de ressentimentos, sempre lembrados daí em diante.

Minha mãe se recorda do dia que voltou de uma breve viagem e ao chegar em casa Cássio havia vendido o botijão de gás. Ela disse que nessa ocasião se irritou muito com ele; exigiu dele que contasse para quem tinha vendido e que fosse buscar o botijão com ela. A receptora do objeto era uma senhora conhecida pela minha mãe, e bastante conhecida também pela maior parte das pessoas da comunidade, pois ela trabalhava na escola do bairro. Tratava-se de uma senhora frequentadora da igreja da comunidade, reconhecida por ser trabalhadora, mas que ao ser questionada por que havia feito isso, disse à minha mãe que Cássio estava vendendo barato e se ela não tivesse comprado, outra pessoa o teria feito.

Lembro-me também do dia que, ao passar de carro pela avenida do bairro onde residi até a adolescência, avistei meu irmão com meu Walkman nas mãos, oferecendo o objeto ao meu vizinho. O vizinho era um senhor que mora em frente à casa dos meus pais há mais de

trinta e cinco anos. Ele acompanhou todas as fases de nossa família, e eu costumava frequentar sua casa para brincar com seus netos. Quando vi a cena, pedi para que minha amiga parasse o carro e desci para pedir o objeto de volta ao meu irmão, que colocou o Walkman no bolso e negou a acusação. O vizinho, que já havia comprado um pássaro e ferramentas do meu pai pelas mãos do Cássio, não teve nenhuma reação. Frente ao olhar irritado do meu irmão e à displicência do vizinho, senti-me impotente e fui embora. Quando cheguei a casa, ao procurar pelo Walkman, apenas confirmei o que já sabia: Cássio realmente o tinha furtado.

Na história de Marcos não foi diferente. Além dos comerciantes de drogas (como foi no caso do notebook), havia uma rede de moradores do bairro que compravam suas mercadorias. Contou-me, por exemplo, da vez que vendeu a jaqueta de seu irmão, quem ao chegar em casa disse que tinha visto alguém usando sua blusa na rua, mas que queria confirmar o roubo de Marcos antes de reclamar com o comprador. Ele exigiu de Marcos que recuperasse a jaqueta, mas Marcos já não tinha mais o dinheiro, o que ocasionou uma briga física entre eles.

Tanto no centro, quanto nos bairros residenciais, a dinâmica de obtenção de meios para a compra de pedra de crack é observada e regulada também pelo “crime organizado”⁴². No bairro onde resido na cidade de Votorantim, SP, por exemplo, recebi a visita indesejada de um usuário de crack que abriu o portão de minha casa e ia entrando quando eu o interpelei. Ele disse que estava procurando por uma pessoa, pediu desculpas e foi embora. Assustada, procurei meus vizinhos para esclarecer a situação, que me disseram que se tratava de um *nóia* que estava roubando algumas casas para comprar crack; disseram-me também que esta situação seria temporária, visto que apenas estava acontecendo porque o comerciante de drogas que tem a maior autoridade no bairro havia sido preso há poucos meses, mas que seria solto em breve e voltaria para “organizar a situação”. Observei a recorrência dessa “organização” também no bairro em que nasci e morei até a adolescência, além de em narrativas diversas em outros contextos de pesquisa.

Na região da “cracolândia” em São Paulo e no centro de Campinas e em Sorocaba essa organização tomou outras formas, visto que as acusações de pessoas que não são envolvidas com o crack e com o comércio de drogas costumam desconsiderar “nome” e “família”. Mesmo o “crime organizado” não consegue ter olhos para observar todas essas dinâmicas de obtenção de meios para a próxima pedra; também não são cobrados por isso, como são nos bairros, onde costumam tentar manter status de “autoridade” e “proteção” entre os moradores.

⁴² Tal qual o Primeiro Comando da Capital (conhecido como PCC) no Estado de São Paulo.

Roubar de pessoas desconhecidas é comum no centro, mas nesse contexto de uso há retaliação ao usuário que rouba de outro usuário (mesmo que seja um isqueiro velho, por exemplo). O roubo, como descrito na cena que apresentei acima, do dia que assisti ao filme “Gato de botas” em um hotel do programa “De Braços Abertos” na região da Cracolândia em São Paulo, é muito condenado. *Ratear* é o termo êmico para esta conduta e, como os *talaricos*⁴³, os que roubam de pessoas *interadas*⁴⁴ estão passíveis de punição física ou moral. Não foram poucas as brigas que observei em campo por causa de roubo entre conhecidos em contexto de uso. Nesta perspectiva, a vida social da pedra de crack e as relações que prescrevem seu valor (no sentido político descrito por Appadurai⁴⁵), perpassará todo este texto. É importante frisar que as relações interpessoais do usuário (com os objetos, com o comércio de drogas, com os moradores do bairro, com transeuntes, etc.) são marcadas por especificidades observadas em cada espaço onde fiz trabalho de campo, o que pretendo deixar evidente ao longo da dissertação.

Considerando o desejo compulsivo pelo crack, pretendo ter demonstrado que o convívio com a família de origem pode se tornar opressivo e angustiante para ambos os lados. As condutas diárias, tais qual a manipulação, violência física e psicológica e os frequentes roubos domésticos por parte dos usuários, são algumas das possíveis causas dos conflitos gerados neste convívio. Por outro lado, os usuários também apresentam uma angústia pelas acusações de terceiros, mas, principalmente, pelas autoacusações de fracasso. A sensação de impotência fica evidente dos dois lados.

Os conflitos que ocorrem nas relações de convívio doméstico do usuário com sua família de origem, propulsionam uma movimentação do usuário por outros espaços urbanos. Reflito sobre parte desta possível movimentação nos capítulos subsequentes, onde o objetivo será descrever os novos laços de família que se formam a partir de outros territórios, como onde se faz o uso da substância e em instituições que acolhem esses usuários, e também as novas configurações domésticas e compartilhamentos de uma economia moral. Além disso, buscarei apresentar as formas como se mantêm (ou não) os laços desses usuários com seus familiares de origem ao longo desta circulação por diferentes territórios.

⁴³ Termo êmico utilizado para descrever pessoas que mantêm relações erótico-afetivas, ou tentam fazê-lo, com alguém que já é comprometido.

⁴⁴ Termo êmico que descreve as pessoas que sabem quais são as regras de conduta no convívio em lugares de uso e comércio de crack e cocaína.

⁴⁵ “(...) A troca econômica cria o valor; o valor é concretizado nas mercadorias que são trocadas; concentrar-se nas coisas trocadas, em vez de apenas nas formas e funções da troca, possibilita a argumentação de que o que cria o vínculo entre a troca e o valor é a política, em seu sentido mais amplo. Este argumento, que será elaborado no decorrer deste texto, justifica a tese de que as mercadorias, como as pessoas têm uma vida social” (APPADURAI, 2008: 15).

Capítulo II

A noção de família a partir de instituições: vivências no SAMIM e no Instituto Padre Haroldo

Os espaços institucionais, bem como os de consumo de crack na rua influem nas construções narrativas e no cotidiano no que tange à evocação do tema família– as instituições que visitei incentivam o contato com a família de origem, por exemplo. Em nenhum dos dois contextos (nas ruas e instituições que abordo no texto ou na família de origem), a família remete necessariamente a laços de consanguinidade. Em campo, o que me foi colocado a todo momento foram tentativas de identificar esses laços também a partir de relações carinhosas, amorosas e também a partir de troca econômicas, de cuidados e de substâncias. Nos locais de consumo de crack, onde a condição de vida é marcada por vulnerabilidades econômicas e físicas, ficou evidente que a formação de elos que fossem descritos com a força que a palavra família carrega, na maioria das vezes, era fundamental para a sustentação de uma vida e cotidiano mais seguro, tranquilo e farto⁴⁶. A confiança, no entanto, é todo o tempo colocada em pauta, a fragilidade das relações nesses contextos é percebida através dessa categoria.

Confiar em alguém torna possível um descanso às vezes físico, às vezes emocional e não tem caráter permanente; o cotidiano vai transformando as relações e a confiança está sempre sob avaliação de atitudes e reciprocidade. Confiança é algo que perpassa todas as relações humanas, não apenas na Cracolândia ou no albergue da prefeitura de Campinas, mas aí pude notar destacada importância: não é algo sutil ou silenciado, é algo que importa e tem que ser real.

As relações que são frutos de confiança possibilitam trocas importantes de cuidados, bens e da própria pedra de crack. No entanto, sequer nestas relações o banimento do uso da violência é garantido – muitas mulheres são agredidas física e psicologicamente por seus companheiros, por exemplo. Ou ainda, muitas amizades acabam por um uso indevido de uma pedra de crack ou dinheiro do companheiro, o que geralmente gera também violência física ou agressões verbais.

Pretendo deixar essa introdução ao tema e suas peculiaridades mais evidentes com a descrição de algumas cenas, algumas narrativas que pude observar nesses diferentes

⁴⁶ Sobre este tema, Vinicius Lima (jornalista) produziu um documentário chamado “A Sós: relacionamentos em situação de rua” (2018), cujo conteúdo é público no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=W9Chpj5yO44&t=326s>> (Acesso em 17 de janeiro de 2018). A partir da história de algumas pessoas, o documentário revela a importância de não estar só para moradores de rua.

contextos. Pretendo então, a partir disso, trabalhar neste capítulo como algumas questões dão visibilidade às formas observadas sobre a noção de “família de origem” e sobre as “famílias por escolha”. A tentativa a seguir, ao trazer essas narrativas, é de montar um mosaico que, juntando as diferenças nas trajetórias de vida das quais me aproximei, por fim me mostrou, em sua totalidade, a beleza da criatividade humana em conferir sentido à vida cotidiana. As emoções parecem ser um aparato pelo qual as histórias fazem sentidos múltiplos para experiências semelhantes, decorrentes do desejo compulsivo pelo crack. Para tanto, minha escolha de análise das narrativas das pessoas de quem escolhi falar está muito inspirada em tentar transbordar o que eu vivi e pude apreender sobre esses cotidianos que, diferindo entre eles, compartilham aspectos de uma experiência coletiva, formas de agir ou mesmo sentir. Busquei, nas histórias apresentadas, valorizar os sujeitos, pois, como lembra Scott (1998), acredito que as experiências são o objeto desta pesquisa e não a origem da explicação.

O local onde foram feitas as observações e entrevistas, percebi, influenciou bastante as respostas e a importância dos temas abordados para essas pessoas. Quanto a mim, a forma de ouvir e os tipos de perguntas e interações que tive com eles foi muito marcada pelos meus medos de me movimentar de forma inapropriada ou mesmo perigosa frente ao meu campo. A interpretação dos fatos também foi marcada pela intensidade das emoções que nos causaram.

1 Albergue da Prefeitura de Campinas (SAMIM)

Quem procurava o albergue podia ficar, via de regra, por até quinze dias hospedado no local. Ao acompanhar algumas entrevistas que determinavam o período desta estadia com as assistentes sociais (que eram todas mulheres), notei que elas diferenciavam os usuários entre alguns grupos principais: moradores de rua da cidade de Campinas, moradores de rua que vinham de outras cidades e estados e idosos enfermos que não tinham lugar para morar. Conversando com elas, fui informada que para os moradores de rua da cidade era concedido o menor período de tempo para a estadia no local e a eles era informado que não poderiam retornar mais de uma vez em um intervalo curto de tempo, considerando que precisariam aguardar um intervalo de dois meses entre as duas possíveis estadias de até quinze dias. Já no caso dos idosos, elas entendiam que não haviam vagas em casas de repouso gratuitas na cidade e, com isso, concediam a eles períodos indeterminados de estadia no serviço. Havia, inclusive, um quarto grande destinado exclusivamente a este grupo.

Até quinze dias também era o padrão do tempo de estadia concedido para os moradores de rua que vinham de outras cidades, mas a eles eram ofertadas passagens de ônibus

de regresso para a cidade de origem caso elas conseguissem fazer contato com a família e eles afirmassem que o usuário do serviço seria recebido ao chegar no destino. Aparte dos interesses da cidade de Campinas em manter esses indivíduos longe de suas ruas e serviços (postura bastante higienista da prefeitura), esta prática nos revela a importância dada pela instituição à família de origem, bem como o quanto a responsabiliza pelo cuidado e atenção a estes usuários do serviço – para o interesse desta pesquisa, selecionei os que também eram usuários de crack. Esta influência institucional apareceu nas entrevistas que realizei no local através dos relatos realizados pelos usuários sobre esse contato com seus familiares, o que lhes fora solicitado. Foram raros os que ficavam felizes por terem sido acolhidos pelos familiares; a maioria via a oportunidade de contato de forma negativa, pois se sentiam culpados por ações passadas (como roubos na casa da família de origem) ou, ainda, tinham raiva por serem rejeitados por eles.

Outros serviços que observei terem sido mais interessantes aos usuários foram: o auxílio à reconquista dos documentos e do cuidado de si (higiene, roupas, etc.), incentivo e apoio à busca de um emprego e um lugar para morar. Percebi que essas conversas que os usuários do serviço tinham com as assistentes sociais faziam com que eles de fato tivessem o desejo de conseguir essas coisas, mas, muitas vezes, era motivo de autodepreciação, descrença de que seriam capazes de alcançar essas metas, ou que, de fato, havia espaço para eles no mercado de trabalho formal, por exemplo. Também entrava em questão o fato de que não conseguiriam alugar uma casa, por não terem fiadores ou registros em carteiras e, com o prazo de estadia concedido pela instituição, o tempo era uma pressão a mais neste processo.

Eles sabiam que fazer com que as assistentes sociais acreditassem que eles queriam esses objetivos para si era uma forma de se apropriarem do sistema em benefício próprio, visto que essas funcionárias podiam aumentar o número de dias de estadia para auxiliá-los neste processo. De qualquer forma, essas questões eram importantes durante a estadia deles, fosse para entrar neste jogo de convencimento das assistentes sociais, fosse para se incentivarem a cuidar melhor de si e conseguir alguma mudança mais significativa de vida. A reconquista dos documentos no Poupatempo⁴⁷ era sempre um dos primeiros passos, bem como cuidar da higiene pessoal, conseguir roupas novas na instituição e descansar. Esses aspectos já faziam muita

⁴⁷ “O Governo do Estado de São Paulo, para facilitar o acesso do cidadão às informações e serviços públicos, implantou em 1997 o Programa Poupatempo, que reúne, em um único local um amplo leque de órgãos e empresas prestadoras de serviços de natureza pública, realizando atendimento sem discriminação ou privilégios. O Programa Poupatempo disponibiliza diversos serviços à população, entre os mais solicitados estão emissão de Carteira de Identidade, Carteira Nacional de Habilitação, Licenciamento de Veículos, Atestado de Antecedentes Criminais e Carteira de Trabalho.” Informação disponível no site institucional < <https://www.poupatempo.sp.gov.br/>>, acesso em 12/03/2018.

diferença na construção da dignidade e autoestima deles. Apresento a seguir alguns indivíduos que, em meio a estes cotidianos marcados por dificuldades, me concederam a oportunidade de conversar por mais tempo e com os quais a conversa foi mais fluida e profunda.

1.1 Fernando

Quando Fernando (35 anos) se aproximou de mim no pátio do albergue, extrovertido, disse que estava interessado em me ajudar com minha pesquisa, porque eu era bonita - neste espaço consegui me aproximar mais dos homens do que das mulheres por causa de interesse sexual. Encontrei poucas vezes com ele, pois lhe foram concedidas duas semanas de estadia. Como ele era de Minas Gerais, lhe foi oferecida a passagem de ônibus caso ele conseguisse contato telefônico com os seus familiares, mas ele negou esta possibilidade: até tinha o telefone e Facebook deles, mas havia feito contato apenas com o primo, pois ele lhe devia dinheiro. Ele não quis ligar para os pais, pois esta última vez que saiu da casa deles foi porque ficou muito decepcionado por não ter recebido do primo e, sem condições de cuidar de si e poder auxiliar financeiramente na casa dos pais, ele decidiu roubar o cartão de ônibus da irmã e pegar a estrada novamente. Desta vez com Marcos (de quem falei no primeiro capítulo), seu conhecido e que também havia roubado na casa dos pais e havia sido expulso.

Amizades e seus deslocamentos

Fernando e Marcos tinham uma relação de confiança, além de dizerem se respeitar mutuamente. Tinham história juntos, viajaram por vários lugares. Se conheceram através de experiências de uso de crack e, há dez anos, mantinham contato. Eles eram próximos, compartilhavam alimentos, crack, bebidas e cigarros; se faziam companhia o dia todo. Confiavam um no outro e diziam que sabiam que se precisassem do companheiro, poderiam contar – mesmo em caso de doença. No entanto, em nenhum momento usavam nomenclaturas de parentesco para descrever a relação entre eles e, assim que Marcos começou a namorar no albergue, eles se distanciaram. Fernando seguiu viagem, enquanto Marcos ficou em Campinas, a fim de procurar um emprego e um lugar para morar com a nova namorada.

Esse tipo de amizade duradoura, descrita através de histórias de ajudas mútuas e confiança, era menos comum nas narrativas que ouvi no albergue, pois os usuários do serviço estavam de passagem por ali e era comum dizerem estar em uma caminhada solitária (grande parcela dessas pessoas nessa condição denominavam-se *trecheiros*). Conheci ali alguns casais,

mas poucos. E alguns conheciam pessoas ali no próprio serviço e se aproximavam para providenciar juntos dinheiro, crack, bebidas, em pontos de comércio de drogas ao longo do dia, mas assim que saíam da instituição se separavam.

Mas a amizade de Fernando e Marcos tinha características mais semelhantes às que observei na região da Cracolândia, onde conheci um par de amigos, por exemplo, que há cinco anos compartilhavam o mesmo espaço doméstico em uma pensão. Ambos eram solteiros, sem filhos, com idades entre quarenta e cinquenta anos. Caio sabia fazer perfumes e vendia na rua, Bruno auxiliava eventualmente com vendas ou comprando essências e vidros. Quando um deles ficava doente, o outro auxiliava com o que podia, geralmente providenciando alimentação e a lavagem de roupas (quesito importante para quem tem poucas peças e não tem máquina de lavar). Os alimentos eram substâncias⁴⁸ (CARSTEN, 2009) fundamentais na manutenção do reconhecimento do prazer e utilidade desta união. O jantar, geralmente faziam juntos e, assim, tinham menos trabalho para conseguir os itens alimentícios e para preparar as refeições. Compartilhavam também bebidas, cigarros e crack.

No dia que tiveram que se separar (porque Caio voltou para a Bahia, estado onde mora sua família de origem), Bruno reclamou de profunda tristeza e falta de sentido na vida, pois nada estava bem. Com medo de ser tomado por homossexual, dado o contexto machista que descrevo, ele não reconhecia essa tristeza como falta do amigo, mas reclamava que seu cotidiano sozinho era muito mais difícil: não tinha com quem conversar, com quem compartilhar uma refeição. A solidão se tornou inimiga diária.

A duração dessas amizades varia muito, mas a intensidade das trocas materiais e afetivas era grande. Roberta, quem conheci na região da Cracolândia, por exemplo, me relatou ter *irmãs de rua* com quem mantinha os laços mencionados acima, além de garantirem proteção uma a outra de perigos externos (como possíveis brigas com terceiros). Ela tinha uma *irmã* cuja filha tinha nove meses e ambas se responsabilizavam por alimentá-la, levá-la ao médico, protegê-la, limpá-la, por exemplo. No dia em que Roberta saiu da região para voltar à casa da família de origem ela deixou de fazer contato com todas essas *irmãs*. Ou seja, eram amizades que, para ela, se assemelhavam à noção de família, mas eram, em alguns aspectos, situacionais.

⁴⁸ Segundo Carsten, *substância* é um termo que abarca as transformações de fluidos em matérias. Dessa forma, é possível pensar o parentesco para além do sangue e através do convívio cotidiano. Em suas palavras, trata-se de “um tipo de termo guarda-chuva que pode ser utilizado para rastrear transformações corporais de comida em sangue, fluidos sexuais, suor, e saliva, e analisar como esses passaram de pessoa a pessoa através de comerem juntos, morarem em casas, terem relações sexuais, e performatizarem rituais de troca (tradução minha, no original: “a kind of catch-all term that can be used to trace de bodily transformation of food into blood, sexual fluids, sweat, and saliva, and to analyze how these passed from person to person through eating together, living in houses, having sexual relations, and performing ritual exchanges”) (CARSTEN, 2009:109).

A intensidade da relação estava atrelada a uma necessidade de cuidados e trocas mútuas geradas pelas condições de vulnerabilidade da experiência de habitar aquele espaço. Quando ela foi embora dali, Roberta me relatava sentir saudades e carinho das pessoas que conheceu, mas não demonstrava interesse em fazer contato, por exemplo.

A vivência dessas amizades é fundamental na manutenção do bem-estar e da própria vida e segurança desses sujeitos. A noção de família, que também é algo bastante retomado por eles, se refaz nesse cotidiano de compartilhamentos de muitas substâncias: comida, bebidas, cuidados, atenção, remédios e, fundamentalmente, o crack. A utilização da nomenclatura familiar não indica, no entanto, que esses sujeitos esperem dessas amizades a mesma permanência das relações que esperam de seus familiares de origem.

As origens de Fernando e seus relacionamentos erótico-afetivos

Fernando me contou sobre sua infância e sobre seus 9 irmãos; disse-me ser de origem muito pobre. Aos 13 anos deixou os estudos para começar a trabalhar e conseguir se arrumar melhor, inspirado com um namoro. Em sua família de origem, contou, a regra sempre foi colaborar com metade do salário no lar, e isso ele sempre buscou fazer. Sendo assim, sempre lhe sobrou pouco dinheiro. Sentiu-se, com o tempo, incentivado pelos amigos do bairro a comercializar drogas. Seu primeiro problema com a polícia foi aos 17 anos. A justificativa que deu a seus familiares foi a de que alguém tinha colocado a droga perto dele e fugido, fazendo parecer sua culpa.

A família até então não desconfiava de nada, mas esse evento mudou essa relação. A namorada pediu para Fernando sair dessa *vida de tráfico* e, por ela, ele decidiu parar de vender. Pouco tempo depois, ela terminou a relação e ele ficou devastado; foi quando conheceu a merla⁴⁹ (substância também derivada da pasta de cocaína, cujo processamento é rudimentar e utiliza produtos químicos como o ácido sulfúrico, querosene, cal, etc.), depois o crack. Contou-me que até os 23 anos esteve envolto em um ciclo de fissura no qual trabalhava para conseguir suprir o desejo que sentia pelo crack, mas o dinheiro nunca era o suficiente para o manter satisfeito, o que o levava a vender seus bens e não conseguir adquirir quase nada para si. Mesmo enfrentando todas essas dificuldades, disse-me ele, colaborava financeiramente em casa, pois

⁴⁹ Falar sobre a necessidade de justificar o porquê passou a comercializar drogas ou começou a usá-las não foi estimulado por mim, foi escolha de Fernando me contar quando conversamos. Assim, considero fundamental dizer que é um assunto delicado para ele, me fazendo crer que julga ser um momento de sua trajetória permeada por escolhas erradas. Acredito, no entanto, que as causas que o levaram a começar o consumo da substância podem ser também outras, que eu, como antropóloga, naquele contexto, nunca terei acesso – mesmo porque nunca foi minha intenção buscar essas motivações entre meus interlocutores de pesquisa.

assim lhe havia sido ensinado desde pequeno: auxiliar em casa era prioridade, visto que já haviam passado por diversos momentos de dificuldades financeiras e, através do apoio coletivo, as haviam superado.

Fernando disse não ter problemas com os pais: eles apenas o aconselhavam a parar de usar crack. Aos vinte e três anos ele conheceu Graça, uma mulher quinze anos mais velha do que ele, com quem compartilhou uma habitação por três anos – período em que ficou abstinente do crack porque ela o incentivava e assim exigia. Fernando disse ter tido uma boa convivência com ela, mas que os conflitos começaram quando teve sua primeira recaída depois de três anos morando juntos – quando ficou três dias na rua para usar crack, *hibernou*. Quando ele voltou da rua, foi para a casa dos pais e Graça estava lá. A família interviu apoiando a relação e eles voltaram a ficar juntos. Logo, no entanto, ele voltou a usar o crack e, desta vez, o ciclo de fissura foi intenso, todo o dinheiro dela e dele era destinado para seu consumo da substância. Graça, por alguns meses, acreditou que ele mudaria de comportamento, mas, depois de muitos deslizes, ele terminou a relação por acreditar que ela merecia algo melhor.

Com o término ele voltou para a casa dos pais e, trabalhando, manteve suas necessidades pela substância; disse-me que há tempos em que consegue administrar bem: usar, trabalhar, estar com a família. Fernando passou alguns anos nesse convívio e cotidiano e relatou-me não ter tido conflitos com a família, mas que continuava usando bastante crack e, por isso, sentia-se fisicamente desgastado. Buscando por um novo cotidiano, mudou-se para o norte de Minas Gerais para morar com uma tia e se distanciar dos conhecidos do bairro.

Em sua estadia com a tia, conheceu uma outra mulher por quem se apaixonou e com quem morou por um ano. Em uma descrição parecida com a que havia feito sobre Graça, disse que terminou a relação pelo mesmo motivo: não conseguiu se manter abstinente do crack por muito tempo. Relatou que quando voltou a consumir a substância, a companheira começou a brigar com ele. Para não precisar brigar todas as vezes que usava, passou a ficar na rua quando consumia, o que gerava ainda mais brigas quando voltava para casa – razão pela qual ele decidiu ir embora e deixar de, segundo ele, *atrapalhar* a vida da companheira. Os relacionamentos amorosos de Fernando marcam seus deslocamentos – o que, claro, não é exclusividade sua. Nessas relações as trocas de bens materiais (tais como comida, bebidas, cigarros, crack, por exemplo) são mais intensas do que nas amizades, principalmente quando há, como fruto destas relações, filhos. São mais intensas porque os casais se voltam para a relação a dois – a colocando em primeiro plano de importância, confiando nela a manutenção das necessidades materiais e cuidados psicológicos e físicos.

Ao fim desta relação voltou para a casa dos pais, trabalhou (ele é orgulhoso de seus ofícios: é pedreiro, encanador, pintor e já construiu várias casas para seus parentes cobrando baixos valores), consumiu crack e conviveu com a família. Alguns meses após esse retorno, tendo ficado sem dinheiro por falta de trabalho e, segundo ele, com uma frequência de consumo do crack diária e em grande quantidade, roubou o cartão de crédito do pai e foi embora para Brasília, onde ficou por 2 meses em um albergue. Ao ser flagrado usando crack no local, foi expulso e passou seis meses morando na rua.

Ainda em Brasília e sem moradia, fez um roubo de 5 mil reais com o intuito de voltar para a casa dos pais e pagar pelo que havia roubado quando foi embora. Ao chegar em Minas Gerais, com o dinheiro em mãos, foi aceito pelos pais de volta ao lar. Logo que chegou, recebeu um pedido do primo: construir sua casa; eles eram próximos e Fernando diz amar muito sua filha, o que o levou a aceitar o trabalho. Construiu tudo com preço baixo, mas seu primo não pagou pelo seu trabalho, o que o desanimou muito e, com isso, passou a consumir crack com mais frequência, o que, segundo ele, o fez perder o controle sobre seu cotidiano: não conseguia mais dinheiro ajudar na casa da família (o que era importantíssimo para ele, o contrário o envergonhava), conquistar bens pessoais ou mesmo se cuidar fisicamente. Neste momento ele decidiu roubar o cartão de ônibus da irmã e pegar a *estrada* com Marcos.

A casa da família de origem de Fernando é um local de habitação intermitente, isto é, um local para onde ele pode voltar – seja quando não tem mais para onde ir, quando está cansado da rua, quando se separa de alguma relação amorosa ou, ainda, quando está doente. Essa mesma forma de se relacionar se repetiu em outras narrativas, a maior parte das pessoas que mantêm contato com os familiares, em algum momento retornam e passam algum tempo na casa desses. Esse retorno não é sem alguns acordos de convivência: algumas famílias aceitam roubos, mas rejeitam violência física; outras rejeitam roubos, bem como o consumo em casa, entre outras negociações. No caso de Fernando, ele era bem-vindo na casa de sua família desde que não roubasse nada (das saídas dele de casa que cito acima, por exemplo, uma foi motivada pelo roubo do cartão de crédito do pai e, a outra, pelo roubo do cartão de ônibus da irmã), não brigasse com ninguém e ajudasse financeiramente com os custos domésticos.

As fragilidades emocionais geradas por conflitos em relações amorosas ou familiares influenciam diretamente na frequência do consumo de crack: com suas companheiras, com seus pais (mesmo sendo eles as pessoas mais tolerantes frente aos desafios de gerir o seu consumo) e com seu primo. A história de Fernando parece indicar que a ausência de uma condição financeira confortável e meios de subsistência considerados adequados, a ausência de memória de prazeres outros que não o consumo de crack - como passeios ao parque,

viagens, eventos culturais, hobbies e esportes, por exemplo - exerce também uma grande influência no aumento do consumo de crack, bem como explicita o impacto disso na vida dos usuários.

Um consumo esporádico da substância pode dar início a uma série de conflitos com as pessoas com as quais o usuário convive e pelas quais tem carinho e intensa troca de cuidados mútuos. Esses conflitos geram sentimentos, descritos por Fernando e muitos de meus interlocutores de pesquisa, de fracasso, desânimo, tristeza, solidão, raiva e desespero. Esses sentimentos geram um desejo de consumo ainda maior, de difícil controle, o que distancia ainda mais esses indivíduos de seus entes queridos - o que, por sua vez, tem o efeito de intensificar essas emoções. Um verdadeiro ciclo.

1.2 Oseias

Nascido em Goiás, à época em que conversamos (encontrámo-nos apenas uma vez no pátio do albergue) Oseias tinha trinta e seis anos. Ele se definia como um *trecheiro* e, segundo ele, se diferenciava de mendigos e andarilhos porque cuidava de si e pedia alimentos em restaurantes; se dizia esperto por não ficar com *gente da rua* porque entre eles, contou-me, “acontece muita briga”. De fato, nunca o vi acompanhado. Com ele, apenas sua mochila, de onde tirou, cuidadosamente, quando o conheci, uma sacolinha que usava para proteger alguns papéis de Pronto Atendimentos por onde passou ao longo de suas andanças, bem como sua carteira de trabalho vazia. Fez questão de me dizer que disso cuida bem e que leva os documentos a todos os lugares. Ele manifestou claramente um desapego com pessoas e objetos, tanto que sequer cachimbo mantinha para fumar crack, objeto que eu frequentemente via com usuários, por menos pertences pessoais que carregassem. Improvisava, na hora que queria fumar, com uma latinha.

Oseias me mostrou muitas marcas corporais que, segundo ele, contam suas histórias. Me mostrou os pés, por exemplo, que estavam sempre rachados de tanto andar de *viação canela* – expressão que usou para caracterizar suas andanças. A antropóloga Simone Frangella (2009) aponta para como os pés, no universo da rua, são mecanismos de distinção social – reveladores das vulnerabilidades e experiências das pessoas que nela moram. Sendo os pés fundamentais para a movimentação que os indivíduos fazem entre e nas cidades, eles são marcados fisicamente e, através dessas marcas, são narradas suas histórias e andanças.

Oseias dorme nas ruas ou utiliza albergues das cidades pelas quais ele passa, pois nunca teve dinheiro para pagar pensão. Através de suas marcas corporais me contou também

de muitos acidentes: uma vez foi pego por uma moto no Rio de Janeiro que lhe arrancou cinco dentes. Também me contou de um inseto que entrou em sua pele algumas vezes, e lhe causou feridas enormes (me mostrou as cicatrizes). Algumas semanas antes de nossa conversa havia sido atropelado em uma estrada - me mostrou os pontos em seu calcanhar para comprovar sua história. De todos os acidentes que relatou, tirava do bolso o papel fornecido pelo pronto-atendimento das diversas cidades que ele passava e se machucava. Quando perguntei por que motivo ele guardava esses papéis ele me disse que eram as únicas provas que ele tinha de que havia passado de fato por todos aqueles lugares. Esses objetos contavam suas histórias, sobre seus fluxos interurbanos e acompanhavam, narrativamente, as marcas que esses episódios deixavam sobre seu corpo. Como ele estava sempre sozinho, conhecendo pessoas diferentes, sentia a necessidade de ter provas do que falava – como quem, através de seu passaporte, registra seus movimentos, com orgulho. Mas no caso de Oseias, nem sempre há o que comer, onde dormir e seu transporte são seus próprios pés.

Um exemplo de seu cotidiano, segundo ele, foi a forma como chegou ao albergue de Campinas. Sua movimentação para chegar até ali havia começado alguns dias antes de nos encontrarmos, quando conseguiu 3 reais no albergue que dormiu por uma noite em São Paulo. Com esse dinheiro foi de trem para Jundiaí, onde dormiu no chão da rodoviária e onde seu único par de chinelos foi roubado enquanto descansava⁵⁰. No dia seguinte pediu dinheiro para um homem de quem, ao dizer que não tinha sequer chinelos e que estava com fome, ganhou 20 reais. Com essa quantia em mãos, foi pedir em uma casa algo para calçar, ganhou um tênis que apertava seu pé e, com ele, foi procurar um ponto de venda de crack. Por sorte, achou 50 reais no chão e, com esse dinheiro (porque o outro já tinha gasto com crack), comeu duas coxinhas e tomou uma coca, conseguindo assim comprar e fazer mais uso do crack com o restante da quantia. Foi andando de Jundiaí até Campinas, direto para o albergue, cansado e com dor nos pés – porque, além da distância e de suas condições físicas, calçava o tênis que lhe apertava os pés.

À época que nos encontramos, Oseias já estava bastante machucado por ter sido atropelado há pouco tempo; seu calcanhar estava inchado e dolorido. O albergue, nesse sentido, foi essencial para que ele pudesse se recuperar e voltar para a *estrada*. Ali ele não falava com quase ninguém e quando falava era apenas o básico, nada de conversas profundas ou trocas de

⁵⁰ Como Frangella (2009) descreve, os chinelos são geralmente a única proteção para que esses pés realizem a função de locomoção. Sendo assim, mesmo que exercendo sua função parcialmente (porque são abertos e frágeis), são fundamentais nestes cotidianos de vida nas ruas e ocupam um espaço simbólico importante na imaginação dessas pessoas.

substâncias e cuidados. Perguntei se ele se sentia sozinho em algum momento e ele disse que não, que gostava de viver assim só e que estava sempre acompanhado de Deus.

Sua família é evangélica, ele tem seis irmãs (é o caçula) e seus pais foram sempre casados. Aos 14 anos começou a usar crack, conheceu a substância através de seu tio e de seu primo, que comercializam drogas. Com eles teve seu primeiro emprego cuidando da *boca*⁵¹ que ambos controlavam. Oseias exerceu esse trabalho por alguns anos, mas saiu pela primeira vez da cidade por ter sido expulso pelos pais porque era muito violento com todos e, principalmente, com suas irmãs – em quem batia com frequência porque, segundo ele, elas o *atormentavam* por conta do trabalho que desempenhava com venda de drogas. Aos vinte anos começou a *andar pelo Brasil*: primeiro foi para a Bahia, onde teve seu único trabalho formal como carregador de carvão. Ele passava um mês trabalhando em uma fazenda e tinha uma semana de folga na cidade, onde gastava todo seu dinheiro com prostituição, bebidas e drogas. Ao deixar este trabalho, passou a viajar entre cidades e pedir alimentos e dinheiro; disse-me não ter tido períodos de abstinência do crack.

Durante todo esse período houveram idas e vindas à casa da família. Disse-me que quando está com eles sente falta da *estrada*, mas que quando está na *estrada*, costumava pensar na família (no dia da entrevista relatou não sentir falta deles, porque havia se desentendido recentemente, como contarei abaixo). Contou-me ter tido seu próprio quarto na residência até a sua última estadia lá, que tinha sido há poucos meses antes de nossa conversa. Esta última visita havia sido marcante em sua trajetória, visto que, pela primeira vez, achava ter rompido laços com seus pais e irmãos.

Antes desse último retorno à casa dos pais, havia passado cerca de um ano viajando entre cidades do nordeste brasileiro. Cansado de sua *andança*, ligou para a mãe, que o convidou para voltar para a casa, dizendo que todos sentiam sua falta e que seu quarto estava esperando por ele. Ao chegar à cidade natal, ele construiu uma casa para um colega comerciante de drogas que o pagava com crack e cesta básica; ele oferecia a cesta básica para sua mãe, que se negava a aceitar por achar que vinha de dinheiro *sujo* – ele, então, a vendia para comprar crack. Ele queria chegar tarde à residência, usar o espaço para o consumo de crack e bebida alcoólica, o que não era aceito por sua família: seus familiares queriam mudar aquele cotidiano que já havia virado rotina durante as estadias de Oseias.

Um dia ele voltou de madrugada, o portão estava trancado e, com isso, ele se irritou e pulou o muro – que, com o peso de Oseias, caiu. Ele passou a noite toda usando crack em seu

⁵¹ Termoêmico para ponto de venda de drogas.

quarto e pensando se devia ir embora ou não; deixou as coisas prontas, pois tinha certeza de que seus pais lhe expulsariam no dia seguinte. Pela manhã, ao perceberem o que havia acontecido, seus pais de fato o chamaram para conversar, pedindo para que ele se retirasse da residência, pois estavam cansados do convívio com ele. Sua resposta foi violenta, disse que não sairia. Uma de suas irmãs entrevistou pelos pais, reafirmando a necessidade de que ele deixasse a casa o quanto antes; ele, não aceitando a cobrança de sua irmã, a agrediu fisicamente. A situação ficou ainda mais violenta quando ele percebeu que sua mãe estava ligando para a polícia: pegou o telefone da mão dela e o destruiu jogando no chão. A mãe conseguiu ligar de outro telefone, pouco tempo depois chegaram quatro carros da Polícia Militar. O policial pisou com força no pé de Oseias, mostrando que usaria de violência se ele não obedecesse sua ordem, que era de ir embora imediatamente. Oseias gritou com todo mundo e quase bateu na irmã de novo, mas, com medo do policial, começou a se organizar para ir embora. Antes de partir, a mãe de Oseias pediu para que o policial lhe entregasse duzentos reais para que ele pudesse fazer sua viagem. Oseias fez menção a pegar uma bicicleta da família, mas o policial o impediu, dizendo que já tinha feito bastante *estrago ali*. Entretanto, sua mãe permitiu que a levasse. Oseias voltou, assim, para a *estrada*.

Mesmo depois de meses que estava na *estrada*, tendo tido bastante tempo para pensar sobre o que havia acontecido, ao conversarmos na entrevista, Oseias afirmava não se arrepender de nenhuma das atitudes mencionadas acima e culpava seus familiares pelos desentendimentos. Ao pensar sobre esses últimos eventos ele dizia que não queria mais voltar para lá, porque tinha muito rancor deles. Disse-me que suas irmãs são avarentas e que deveriam deixá-lo em paz, pois ele tinha direito de ficar na casa, já que é o único não casado. Também disse que a mãe só quer saber de chamar a polícia, que o havia chamado para voltar para a casa, mas expulsado na sequência. “Não quero mais trabalhar, quero usar a minha *pedra* em paz e andar pelo mundo, sempre sozinho. Não preciso de ninguém, odeio minha família!”, disse Oseias.

Oseias começou cedo a consumir crack e, como Fernando, também tem poucas memórias de outros prazeres. Não conta de namoradas, de passeios, viagens, amizades, eventos culturais ou religiosos e espirituais que vivenciou. Sua narrativa foi todo o tempo permeada pela lembrança do consumo do crack, por narrativas de como conseguir dinheiro para a próxima substância, para conseguir comida e sobre suas tentativas de reduzir os danos físicos que tem experienciado. Leva sua carteira de trabalho e os documentos que comprovam ter sido atendido por Pronto Atendimento como forma de registrar sua existência que, na *estrada*, conta com

poucas testemunhas. Ele não me relatou o desejo de fixar residência em um lugar ou estabelecer relações de cuidados mútuos. Pelo contrário, disse ter vontade de estar sempre só.

Ele expressou inúmeras vezes o sentimento de raiva, não apenas da família, mas das pessoas com quem tinha que se relacionar ao longo de sua jornada. Disse estar sempre desconfiado nos contextos de uso do crack ou nas ruas. Durante a entrevista com a assistente social, ele não tinha ninguém para ligar, porque não queria. Como Fernando, ele tinha mantido a casa da família como uma habitação intermitente por anos, partia e voltava de acordo com seu cansaço de estar na *estrada*, quando sentia saudades ou quando ficava doente. Diferentemente de Fernando, no entanto, Oseias ultrapassou certos limites estabelecidos pela família e sua forma de agir violenta e autoritária o distanciou permanente deles depois dessa última visita (isso era o que ele achava no momento; como não mantivemos contato, não sei se ele de fato se manteve distante deles permanentemente). A manutenção dos elos entre os usuários e seus familiares estão sob constante negociação. Entra na balança a forma de gerir o consumo e os limites impostos pelos familiares – geralmente ligados a insegurança física, emocional e material.

Percebi que existia a possibilidade de que o ressentimento que ele sentia de sua família pudesse amenizar com o passar do tempo, porque no momento que questionei a importância do apoio da família, ele olhou para o lado, triste, com os olhos marejados e afirmou que odiava eles. Disse-me que dessa vez não voltaria mais, que já não tinha telefonado nem no fim do ano, nem no aniversário da mãe, que havia sido no dia anterior. O ressentimento, nesse e em tantos outros relatos que ouvi, era facilmente observado como uma máscara para a profunda tristeza causada pela solidão que a vida de Oseias vinha lhe proporcionando.

1.3 Danila

Danila, 24 anos⁵², perambulava sozinha no pátio do albergue todas as vezes que a avistei. Ela não gostava do ambiente e dos funcionários, dizia que eles não estavam ali para ajudar, que eles queriam que cada um seguisse seu caminho bem longe dali: “- aqui, a prefeitura não quer ajudar o povo! Eles querem que cada um viva sua vida. Quanto mais longe melhor! A assistente social não está aqui pra ajudar ninguém, ela só quer fazer o trabalho dela. Tem um quarto ali cheirando mijo, a prefeitura deveria fechar aqui!”⁵³. Ela, travesti, foi a única mulher

⁵² Mencionei Danila brevemente no primeiro capítulo, quando refletia sobre o seu distanciamento da família de origem e as motivações para tal movimentação.

⁵³ Trecho de entrevista realizada com Danila em 2014, enquanto eu realizava meu trabalho de campo no SAMIM.

que se aproximou de mim naquele espaço. Disse-me ter ficado curiosa com o meu trabalho, pois ouviu dizer, pelas outras pessoas, que eu escrevia – seu sonho é publicar um livro com suas poesias, e essa convergência de interesses parece ter facilitado nossa aproximação.

Sua história familiar é de distanciamento dos pais. Sua mãe foi embora de casa quando ela era ainda adolescente, porque seu pai era alcoólatra e ela não aguentava mais viver em sua companhia. Com seu pai perdeu contato, pois ele nunca aceitou sua identificação de gênero e opção sexual. A sua família é de classe média e Danila teve a oportunidade de estudar em diversos lugares - fez, inclusive, curso técnico de moda. Para ela, a condição financeira confortável de seu pai e sua omissão em ajudá-la, pagando tratamentos ou um lugar para ela morar, é inaceitável – ela diz sentir muito ressentimento dele por isso, o que também incentiva o afastamento entre eles. Suas irmãs, também travestis, são as pessoas da família de origem com quem mantém laços afetivos e contato assíduo.

A narrativa de Danila é solitária, visto que em muitos trechos de nossa entrevista ela me conta que não tem mais amigos e que perdeu muitos de seus contatos por *ratear* (roubar pessoas próximas no contexto de uso). Sobre sua circulação e história de vida, ela me contou:

Minha mãe me expulsou a primeira vez de casa porque eu vendi a geladeira pra fumar crack. Fiz dívida com traficante, roubei um notebook de uma travesti na zona e por isso não pude mais voltar pra São José do Rio Preto. Comecei a viajar de cidade em cidade sem rumo, perdi os amigos e tudo. Só que antes de eu começar a usar droga eu trabalhei no hospital Beneficência Portuguesa. Entre os 16 e 18 anos eu tive vários empregos bons, morei com a minha irmã Kelly, que já era garota de programa. Trabalhei no hospital, registrada. Trabalhei como auxiliar de cozinha, auxiliar de cabelereiro, fiz curso no SENAC de moda, tudo nessa época. O trabalho que eu mais gostei foi de recepcionista no hospital. Lugar cheio de médico, de gente importante! Eu só cheirava e ia pra boate! Quando eu comecei a viajar por aí conheci algumas pessoas, dormi em albergues, na rua, mas agora eu estou aqui, sozinha. Estou vindo de Santo André agora, do hospital psiquiátrico. Já morei com um namorado por três meses, mas não quero falar sobre isso. Eu gostei muito dele, mas fiquei muito triste, chateada com o fim. Eu vim pra Campinas porque eu estava em Santo André internada, acabei aprontando umas coisas lá e vim pra cá. Mexi nas coisas de uma pessoa e ela chamou a polícia pra mim. (...) Para ganhar dinheiro eu uso minha beleza, converso com as madames, com as mulheres trabalhando. Conto minha história, às vezes minto pra elas me darem dinheiro. Manguear [pedir dinheiro] só dá certo com as mulheres. Eu não faço programa, meu negócio é pedir dinheiro para madame na rua. (Trecho de entrevista com Danila, 2014)

Danila é vaidosa, falou sobre seus apliques de cabelos caros e bonitos que havia vendido por preços muito mais baixos do que conseguiria em outro contexto para poder consumir crack, do que se arrependia. Durante a conversa Danila tirou da bolsa alguns objetos que carregava sempre com ela: maquiagem, documentos (que já havia perdido mais de dez

vezes), alguns poemas e o resultado negativo do seu exame de HIV – para mostrar a um possível parceiro sexual. Perguntei a Danila como era o convívio com os homens que cruzavam sua trajetória de consumo na rua. Ela me disse que o preconceito havia diminuído, mas que ela não andava com ninguém, que sempre que fumava pedra tinha medo que alguém a machucasse, como já havia acontecido algumas vezes. A trajetória de Danila passava por uma fase bastante solitária, mas seu bom humor se mantinha e ela estava disposta a ler para mim seus poemas e sonhos. Reproduzo um abaixo, que ela gentilmente me cedeu:

*O mundo é sobrenatural, pois a vida é real.
Somo dependentes, apesar de todos os problemas.
Quando amanhece, meu corpo se aquece.
Quando anoitece os meus olhos resplandecem.
Os dias vão passando e pensamos sempre no amanhã.
Quando nasce uma flor, não sentimos mais a dor e nem rancor,
o que sobra é o amor.
Hoje eu posso viver plenamente, não quero me sentir mais
sozinha, pois quero viver como um passarinho e dormir em um
lindo ninho. (Diário de campo, 2014)*

O poema realça algumas questões que levantei anteriormente sobre a trajetória de Danila: ela sabe que conviver com outras pessoas não é uma tarefa fácil, muitas vezes ela não conseguiu manter os laços, como quando rouba das pessoas próximas, mas sabe e confessa que é dependente dessas relações. Ao falar sobre o mundo ser sobrenatural, já que a vida é real ou, ainda, quando menciona se aquecer durante a noite, e pela manhã ter sua visão engrandecida, Danila faz menção ao seu cotidiano de consumo de crack com efeito *anestésico* (palavra que ela própria usou ao me explicar o poema) para as dores provocadas por suas experiências de vida. Se, ao anoitecer, ela faz uso da substância para se aquecer, quando amanhece, sua esperança de continuar a perseguir seus objetivos diários e se manter viva se refaz. Sobre esse cotidiano, ela descreve como é difícil se manter presente em suas ações, estando sempre ansiosa e preocupada com o que a vida lhe reserva para amanhã. Essa ansiedade é, no entanto, amenizada ao ver o nascimento de uma flor, na conexão com a natureza – momento em que também se sente anestesiada. Por fim, ao contrário da metáfora costumeiramente feita com um pássaro (que pode voar), ela não quer mais liberdade, ela quer companhia, quer um ninho.

Sua narrativa descreve muita solidão causada pelos estigmas que sofre por consumir crack, mas, principalmente, por sua identidade de gênero e orientação sexual. Danila, durante a entrevista com a assistente social, havia afirmado que não tinha para quem ligar. Ela sempre mostrou ter muito ressentimento e, mesmo com muita raiva, reconhece ser profundamente triste pela rejeição que sente de seus pais e por sua falta de apoio. Em sua narrativa, frequentemente

poética, ela me disse consumir crack como forma de se aquecer, de se esquecer, de flutuar por cima de toda sua experiência de dor. Além da rejeição familiar, Danila se sente muito sozinha também em sua perambulação pelos territórios urbanos por onde tem circulado. Tendo infringido regras de sociabilidade, *rateando*, foi banida de convívios que poderiam ter sido mais duradouros e, agora, sente-se deslocada e sem rumo.

1.4 Angelo

Em um dia de perambulação pelo pátio do albergue, Angelo (trinta e cinco anos) se aproximou de mim perguntando se eu sabia onde podia encontrar os *malucos de estrada* pela região. Disse-me que eu parecia poder saber, já que estava usando brincos artesanais. Ele tinha acabado de sair de uma clínica de recuperação, onde não pôde terminar o tratamento, pois brigou com um homem que flertava com ele todos os dias e por quem ele não tinha interesse⁵⁴. Antes desta última internação, Angelo havia ficado oito anos sem consumir crack. Ele é casado e tem três filhos. Sua esposa trabalha como inspetora de escola durante quatro dias da semana e no restante viajava com ele e seus filhos para vender seus artesanatos. Eles se conheceram assim, ambos viajavam o Brasil vendendo artesanato, e estão juntos há quase vinte anos. A cada três frases de Angelo, uma envolve sua esposa.

Com apoio da religião Rastafari, que praticou por anos, conseguiu ficar abstinente, mas voltou ao consumo e, com ele, usou todo o dinheiro que a família tinha no banco. Depois deste roubo Angelo *hibernou* por três dias nas ruas de sua cidade. Ao voltar para a casa, sua esposa disse que se não se internasse e terminasse o tratamento ela se separaria dele. Desesperado, com medo da ameaça, Angelo procurou o prefeito da cidade e pediu a ele um auxílio para sua internação. Contou com o apoio e companhia da esposa para tanto. Entretanto, como não terminou o tratamento, e sem poder ligar para a esposa, com medo de que ela o abandonasse, ele resolveu caminhar quarenta quilômetros de Americana até Campinas, onde tentaria conseguir dinheiro ou passagem no albergue para voltar para a casa.

No caminho da clínica para o albergue ele roubou fios de cobre de instalações elétricas e veio fazendo brincos e anéis, almejando retornar para casa com algum dinheiro. Angelo está casado com esta mulher desde que tinha dezessete anos. Disse-me que todo o dinheiro que consegue através de seus artesanatos entrega a ela, a menos que esteja usando

⁵⁴ Esse não foi o primeiro caso que ouvi neste sentido, é comum a violência contra homens homossexuais nesses contextos, geralmente sendo justificada com o flerte indesejado. Nota-se nesses contextos uma intensa homofobia, já que quando o flerte parte de uma mulher isso parece nunca acontecer.

crack, pois, neste caso, sua fissura pela próxima dose o atrapalha nessa missão. Angelo norteia todos os seus planos e a narrativa de sua história de vida através de sua parceria com a esposa. Sua esposa e seus filhos são a família com quem Angelo mantém habitação intermitente. Isto é, é com eles que Angelo mora enquanto os limites impostos por sua esposa no convívio com sua família não são ultrapassados, como quando ele vende objetos de casa para comprar crack ou quando fica vários dias na rua usando a substância.

Assim que Angelo nasceu, seus pais logo se separaram. Sua mãe, que não se recuperou de uma depressão profunda que teve depois do parto, o deixou com a idade de dois anos com seus dois irmãos, presos dentro da casa em que moravam, e foi embora. Após dois dias sua avó os encontrou e os levou para sua casa, onde os criou até Angelo completar sete anos, quando sua mãe voltou e os levou para morar com ela novamente. Aos quinze anos Angelo foi expulso da casa da mãe por ter roubado objetos do lar para comprar crack. Passou a morar na rua, que foi quando aprendeu artesanato.

Angelo não sabe nada sobre o pai desde que esse o abandonou quando era bebê, mas com sua mãe mantinha contato até três anos antes de nossa conversa. Segundo ele, sua mãe tem dinheiro, mas nunca fez questão de ajudá-lo com nada – quando fala dos pais se refere com ressentimento deles e, assim como Oseias, Angelo não vê sua família de origem - pensando nessa origem como primeira instância socializadora: seus pais ou sua avó, que o criou por sete anos – como um lugar de possível retorno.

Caso não fosse aceito de volta pela esposa, ele tinha um plano: iria para a cidade de São Tomé das Letras e viveria em uma comunidade organizada por alguns artesãos com quem ele tinha contato. Mesmo falando frequentemente de liberdade e dizendo ter escolhido a vida de artesão e de trecheiro, podendo assim viajar todo o tempo, Angelo tem um medo que o assombra diariamente: perder o laço com sua esposa e, em segunda instância, com seus filhos. Digo segunda instância porque, de acordo com ele, se a esposa não o aceitasse de volta, ele não voltaria para a sua cidade e tentaria ficar por perto deles⁵⁵.

O albergue é um dos espaços possíveis para quem cujos movimentos pelas cidades são impulsionados pela necessidade de consumir crack. Em todos os casos mencionados acima a família de origem não está disponível para acomodar essas pessoas, uma vez que esses

⁵⁵ É importante notar que, como demonstrarei adiante, as mulheres mães que conheci nestes contextos de uso e recuperação, em sua grande maioria não aceitam se separar dos filhos. Estão todo o tempo buscando formas de contornar as leis de proteção aos menores, bem como o Conselho Tutelar, e costumam contar também com apoio de suas famílias de origem para cuidar de seus filhos e não os deixarem entrar no sistema de abrigos e adoção. Falarei mais sobre esse tema adiante.

relacionamentos estão fragilizados. Fernando, Oseias, Danila e Angelo: quatro narrativas muito distintas, mas com pontos comuns, cuja itinerância expressa nas narrativas ouvidas na instituição caracteriza as aproximações e distanciamentos das relações pessoais estabelecidas, fossem com a família ou com pessoas com quem pudessem compartilhar o cotidiano. Há, no entanto, diferentes formas de negociação, diferentes limites estabelecidos no convívio entre esses indivíduos e seus familiares de origem.

Tendo tempo limitado de estadia, o albergue de Campinas é um ponto de cruzamentos rápidos, o que não proporciona aos usuários do serviço a possibilidade de estabelecerem relações duradouras. A maioria das pessoas ali chegam sozinhas e a solidão é característica comum nessas caminhadas. A proposta de que telefonem para seus familiares e recebam a passagem para encontrá-los (o que, na maioria das vezes, é um lembrete da rejeição entre ambas as partes e dos conflitos gerados pela convivência) demonstra a ponte que a instituição se dispõe a fazer com o mundo externo, bem como quando lhes oferecem suporte para conseguir documentos novos ou mesmo um emprego. O objetivo, segundo a diretora da instituição, é que eles possam restabelecer vínculos com a família e consigo mesmos, através do cuidado de si e do trabalho. A instituição e a sua política de funcionamento proporcionam um ponto urbano onde se pode encontrar refúgio para uma trajetória repleta de exaustivas fragilidades materiais e mesmo físicas (cansaço, dores, doença).

Escolhi as narrativas desses quatro usuários do serviço, por permearem questões que interessam a esta dissertação, tais quais: como se dão as proximidades e distanciamentos desses indivíduos de suas famílias de origem? Como as relações com a família de origem se mantêm ou se desfazem? Quais são os limites dessa convivência? Para quem usa o serviço do albergue, como são os laços que se fazem neste contexto? São duradouros, são referentes a novas famílias? Nessa itinerância, o que significa solidão, como é estar só? Cada um dos indivíduos mencionados acima nos aponta para possíveis formas de viver as respostas a essas perguntas.

Fernando e Marcos chegaram juntos ao albergue. A amizade que mantinham há anos os uniu em diversos momentos e lhes proporcionou proteção, diversão e cuidados que os auxiliaram a se movimentar e encontrar formas de viver em meio aos percalços que encontraram ao longo da jornada de consumo do crack. Eles tinham a casa de suas famílias como uma moradia intermitente: voltavam para lá, mas os conflitos gerados no cotidiano, como os roubos e a agressividade, os afastavam novamente. Fernando foi embora depois dos quinze dias oferecidos pela instituição. Já Marcos, mesmo com pouco tempo de estadia no albergue, teve a oportunidade de conhecer alguém por quem se apaixonou e passou a projetar um futuro juntos.

Ele pediu para ficar mais tempo, começou a procurar emprego, mas ainda se sentia muito inseguro sobre questões práticas, como onde morariam ao deixarem a instituição – situação para qual não pude acompanhar o desfecho, visto que ele foi embora da instituição depois de poucos encontros comigo e perdemos o contato.

Danila não via a casa dos seus pais como um local para onde poderia voltar, mas a de suas irmãs, sim. Entretanto, ela se sentia imensamente solitária, não sabia para onde iria, tinha acabado de sair de um hospital psiquiátrico (assunto sobre o qual ela não quis falar, porque disse ter vergonha de ter sido aconselhada a ficar na instituição, onde, para ela, é lugar de pessoas *loucas* - categoria da qual ela queria se distanciar). Pelos espaços por onde ela vinha ocupando, roubou de conhecidos e se sentia culpada por isso, mas dizia ter amadurecido e que tentaria fazer tudo diferente dali em diante, bem como buscaria um lugar para morar e respeitaria mais as pessoas de seu convívio. Sabia que iria para a rua, talvez para São Paulo, sobreviveria do auxílio das “madames” que lhe dessem moedas nas ruas.

Oseias se acostumara com a passagem rápida por cidades, com a distância da família e não queria novos amigos. Sentia-se desvinculado e, para não ser esquecido e poder comprovar sua forma de viver e ocupar as cidades, levava consigo papeis e documentos “oficiais”. Sua família de origem já estava cansada de conviver com seu uso do crack, com suas agressões, com seus roubos e, ele, já estava cansado de ter que lidar com essas acusações.

A família de origem de Angelo que de fato lhe era importante era apenas sua esposa. Com seus pais nunca teve um vínculo forte. Estava no albergue por ter deixado o tratamento que tinha começado, mas morava com sua esposa e filhos há anos. A ele não interessava, por hora, vínculos naquele contexto ou na rua. Pretendia retornar para sua casa, queria estar com a sua esposa mais do que queria qualquer outra coisa.

Por decepcionarem as pessoas com quem trocam cuidados mútuos (as famílias de origem ou companheiros amorosos), bem como por fazerem uso repetido da substância e por frequentemente venderem bens próprios ou bens dessas pessoas que os cercam, mas também por estarem envolvidos com a possibilidade de vivenciarem e proporcionarem violências físicas ou psicológicas, por exemplo, as pessoas com quem eu conversei no albergue pareciam deixar clara a existência de um ciclo emocional cujo pilar central é o sentimento de fracasso. Tal fracasso também é vivido pelos familiares que, após variadas tentativas de bom convívio com o usuário, sentem-se inseguros, com medo, tristes e com raiva. Por isso, em muitos momentos, se mostram cansados da proximidade e estabelecem limites na convivência que, se ultrapassados, levam ao afastamento permanente ou intermitente dos usuários de drogas. Situações que estimulavam a circulação dessas pessoas por outros territórios urbanos e por

instituições como o albergue.

A especificidade do albergue, no entanto, é a itinerância. Os usuários do serviço estão constantemente se movimentando entre cidades (são *trecheiros*), ou estão momentaneamente se movimentando porque tiveram conflitos com quem coabitavam, deixaram espaços de tratamentos ou porque ainda não chegaram a um local onde quiseram estabelecer algum vínculo. Há também os casos de pessoas que usam os albergues quando estão muito cansados, doentes ou quando é inverno. Essa transitoriedade característica dos usuários do serviço marca as formas relatadas das relações que mantêm com seus familiares e com as pessoas que conheceram nos contextos de uso de crack.

2 Instituto Padre Haroldo

Frequentei a instituição semanalmente do início ao fim do ano de 2014, acompanhando aulas do EJA (Educação para Jovens e Adultos). Durante o primeiro trimestre eu fiquei na sala de aula da *ala* masculina da instituição e, durante o segundo semestre, na *ala* feminina. Os homens e as mulheres *internas* (como eram chamados os usuários do serviço) se encontravam apenas durante as missas e eventos públicos, como palestras, na instituição. As aulas que assisti na *ala* masculina eram bastante focadas em ensinar aos alunos conteúdos de diferentes matérias escolares. A professora admitia pouca conversa paralela e, sendo assim, eu tive pouco contato diretamente com os alunos. Minhas observações foram mais voltadas para a organização do ambiente institucional e a forma como eles se relacionavam.

Já na *ala* feminina, as aulas que presenciei foram todas de artesanato e as conversas paralelas eram muitas. Havia menos alunas que de fato precisavam do certificado do EJA; a maioria delas estava ali para compartilhar momentos umas com as outras ou, ainda, para não serem obrigadas a realizar tarefas na instituição – parte da “laborterapia” (terapia baseada no trabalho como forma de ocupar a mente e gerar disciplina nos internos). O ambiente feminino tinha outra atmosfera, nas falas e nas ações as emoções eram afloradas. Sentia-se muito ali. Eu senti muito ali. Não que na *ala* masculina o sentir não fosse também uma realidade, no entanto, como em muitos espaços em nossa sociedade, as emoções masculinas eram veladas. A dor era velada, mas presente e possível de ser percebida mesmo no ato de evitar alguns assuntos.

Em uma conversa com Maria (*interna da ala* feminina), ela me disse que o quarto passo, dos doze já mencionados e seguidos nesta instituição, recomenda que seja feito um inventário de suas vidas e o passo seguinte recomenda que isso seja compartilhado. Ela me contou que depois de algum tempo de clínica ela percebeu que esta é melhor parte do

tratamento. Neste sentido, o meu trabalho foi bem acolhido por elas, havendo até disputa pela minha atenção. A toda hora elas queriam deixar de fazer o que estavam fazendo, dar um jeito de burlar as regras que organizam o cotidiano delas e encontrar um tempo para me contar um pouco de suas histórias.

No dia que conheci a *ala* feminina, estavam todas abaladas por um evento que acontecera no dia anterior: uma interna que havia terminado o tratamento havia poucos dias havia cometido suicídio – segundo funcionárias da instituição, ela estava deprimida antes mesmo de ir embora, reclamava de não ter para onde ir e o que fazer depois dali. Todas, sem exceção, estavam tristes. Conversei com algumas delas, que me disseram que o evento as abalou muito porque elas conseguiam se ver no lugar da amiga. A falta de vontade de viver de alguém que havia terminado o tratamento ali, convivido e compartilhado com elas angústias e histórias de vida semelhantes as desanimava. Com a amiga seria enterrada também uma fração da esperança coletiva daquele ambiente de conseguir deixar o consumo de crack e viver uma vida mais feliz do que a que levavam antes de ir para aquele espaço. Lembro que a sensação de chegar ali em meio a tanta tristeza marcou profundamente o uso que fiz da linguagem nas próximas visitas. Percebi que elas queriam ser ouvidas, queriam aliviar o peso das tristezas que carregavam a partir da conversa. O seguinte trecho do filósofo André Comte-Sponville (1997: 12) descreve com delicadeza a compreensão que fiz desta primeira experiência no território:

Não há vida sem sofrimento. Não há vida sem morte. A angústia marca a nossa impotência, é nisso que é verdadeira também, e definitivamente. Fazem-me rir nossos pequenos gurus, que querem proteger-nos dela. Ou nossos pequenos psis, que querem curar-nos dela. Por que não nos curam, em vez dela, da morte? Por que não nos protegem, em vez dela, contra a vida? Não se trata de evitar, e sim de aceitar. Não de curar, e sim de atravessar. O universo nada nos prometeu. E o que mais além do universo? Como seríamos os mais fortes? Tudo nos ameaça; tudo nos machuca; tudo nos mata. O que é mais natural do que a angústia? Os animais só são protegidos dela, se o são, por uma atenção demasiado estrita ao presente. Mas nós, que nos sabemos mortais? Que só amamos aquilo, aí de nós, que vai morrer? O que mais humano do que a angústia? A morte nos liberta dela, certamente, mas sem a refutar. Certas drogas a tratam mas sem a desmentir. Verdade da angústia: somos fracos no mundo, e mortais na vida. Expostos a todos os ventos, a todos os riscos, a todos os medos. Um corpo para as feridas ou para as doenças, uma alma para as mágoas, e ambos prometidos à morte somente... Ficaríamos angustiados por menos.

Os pequenos gurus e *psis* dos quais o autor faz deboche no trecho anterior representam bem o papel que exerciam os funcionários da instituição. Eles se preocupavam em amenizar a dor daquele evento, até mesmo com o uso de medicação. Mas o fato é que o evento

as lembrava da evidência da morte e, pior, que ela pode ser uma opção quando a angústia não é mais suportável. E não foi para alguém tão próxima das *internas*.

A maior parte dos funcionários da instituição não haviam passado por nenhum tratamento como aquele. Repreendiam quando elas compartilhavam experiências de uso, quando falavam de seus desejos pela substância – seguindo regras da instituição. Esses dois grupos de pessoas: os funcionários e as *internas*, se diferenciavam todo o tempo. O primeiro agia como donos de uma sabedoria libertadora, o segundo, ora tentavam compreender, ora se revoltavam com essa atitude. Nesta ocasião, a diferença entre os grupos ficou evidente também através do que Hochschild (1979 e 2003) denomina “regras das emoções”:

Algumas regras podem ser quase universais, como a que diz que não devemos apreciar matar ou testemunhar a morte de um ser humano, inclusive nós mesmos. Outras regras são únicas para grupos sociais particulares e podem ser usadas para distingui-los entre governos recíprocos (ou alternados) e colonizadores dos eventos internos individuais.⁵⁶ (1979: 566)

Para ambos os grupos, funcionários e internos, a tristeza pelo suicídio da companheira era uma emoção esperada e expressa por todos através das lágrimas e da verbalização dos sentimentos nas condolências anunciadas. Como agir frente ao evento era a grande diferença; os funcionários se preocupavam que o evento não gerasse desistência das *internas* frente ao tratamento e, com isso, exigiam um comportamento positivo delas. Exigiam a rápida superação. Exemplo disso foi que a instituição não organizou algo muito solicitado pelas *internas*, uma caravana ao velório e enterro da companheira, sob a justificativa de que queriam amenizar o impacto do incidente entre elas. Essa tentativa de “colonizar” os sentimentos das internas era notória e apreendida por elas, mas o fato é que, ainda segundo Hochschild, há diferença entre o que sentimos, tentamos sentir e queremos sentir. As internas não queriam se sentir derrotadas como a amiga que havia se suicidado, a instituição também tentava apressar o processo que as fizessem não sentir assim. Mas elas sentiam, e esse trabalho emocional - o gerenciamento dessas emoções e seus conflitos - era notório e deixava claro o que percebi na instituição durante todas as minhas visitas: o tratamento que ali era realizado tinha como base fundamental formatar emoções que pudessem influenciar o desejo compulsivo pelo consumo de substância químicas.

⁵⁶ No original: “Some rules may be nearly universal, such as the rule that one should not enjoy killing or witnessing the killing of a human being, including oneself. Other rules are unique to particular social groups and can be used to distinguish among them as alternate governments or colonizer of individual internal events.”

Na relação com os familiares de origem, por exemplo, a influência do tratamento era muito evidente: estimulava-se o reatamento dos laços. Como já disse anteriormente, um dos “12 passos” que fundamentam o tratamento aconselha que os *internos* façam uma lista das pessoas que prejudicaram e se disponham a fazer reparação a todas elas. Ao observar a interpretação feita desse “passo” pelos *internos* e pelos funcionários, notei que a atenção era voltada aos familiares de origem e, nessa empreitada, foi possível observar novamente o “trabalho emocional” descrito por Hochschild, visto que mesmo sendo esperado deles essa remissão, e eles mesmos desejando ficar em paz com os familiares de origem, as mágoas e a raiva de eventos que vivenciaram com eles se faziam constantes. Assim, foi esse trabalho emocional, essa tentativa de realocar os sentimentos e transformá-los que marcou, nessa instituição, os sentidos que observei da noção de família.

O tratamento professava que, para sua efetividade, deveriam ser separadas as relações que as internas mantinham com pessoas no contexto de uso, e as que não se mantinham nesse contexto. A instituição aconselhava que as relações que se davam em contexto de uso do crack fossem desprezadas, para que, assim, fosse possível a criação de novas rotinas, novos laços. Muitas das internas já haviam passado por tratamentos como esse antes e sabiam que isso era muito difícil, afinal, haviam amigadas e mesmo relacionamentos amorosos que advinham desse contexto e que não conseguiriam simplesmente deletar de suas vidas.

Esse local de pesquisa possibilitou observar a forma como esse tipo de tratamento gera uma série de conflitos no que tange suas memórias e suas relações com as pessoas de seu convívio. É irrefutável a forma como a instituição localiza a família de origem como apoio importantíssimo para a ressocialização do indivíduo que deseja mudar seu cotidiano de consumo de crack, o que desconsidera atualizações desta noção e novos laços importantes que foram constituídos ao longo dessas trajetórias de vida. Por se tratarem de mulheres, a maternidade é tema central nas narrativas que descrevo abaixo.

2.1 Rosa

Rosa (trinta e sete anos) já estava quase terminando o tratamento, estava na instituição há oito meses e, com nove, iria embora. Seu contato com pessoas que estavam fora da instituição era com sua mãe, que estava com a guarda de seus dois filhos. Ela recebia do estado de São Paulo um auxílio financeiro que pagava sua estadia ali (sua mãe havia conseguido

o benefício para ela): o Cartão Recomeço⁵⁷. Ao me contar sobre seu passado, Rosa falou carinhosamente sobre como foi apaixonada e viveu por quatro anos com seu ex-marido. Ambos moravam na rua e, quando decidiram ficar juntos, montaram um barraco de papelão na periferia de Santos e ali cultivaram um companheirismo doméstico.

Ela tinha orgulho em me contar que ele a sustentava com alimentação, crack, bebidas, cigarros, tudo que ela considerava necessário. Ele trabalhava com reciclagem de lixo e, quando saía para coletar, proibia Rosa que saísse do barraco, porque tinha ciúmes. A história de Rosa tinha muitos paralelos com a história de Tina e Carter, indivíduos com quem Bourgois e Schonberg tinham bastante proximidade e sobre quem eles descrevem tão bem o cotidiano (2009: 48-80). Assim como Tina, Rosa enfrentou muita violência de gênero por morar na rua. Sua fragilidade física, me relatou ela, era um fator pelo qual ela ficava contente em poder contar com a proteção do ex-marido. Ela temia ser estuprada, por exemplo, algo bastante corriqueiro nas ruas e violência com que já havia sofrido.

Assim como Zelizer (2005), Bourgois e Schonberg (2008: 52) argumentam contra a ideia de altruísmo nas relações sexuais e de afeto. Eles apontam para a instrumentalidade evidente nas relações sexuais e de intimidade entre homens e mulheres, principalmente nos contextos de pobreza urbana e dominação masculina. Essa instrumentalidade está associada a necessidades econômicas e a necessidades de proteções que são geradas pelo sistema como um todo, mas, fundamentalmente, ao patriarcado. Muitas das mulheres que conheci em contexto de uso na rua apanhavam de seus companheiros, por quem, mesmo assim, elas se diziam estar *apaixonadas*. O ciúme costumava ser intenso e elas abdicavam de uma série de liberdades como conseguir o próprio dinheiro ou poder se locomover pela cidade sozinhas. Observei entre todas as mulheres com quem conversei na Instituição Padre Haroldo e também na Cracolândia, em São Paulo, essas relações desiguais de gênero.

A situação ficou insustentável para Rosa quando ela engravidou desse ex-marido. Ela me falou sobre como era difícil conviver com a vontade pela próxima dose da substância e seu desejo de ser boa para seu filho. Ela se sentia insegura, culpada e tinha medo de não

⁵⁷ “O benefício será para os dependentes que procurarem recuperação voluntariamente. O paciente receberá um cartão com os seus dados, o Cartão Recomeço. Este servirá para controlar a sua presença ao longo do tratamento. O pagamento será realizado diretamente às entidades de recuperação especializadas. O valor disponibilizado para a recuperação do usuário é o equivalente ao tempo necessário para sua recuperação. Serão R\$ 1.350,00 por mês. A duração do benefício é de até 180 dias (seis meses), considerado por especialistas o tempo adequado para a recuperação do dependente” (Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/entenda-como-funciona-o-cartao-recomeco/>>, acesso em 21 de abril de 2017).

conseguir cuidar dele. A culpa que carrega por ter usado crack até o dia do nascimento é fruto das informações sobre os riscos envolvidos na gravidez nessas condições. Informações que recebia, seja pelo contato com sua família, seja com a equipe médica que a atendeu para o trabalho de parto. Além da culpa, ela tinha medo de perder a guarda de seu filho no momento do seu nascimento.

Medo esse que tem fundamento. No relatório de pesquisa recente sobre o tema, “Primeira Infância e Maternidade nas ruas da cidade de São Paulo”, realizada na Clínica de Direitos Humanos Luiz Gama, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (GOMES et al., 2017), o seguinte trecho esclarece e reafirma as impressões que tive sobre os relatos ouvidos de minhas interlocutoras de pesquisa sobre as suas angústias frente ao momento do parto:

É importante frisar que não há um protocolo fixo sobre a avaliação dessa capacidade [da mãe para cuidar do filho], havendo, em regra, menção a interesse ou capacidade para a amamentação, formação de vínculos com a criança e o não uso de drogas, para além da existência de uma rede de apoio familiar. Ou seja, como avaliar o risco psicossocial, qual mulher pode ou não sair da maternidade com seu bebê é, hoje, exclusivamente uma decisão institucional de cada maternidade e cada equipe de atendimento. A dificuldade de delimitação acerca do que é negligência e como dever ocorrer a intervenção nestes casos coloca-se inclusive como um desafio ético para as profissionais do serviço social. (...) A separação tem sido muitas vezes naturalizada em muitas maternidades e outras instituições de intervenção do município, polarizando-se os direitos das mães, de um lado, e o das crianças, de outro, como se a permanência das bebês com essas mulheres fosse capaz de violar os direitos das recém-nascidas. Outros grupos profissionais da rede de proteção a mães e bebês têm sustentado que essa separação é precoce e não permite a chance de criação de vínculos, exercício digno da maternagem e mudança de vida dessas mulheres. Na perspectiva do presente relatório, é preciso que se analise juridicamente a separação precoce como potencial violadora, também, do direito das crianças. A ausência de cuidados nos primeiros dias de vida, a impossibilidade de amamentação, a falta de cuidados na transição entre a vida intra e extra-uterina pode causar danos ainda desconhecidos na vida adulta, mesmo no caso de adoção rápida e bem-sucedida. (2017: 59)

Com medo de que isso acontecesse com sua filha, a mãe de Rosa, com quem fazia contato pelo telefone quando morava na rua, ao saber da notícia da gravidez, pediu uma busca para a polícia e conhecidos e conseguiu encontrá-la em Santos. Essa busca gerou uma situação de tensão com o comércio de drogas local, que teve que conviver com a polícia rondando o território. Seu ex-marido foi questionado por esses comerciantes e, com isso, a pressão sobre Rosa era de seu marido e de sua mãe que, eventualmente, a encontrou. Rosa me falou sobre os sentimentos confusos que sentiu quando avistou sua mãe na rua: ela estava contente, porque

precisava de um suporte naquele momento, mas tinha medo de prejudicar o companheiro ou, ainda, ter que deixá-lo e abandonar também sua vida, seu barraco, seu lugar.

Nessa época ela estava no terceiro trimestre da gestação, envolta em um ciclo de fissura. Tinha medo de ter o bebê na rua, sem conseguir ser atendida no hospital ou que seu filho não tivesse saúde e não resistisse e morresse, mas pediu para a mãe que fosse embora e prometeu que ligaria em breve para ela. Quando o bebê nasceu ela ainda estava morando no barraco com seu marido, mas, do hospital, ligou para mãe, que a buscou e a levou de volta para sua casa.

O fato de que seu ex-marido não teve que fazer mudanças em seu cotidiano para acomodar a paternidade sequer foi mencionado por Rosa. Em vários momentos da pesquisa a paternidade e a maternidade tiveram cargas de responsabilidades totalmente diferentes. O processo físico da gravidez lembra a mulher da maternidade a todo minuto do dia: os movimentos do bebê, as dores no corpo, o aumento da barriga, os peitos produzindo leite. A vida sendo gerada a partir do que o corpo tem a ofertar ao ser que se desenvolve dentro da mãe influencia bastante no processo de percepção da mudança acontecendo na vida dessa mulher; já no caso do pai, essa transformação exige mais atenção e dedicação, o que nem sempre acontece.

A reflexão de Strathern (1995) sobre as tecnologias reprodutivas que possibilitaram o “Nascimento virgem” e a interpretação desta escolha feminina como uma “síndrome” por diversos setores da sociedade, fundamentalmente a comunidade médica, indica para uma possível explicação sobre essa assimetria entre a responsabilidade e papéis desempenhados pelos pais e pelas mães. “É culturalmente concebível o homem desejar uma relação, mas não o filho que dela resulta. Na chamada Síndrome do Nascimento Virgem, lidamos com uma mulher que pode desejar um filho, mas não a relação sexual que normalmente o gera” (1995: 312). Essa escolha feminina gerou inquietações éticas, mas o oposto, muito comum, não o gera: quando as mulheres escolhem ter um companheiro e gerar um filho biológico, mas eles são abandonados pelo pai.

Os pais ausentes estão ausentes durante todas as incertezas do destino – mas planejar que não haja pai algum ameaça o ideal. Contudo, na união de um casal, em termos de seu compromisso mútuo, também se cria um contra-símbolo: as duas partes podem diferir no nível do compromisso, e neste ponto o compromisso do homem é convencionalmente menor do que o da mulher. O ideal é acima de tudo expresso no desejo da mulher de ter um filho por intercurso sexual (STRATHERN, 1995: 314).

No caso de Rosa, ela não desejou a gravidez a princípio, mas certamente foi a única responsabilizada por ela e por suas consequências. Já Angelo, de quem falei a respeito no tópico anterior, entre as narrativas destacadas do SAMIM, é pai, mas pondera sua volta para casa considerando apenas o julgamento de sua esposa: se ela não o quiser por perto, ele vai morar distante; não houve em nenhum momento a consideração de que ficaria longe dos filhos se ela não o aceitasse. A responsabilização feminina sobre a criação dos filhos apareceu repetidas vezes nas falas de minhas interlocutoras de pesquisa, bem como foi comum entre os pais com quem falei (os que mencionaram ser pais) o fato de que eles não se culpavam e nunca sequer cogitaram a possibilidade de alterações em seu estilo de vida de maneira a assumir responsabilidade na criação e no cotidiano. Mesmo em termos jurídicos e nas matérias jornalísticas que tematizam os “filhos do crack”, eram as mães sempre o foco da atenção dos familiares de origem, da imprensa e do conselho tutelar.

Strathern (1995) novamente toca em um ponto fundamental na reflexão sobre essa questão cultural, que está vinculada ao processo do próprio corpo:

Como consequência de gestação e parto, a relação entre identidade sexual feminina (ligada ao órgão genital) e função procriativa maternal é potencialmente contínua, enquanto entre identidade sexual masculina (ligada ao órgão sexual masculino) e função paternal é necessariamente descontínua. Em outras palavras, uma identificação absoluta de parentalidade física e jurídica só é possível no caso da maternidade (p. 325).

Essa função procriativa contínua é uma questão especialmente difícil para Rosa e outras mães que usam crack e que conheci durante minha pesquisa. Isto porque, além de designar a elas a tarefa de cuidado e criação do filho, elas também precisam lidar com o desejo pelo crack, que não necessariamente diminui a partir dos processos de gestação. Com isso, deixar de desejar a substância para conseguir gerar seus filhos com maior segurança é tarefa extremamente difícil. Todos, sem exceção, as julgam por isso. Mas o fato é que, na maioria dos casos, não são apresentadas condições concretas para evitar a gestação concomitante ao uso de crack para a maioria delas, que têm suas vidas envoltas em um ciclo de hábitos diários que envolvem também a necessidade de suprir o desejo pela próxima pedra. Apenas o julgamento está disponível e, com isso, a autoestima e o sentimento de fracasso só aumentam, o que alimenta o ciclo emocional já abordado: tristeza, angústia, impotência e desejo por consumir crack novamente e tentar fazer com que essas emoções sejam, ao menos momentaneamente, anestesiadas.

Rosa anda levando consigo poucos objetos, entre eles as fotos de todos os filhos, que moram com a mãe e com a avó. Abrigados e alimentados, eles dividem o pouco que têm, pois, segundo Rosa, são pobres. Sua mãe demorou alguns meses para reconhecer o neto, mas agora o está criando. Quando Rosa voltou a morar com a família, abandonou o ex-marido, pois não conseguiriam manter um relacionamento a distância e não tinham condições de pagar por uma moradia para o casal e os filhos (incluindo os outros dois que Rosa teve antes de conhecer esse companheiro em questão e que já estavam sendo criados pela avó). Mas ela conta com tristeza sobre a saudade que sente do ex-marido, tem lembranças *apaixonadas* do período do barraco. Apesar da saudade, ela diz não o procurar, pois, com ele, ela usa mais crack e não consegue ficar perto dos filhos. Agora, segundo ela, está em uma outra fase, está se tratando, tentando deixar de consumir a substância, sair dali e trabalhar, para poder criar os filhos. Ela é muito grata à sua família de origem, em especial à sua mãe, por estarem auxiliando.

2.2 Carla

Carla (vinte e nove anos) tem uma origem econômica diferente das outras mulheres que conheci neste espaço, visto que, segundo ela, sua família é de classe média alta. Sua mãe faleceu quando ela ainda era criança e seu pai nunca se recuperou emocionalmente do ocorrido. Quando perdeu sua mãe, o pai transferiu seus irmãos para a casa da tia, pois dizia não ser capaz de trabalhar fora e cuidar de todos os filhos – responsabilidade muito comum e esperada das mulheres mães sem companheiros. Ela foi a única que ficou com o pai.

Aos dez anos de idade, começou a consumir as bebidas do bar da casa; quando o pai descobriu, quebrou e jogou tudo fora. Em seguida, ela começou a fumar os cigarros do pai escondido (quando ele descobriu também parou de fumar) e usar maconha e cocaína na escola, o que, segundo ela, a distanciou bastante da concentração necessária para os estudos. Ela fez cursinho e entrou em três universidades públicas, mas nunca concluiu nenhum curso, fez no máximo um ano. Na terceira tentativa universitária, ela engravidou de um moço que, segundo ela, não amava, mas decidiram morar juntos.

Nesse convívio doméstico, com três filhos, insatisfeita com a vida que estava levando e que não tinha escolhido para si, intensificou o consumo de cocaína e começou a usar crack com o namorado. Um dia eles usaram tanto que ele resolver parar, pois se viu muito intoxicado e insatisfeito com a situação; mas ela continuou. Eles tinham um salão de cabelereiro e conseguiam pagar escola particular para os filhos, sustentar o consumo de substâncias psicoativas dela e ter moradia, carro e tranquilidade econômica.

Ela usava cocaína todos os dias e crack aos fins de semana; quando usava crack durante a semana não conseguia atender suas clientes no salão. Foi quando ela intensificou o consumo do crack que decidiu sair de casa pela primeira vez. Diferentemente das demais mulheres com quem conversei nesta instituição, ela nunca havia morado na rua – sua família pagava pensão no centro da cidade para ela morar quando não estava dando para manter o convívio entre eles. Quando conversamos, Carla me informou estar na nona tentativa de tratamento. Contou-me que sua filha está querendo morar fora com quinze anos para estudar e ela se culpa por isso, diz não ter conseguido constituir uma família, culpabiliza a falta de uma relação adequada – que, segundo ela, seria carinhosa, amorosa e romântica – com o seu companheiro e seus filhos.

Carla se via vítima da falta de forças de seu pai em lidar com o fato de que ele tinha perdido a esposa; ela o julgava por não ter conseguido criar os seus irmãos. Segundo ela, seu pai, com quem mantém um distanciamento devido a mágoa que tem pelo que ela julga ter sido uma falta de *atenção e carinho* da parte dele, continua, entretanto, sendo seu pai, devido o laço consanguíneo entre ambos. Apesar da distância ela não nega a existência do pai em sua vida e, inclusive, é grata por ele auxiliar com o pagamento dos tratamentos.

É pela relação que mantém com o marido e com os filhos, no entanto, que ela se culpa por não despender mais tempo e dedicação – ela dizia não ter ficado com eles tempo suficiente para passear, realizar refeições juntos ou ajudar seus filhos com tarefas da escola, por exemplo. A valoração que Carla faz dessas relações está associada ao que Edwards e Strathern (como explicitam em um capítulo no livro organizado por Carsten, 2009: 160) refletem acerca das conexões: “ideias de troca de substâncias são sempre apenas um lado da história, conexões são também rompidas através da falta de atenção”⁵⁸. Segundo as autoras, o parentesco pode ser considerado através da consanguinidade, mas a proximidade convoca laços afetivos, que estão atrelados a compromissos de cuidados mútuos e amorosidade que sustentam a relação.

2.3 Jéssica

Conheci Jéssica (27 anos) no primeiro dia de visita à *ala* feminina da instituição e até o último dia que frequentei o espaço ela ficava perto de mim – gostava de me apresentar às pessoas, me mostrar os espaços e falar sobre as regras de convívio. Ela estava sob o efeito de diversos medicamentos oferecidos pela instituição e sofria com efeitos colaterais, entre eles

⁵⁸ No original: “Ideas of shared substance are only ever one side of the story, connections are also broken through lack of attention”.

uma ausência mental, ou seja, ela se comunicava, mas esquecia bastante do que estava falando, tremia, ficava agitada e sentia sua boca seca todo o tempo.

Ela tinha duas filhas sob os cuidados de sua mãe e pontuou para mim algumas questões que merecem ser destacadas, como a importância que ela dava para um companheiro com quem não tinha relação sexual, mas de quem recebia não apenas cuidados materiais (tais quais a casa que ela morava fora dali, alimentação, roupas e dinheiro – para ela e para suas filhas), mas também atenção emocional e cuidados físicos (quando estava doente), por exemplo. Ele era um senhor que a convidou para morar com ele quando a conheceu debilitada por estar morando na rua. Poucos meses depois de começar a morar com ele, Jéssica levou suas filhas (que estavam morando com sua mãe) para lá também. Ela dizia ser muito grata pelo que ele fez por elas, disse-me que o maior presente que ele poderia ter lhe dado era esse: morar com as filhas. Mesmo aceitando todos os seus cuidados, que ela não queria perder, dizia-me ter vergonha quando pensavam que ela tinha relações sexuais com ele.

Foi ele quem descobriu formas de interná-la, e pagava pelo tratamento. Jéssica conta que nos últimos meses da convivência com ele, ela chegava da rua e ia direto para o seu quarto para ali ficar consumindo crack. Um dia, irritado com essa situação, seu *companheiro* ateou fogo em todos os seus bens e roupas – ação que ela justificava, dizendo ser culpada pelo sentimento que o fez tomar tal atitude. Depois de ter sido internada, e passando pelas dificuldades da abstinência e da vivência na instituição, ela se culpa por não ter desfrutado do carinho que o senhor tinha com ela, dizia ter raiva de si mesma por não comer as guloseimas que ele sabia que ela gostava e deixava na geladeira à sua espera – já que agora, longe dele, na instituição, a geladeira ficava trancada.

Essa não era a primeira internação incentivada por ele, mas da primeira vez, em um mês de dezembro, ela ficou pouco tempo, uma semana, e foi embora após o natal. A experiência de ter passado o natal ali foi, para ela, muito feliz. Até aquela ocasião suas memórias de natal envolviam muita confusão com a família e também fissura pelo crack. Na instituição ela disse ter aproveitado a refeição, a decoração, as músicas, o ambiente descontraído de festa e os presentes, descrições que apontam para uma perspectiva positiva da instituição em voga.

A razão desta segunda internação foi o fato de que sua mãe conseguiu a guarda de suas filhas, pois alegou à justiça que Jéssica era usuária de crack. Até essa conquista da mãe, Jéssica vivia com suas filhas e seu parceiro. Mesmo não se sentindo confiante sobre suas habilidades maternas e se sentindo frágil frente ao desejo compulsivo pela substância, Jéssica almejava e demandava ficar perto das filhas. Por isso queria sair dali apta a lidar com a abstinência e conquistar suas filhas de volta na justiça.

Em 2018, já no final da pesquisa, tive a oportunidade de conhecer uma de suas filhas. Ela ajudou a mãe a me contatar pelo *Facebook* e conversamos algumas vezes. Patrícia, com muito tristeza, me falou que sua mãe voltou a morar na rua e que está muito mal. Sua irmã está morando com uma amiga de Jéssica, e Patrícia está morando no Paraná com o namorado. Já não mantém mais contato com o ex-companheiro de Jéssica.

As relações que essas mulheres estabeleciam com seus companheiros envolviam cuidados mútuos que ora facilitavam a vida delas e dos homens com os quais elas conviviam, ora eram fonte de muita violência psicológica e física, das quais as maiores vítimas eram elas. Como descrevi acima, não é incomum os companheiros sentirem ciúmes e, por isso, limitarem, por exemplo, a movimentação dessas mulheres pela cidade; também por ciúmes, algumas brigas eram consideradas justificadas – chegando a haver agressões físicas (mas não apenas; também presenciei brigas iniciadas pelas mulheres dessas relações na região da Cracolândia, mas, mesmo quando elas iniciavam a situação de confronto, ao final, as mais feridas eram frequentemente elas). Mesmo no caso de Jéssica, que dizia não manter relações sexuais com o companheiro, houve violência: ele queimou todos os seus pertences por se irritar com o seu consumo de crack.

Além disso, o peso e a responsabilização social sobre o cuidado e criação dos filhos recaem sobre os ombros dessas mulheres que estão em meio a muita vulnerabilidade, sem apoio por parte do Estado⁵⁹. Quando em conversas sobre maternidade elas me informavam que a ajuda que recebiam para criarem seus filhos era exclusivamente da família de origem (quando havia). Da relação com o Estado apenas o medo imperava: elas estavam constantemente preocupadas em perder a guarda de suas crianças, que podem ser levadas pelo Conselho Tutelar e entrar para um sistema de abrigos e adoção que os podem separar por definitivo – (segundo defensora pública, em reunião coletiva do GT Maternidades em 2016: “- sinceramente, uma vez que o processo chega na vara da infância, nós já damos a destituição por certa. Não há diálogo possível com as magistradas, já estão convencidas da destituição e estigmatizam a atuação da Defensoria Pública do Estado” (GOMES et al., 2017). Rosa, Carla e Jéssica compartilham do sentimento de fracasso frente à maternidade, mas todas, menos Carla, puderam contar com suas

⁵⁹ Ainda segundo a pesquisa “Primeira infância e maternidade nas ruas” (2017): “A vida dessas mulheres e crianças sofre com uma intervenção estatal, que se pauta, sob nossa perspectiva, na responsabilização individual, na sua suposta incapacidade para o exercício da maternidade e não por meio do amparo social assegurados pelas normas nacionais e internacionais.” (p. 89)

mães para as auxiliarem com a criação de seus filhos; no caso de Carla, esse cuidado foi assumido pelo marido.

Essa, no entanto, não foi a única realidade observada; conheci, por exemplo, Betânia, quem perdeu a guarda de seus filhos para o Conselho Tutelar. No último dia que visitei o espaço, Betânia, a única interna que havia concluído o tratamento e estava trabalhando na instituição no momento da pesquisa, não podia desabafar com mais ninguém além de mim, senão seria demitida, porque havia bebido e fumado crack no dia anterior, sua folga. Apesar de ter terminado o tratamento, ela não tinha nenhum lugar para ir ao sair dali. Ela não tinha parentes próximos, seus pais eram falecidos e, por isso, ficou ali para trabalhar. Mas o fato é que ela não se sentia conectada com mais ninguém desde que perdera a guarda de seus filhos por ter sido denunciada por consumo de crack pelos vizinhos ao Conselho Tutelar. Assim, soube, com o tempo, que eles estavam separados, dois em abrigos e um saindo da Fundação Casa.

Na Instituição Pe. Haroldo, as memórias que essas mulheres me contavam eram bastante influenciadas pela própria forma como era pensado o *tratamento*: elas se culpavam muito pelos seus erros⁶⁰ e, entre eles, o mais destacado era a forma como vinham encarando a maternidade. Muitas delas estavam ali porque queriam reconquistar a guarda de seus filhos, por exemplo – através da abstinência e o exercício do autocontrole. As famílias de origem também estavam envolvidas com a escolha, determinação e pagamento do tratamento na instituição; as visitas, entretanto, tanto para os homens, quanto para as mulheres, eram frequentemente realizadas por essas mulheres.

Notei que as mães são as pessoas mais evocadas na elaboração de narrativas de convívio, contato e suporte da família de origem. Na Cracolândia, me deparei com o mesmo padrão de comportamento, mas ali percebi com mais clareza uma falta de vínculo paterno. Se a responsabilidade recai sobre a criação materna e às mães são feitas as maiores exigências, com elas é também costumeiro que os laços afetivos sejam mais intensos e permanentes. No albergue da prefeitura de Campinas era para elas a maioria das ligações; na Instituição Pe.

⁶⁰ Da filosofia que norteia o tratamento, alguns dos doze passos estimulam essa culpa:

4°. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

5°. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

6°. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7°. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.

8°. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.

9°. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando faze-lo pudesse prejudica-las ou a outras.

10°. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

Haroldo eram elas que estavam em maior número nos dias de visitas; e na Cracolândia eram elas quem geralmente apareciam na busca por seus filhos.

O objetivo dos *internos* era sair dali e retomar seus espaços no “mundo de fora” – algo, aliás, incentivado pela própria instituição. Isso explica o forte incentivo para que reconstituíssem os laços com seus familiares. Era indicado, por exemplo, aos familiares que recorressem à ONG Amor Exigente, e na instituição era dito que eles também precisavam superar as mágoas e aprender a conviver de forma mais harmônica com os usuários, bem como deveriam aprender a ser mais exigentes e estabelecer para eles regras mais rígidas de convívio. A saída, não obstante, gera uma grande ansiedade e muito medo de não saber o que fazer com uma vida que tem toda sua dinâmica alterada, já que o objetivo não deveria ser mais o meio para conseguir a próxima dose, mas sim o cuidado de si e dos que amam.

É preciso ressaltar, sobre esse tema, que classe social é um importante marcador para considerar na análise. Conheci, por exemplo, uma mãe na ONG Amor Exigente que provinha da classe média alta. Quando seu filho saiu da instituição Pe. Haroldo ela conseguiu alocá-lo em um emprego por meio de conhecidos - ele tinha inclusive uma casa para morar sozinho e um carro próprio. Além disso, ele recebia apoio semanal de psicólogos, praticava esportes e conseguia se manter alimentado de forma saudável. Ele tinha acesso a cinema, viagens e eventos culturais, por exemplo. Até a escrita desse trabalho ele estava em abstinência. Mas essa não era a realidade da maior parte dos meus interlocutores de pesquisa que conheci nesta instituição, como não foi no caso de Betânia, que já não estava vendo sentido na vida. Tampouco foi o caso da interna que cometeu suicídio, abordado no início deste item.

A laborterapia, as aulas do EJA, as de artesanato, as missas e todos os eventos na instituição tinham o intuito de driblar os pensamentos das internas sobre a saída e a angústia que a ansiedade por esse momento gerava nelas. Percebi, no entanto, que em muitos momentos essa tentativa se tornava um exercício produtivista sobre o qual elas próprias não viam lógica e que, assim, tentavam burlar. Elas eram vigiadas em todos os instantes pelos trabalhadores da instituição, que frequentemente corrigiam suas formas de pensar e buscavam impedir que certos assuntos fossem mencionados, a fim de não atrapalhar o *tratamento* (como esses medos e vontades). Além da vigília, havia também, no espaço da instituição, muitas placas com frases de efeito e com os doze passos, que consistiam em lembranças perenes dessas ideais de conduta que, não obstante, frequentemente não conseguiam alcançar ou mesmo manter por muito tempo. Eram também advertências constantes, constituídas em regras de conduta nesses espaços. Não era permitido, por exemplo, como eram sempre lembradas, que se sentassem no

chão da instituição, para que não associassem essa posição ao modo como consumiam crack, lembrando-se assim da prática da qual buscavam se distanciar.

As minhas interlocutoras, no entanto, encontravam formas criativas para lidar com algumas dessas dificuldades e anseios do cotidiano. Entre essas mulheres a amizade, fruto de um cotidiano e de uma experiência partilhados, era uma ferramenta importante: elas conversavam sobre todos os temas “proibidos” e estavam sempre avaliando a instituição. As fotos e objetos colados nas paredes, as comidas que recebiam nos dias de visitas, a arte que produziam ali dentro para presentear pessoas que amavam, por exemplo, eram instrumentos poderosos para encarar as proibições da instituição e as incertezas sobre o tratamento e saída do local.

Muitas delas viam na instituição não apenas um lugar de proibições, mas também um local onde podiam descansar de seus cotidianos e experimentar um pouco a sensação de abstinência. Para as famílias, essa estadia é não apenas uma esperança de dias melhores, mas também a possibilidade de descanso do cotidiano cansativo com seu ente querido que consome crack.

As trajetórias que escolhi expor aqui revelam que são muitas as formas de vida dessas mulheres: suas classes sociais, suas histórias familiares, seus pontos de apoio; mas há também muito em comum: a dificuldade de abstinência, as culpas que carregam pela maternidade, os abusos que sofrem de companheiros. Ali, assim como no albergue (com o apoio à retomada de vínculos com o mundo exterior), o registro dessas histórias foi marcado pelas influências do discurso da instituição com os quais estavam em contato diário. A força do discurso coletivo local era expressa não apenas na forma como se sentiam culpadas e tinham medo do que teriam que encarar quando saíssem dali, mas também pela esperança e força que viam umas nas outras ao tentarem construir um futuro melhor para elas e, geralmente, para seus filhos.



61

Figura 1: Novembro de 2014. Da esquerda para direita: Manoela, Fernando, eu e Carla. Aguardávamos pela hora estabelecida para fumar.



Figura 2: Novembro de 2014. Jéssica preparava um porta-retratos artesanal para presentear sua mãe no natal.

⁶¹ Recebi autorização para publicar as fotos acima de de todas as interlocutoras de pesquisa que aparecem nas imagens.



Figura 3: Novembro de 2014. Fernando, que estava apaixonado, tocava uma música romântica para Rosa e para mim na hora estabelecida de intervalo da aula do EJA.

Capítulo III

A noção de família nas ruas: vivências na Cracolândia / São Paulo

A circulação do usuário geralmente começa a partir de seu afastamento da família nuclear, cuja motivação são os conflitos que descrevi no primeiro capítulo. Entretanto, essa noção permanece como categoria relevante ao longo de sua trajetória (mesmo que através de sentimentos de não pertencimento ou desgaste da relação). No capítulo anterior abordei as minhas idas a instituições, visando descrever como a noção de família foi acionada nesses espaços e tentando evidenciar como as diretrizes das organizações em pauta compuseram também, mesmo que temporariamente, as narrativas descritas. Neste capítulo abordo as relações familiares em contexto de uso, na região da Cracolândia, em São Paulo.

Essa região em São Paulo, uma “territorialidade itinerante” – como é descrita por Frúgoli Jr. e Spaggiari (2010), tem organização variada, onde “um olhar etnográfico para os usos e disputas que permeiam o bairro da Luz exige uma análise da pluralidade de atores envolvidos com a cracolândia, bem como das conexões entre eles, conflituosas ou não, que desenham um quadro de relações complexo e heterogêneo” (FRÚGOLI e SPAGGIARI, 2010: 13). É itinerante porque o território onde ficam os maiores afluxos de pessoas que consomem crack e o comércio de drogas tem sido alvo de inúmeras operações policiais organizadas por governos preocupados com a higienização do centro de São Paulo⁶², que objetiva a valorização imobiliária do território. Assim, a Cracolândia, onde atuam os agentes de políticas públicas, trabalhos de ONGs, entidades religiosas, iniciativas individuais, etc, não é um território fixo, mas sim uma “modalidade de territorialidade itinerante dentro de um contexto multifacetado e marcado por inúmeras variações situacionais” (FRÚGOLI e SPAGGIARI, 2010: 4). Como refletido por Taniele Rui (2015), essa polissemia da territorialidade da região pode ser pensada através das alteridades que os corpos dos usuários de crack produzem nos espaços que ocupam, bem como a gestão desses corpos.

Como evidenciam os autores do livro “Novas Faces da vida nas ruas” (FELTRAN et. al, 2016), as gestões em torno desses corpos ora ponderam as alteridades que esses corpos produzem e suas vulnerabilidades (portanto, carentes de cuidados e políticas públicas de assistência), ora promovem controle aos possíveis riscos que eles produzem, pois ameaçam a

⁶² Ver, por exemplo, a última operação realizada em 21 de maio de 2017: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886022-policia-faz-megaoperacao-de-combate-ao-traffic-na-cracolandia.shtml>>, acesso em 20 de dezembro de 2017,

ordem ou mesmo a estética de nossas cidades (a ver as políticas públicas pensadas pelo então prefeito de São Paulo, João Dória⁶³).

Mesmo não tendo essas gestões como objeto de pesquisa, acredito que é fundamental destacar alguns aspectos relacionados às mesmas: são importantes no processo de apreensão da noção de família dos usuários, atentando para as formas como essa é acionada e evocada pelas instituições que acolhem os usuários de drogas. Afinal, também é interesse deste trabalho refletir sobre as políticas públicas desenvolvidas para dar suporte aos familiares (bem como sua ausência). A frequência e a força de como essa noção é acionada em diferentes esferas institucionais e pela gestão pública, indicam um grande potencial analítico no que se refere às expectativas de responsabilização desta instância frente ao consumo de crack. Responsabilizada e, muitas vezes, vista como a instância da qual deve partir o *tratamento* do usuário, a família (com formações, condições financeiras, capital cultural e experiências afetivas e emocionais variadas), formada por pessoas que também precisam dar conta de suas próprias vidas em todos os aspectos, enfrenta a falta de mecanismos oficiais de salvaguarda e apoio.

Neste sentido, é crucial refletir sobre a transversalidade desses temas, através da análise das narrativas que vão remontando às motivações da circulação dos indivíduos pelo território urbano, suas passagens institucionais, os aparelhos de repressão e assistência que os cercam, bem como as relações afetivas que dão sentido aos seus cotidianos. A trama ficou evidente nas narrativas observadas para a *Pesquisa preliminar de avaliação do Programa “De Braços Abertos”*, realizada por Taniele Rui, Mauricio Fiore e Luís Fernando Tófoli (2016), e da qual tive participação aplicando questionários para o trabalho de campo:

O narrador dessas histórias, ao evocar experiências familiares e afetivas, faz conexões com as instituições por onde passou, com a cidade, com o poder público, ao mesmo tempo em que coloca à mostra as tramas administrativas de diferentes entidades, as relações de poder no centro e na periferia da cidade, dentro e fora das instituições, os regimes de moralidade do crime, da família e das atividades ilegais. É por meio das “marcas indelévels cravadas na carne” de tais personagens (Mallart, 2014), que se moldam nos trânsitos incessantes entre o mundão e os inúmeros dispositivos de controle – sejam eles repressivos ou assistenciais – que a experiência urbana vai ganhando forma (p. 50).

No albergue e na Instituição Pe. Haroldo a família é evocada pelos trabalhadores dos serviços e pela própria gestão institucional como grupo de pessoas importante para a

⁶³ Para maiores informações, ver: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/doria-se-destruiu-na-cracolandia>>; <<http://www.valor.com.br/politica/4985470/doria-quebra-silencio-fala-de-cracolandia-e-promete-que-nao-recuara>>; <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/26/politica/1495830499_134676.html>; <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,vamos-seguir-na-mesma-linha-nao-tem-recuo-diz-doria-sobre-a-cracolandia,70001826632>>. Links acessados em 02 de janeiro de 2018.

manutenção da vida e bem-estar do indivíduo usuário de crack, além de instância a partir da qual esse usuário deve procurar reestabelecer os vínculos necessários para *refazer* seu cotidiano. A ideia é que esse regresso à família será marcado pela busca da abstinência e a realocação da pessoa em contextos sociais fora dessas instituições, tais quais: aquele próprio da esfera do trabalho estável, ou então os referentes à religião e ao cuidado de si, por exemplo. Na prática, o retorno à família de origem, quando acontece, gera conflitos.

Na região da Cracolândia, esse estímulo para a retomada de contato com a família de origem também foi observado através da aproximação que tive com o serviço oferecido pela prefeitura da cidade de São Paulo, o programa “De Braços Abertos”. No convívio com as assistentes sociais e com os beneficiados pelo serviço, observei muitas conversas entre eles através das quais os assistentes incitavam um contato com a família de origem, muitas vezes os colocando em diálogo e até mesmo auxiliando na organização do encontro ou regresso desses usuários à casa da família de origem. No convívio e na readaptação à organização do lar, entretanto, os usuários têm dificuldade em manterem-se abstinentes. *Recaídas* de consumo da substância em um ciclo emocional que envolve os já mencionados sentimentos de arrependimento e tristeza, que geram ainda mais vontade de voltar a consumir crack, dão forma a um convívio nada harmonioso.

Esse ciclo emocional é geralmente ocasionado pelo sentimento de fracasso de se manterem abstinentes ou da frustração por não conseguirem cuidar de si, de seus entes queridos e mesmo de seus bens. Esse *fracasso* gera tristeza, raiva, distanciamentos, solidão, todos sentimentos que apenas incitam ao consumo novamente, o que volta a gerar a sensação de fracasso, e assim por diante, como já mencionado anteriormente, mas que é importante retomar aqui novamente, mesmo que de forma breve. Esses processos destroem a autoestima que poderia gerar uma tentativa de fazer algo diferente, de quebrar com o ciclo, bem como o faz a abstinência química e psíquica pela substância. A mesma desesperança com o tempo pode ser observada entre os familiares de origem.

Tendo em vista esses fracassos, essas tentativas frustradas de convivência com a família de origem em seus regressos, muitos usuários que moram na região da Cracolândia descrevem já não poder contar mais com essa rede de apoio. De acordo com a *Pesquisa preliminar de avaliação do Programa “De Braços Abertos” (2016)*,

Para averiguar a rede pessoal de apoio dos beneficiários do DBA, perguntamos o número de parentes e amigos íntimos com os quais eles acham que podem contar em caso de alguma dificuldade. Trinta e seis por cento dos

beneficiários disseram não poder contar com nenhum parente e 47% com nenhum amigo⁶⁴ (p. 30).

Observei aproximações com a família de origem através de visitas dessas pessoas no território, geralmente das mães e companheiras erótico-afetivas que carregavam com elas fotos de seus parentes e pediam auxílio para encontrá-los, tendo dificuldade em adentrar o *fluxo*. Além destes contatos, em algumas narrativas foi possível identificar o desejo de estar perto, de uma ligação ou visita por parte dos usuários. Mas observei, de forma geral, um distanciamento desses e seus familiares de origem. Por outro lado, as experiências cotidianas que observei no território me fizeram ampliar as noções de família, pois essas se dão através de muitas substâncias que não o sangue.

Neste território, novas famílias nucleares se formam, novos pares erótico-afetivos, filhos são gerados, amizades são criadas – amizades que muitas vezes são descritas com as nomenclaturas de parentesco consanguíneo - e, ainda, relações atreladas ao crime organizado, o PCC (Primeiro Comando da Capital), que também são descritas com termos de parentesco e que nunca é presença distante desse universo social. Pretendo descrever tais relações a partir de algumas narrativas a seguir. Na *Pesquisa preliminar de avaliação do Programa “De Braços Abertos”* (2016), como descrevo acima, 47% dos entrevistados disseram não poder contar com nenhum amigo. Fazendo parte da aplicação dos questionários para chegar a tal resultado, percebi que esse número está muito atrelado à (des)confiança a vários aspectos discretos, subjetivos e reveladores da importância e dificuldade de se manter conectado a outro para a manutenção da vida e melhoria do bem-estar cotidiano no território.

Trata-se de uma questão delicada, posto que o território acolhe seus moradores de forma bastante hostil. As vulnerabilidades de habitar a região da Cracolândia são muitas: ainda segundo a *Pesquisa preliminar de avaliação do Programa “De Braços Abertos”* (2016), 65,8% dos pesquisados estavam frequentemente insatisfeitos com sua situação econômica, 59,9% com suas relações familiares, 53,4% com suas atividades de lazer, 51,7% com sua situação de habitação, 49,2% com sua saúde física. E a lista de insatisfações continua: humor, mobilidade

⁶⁴ Sobre a metodologia aplicada à esta pesquisa: “O universo da pesquisa são os beneficiários do DBA, conforme cadastro fornecido pela Prefeitura de São Paulo em 28 de abril de 2015. Nele, existiam 398 pessoas, dos quais 370 pertenciam à população-alvo da pesquisa: beneficiários com 18 anos ou mais (os menores de idade não são beneficiários, mas dependentes desses, já que o DBA não beneficia diretamente crianças e adolescentes). A unidade amostral foi o hotel em que o beneficiário residia na data de acesso ao cadastro. Para a determinação do tamanho da amostra foi estimada uma proporção aleatória do universo, ou seja, uma proporção de indivíduos cadastrados no programa que teriam uma característica específica; nesse caso, a proporção foi 50%. (...). Para estimação da amostra, foi considerado para o cálculo um coeficiente de confiança de 95% e um erro absoluto máximo de 10%. Assim, se obteve uma amostra factível para a pesquisa de 80 beneficiários.” (Para maiores informações ver a página 9 do mesmo relatório).

física, vida sexual, atividades domésticas (p. 20) eram reclamações comuns. Essas insatisfações eram ainda maiores para os não atendidos pelo programa “De Braços Abertos”, visto que muitos moram nas ruas do centro de São Paulo, não têm lugar para tomar banho com regularidade, para a prática sexual ou para cozinhar, etc. Os beneficiados pelo programa contavam também com um auxílio muito importante das assistentes sociais que os visitam com frequência para saber como estão indo no trabalho, como está sua saúde, o convívio na habitação e outros aspectos da vida. Esses assistentes sociais se tornavam importantes ajudantes para a manutenção da saúde física e, mesmo, através do vínculo afetivo, da saúde psicológica.

As vulnerabilidades intrínsecas à experiência de consumo de crack e vida nas ruas (muito bem descrito no trabalho “Nas tramas do Crack” de Taniele Rui, 2015) se refletem nas relações que esses indivíduos tecem no território, visto que há um reconhecimento da necessidade de apoio mútuo com pessoas que estão na mesma condição; há a necessidade de uma rede de apoio local. Algumas regras de convívio coletivo também são colocadas em prática e estão sendo sempre vigiadas. Alguns exemplos dessas regras, mantidas pela coerção que é frequentemente exercida pelo próprio PCC, mas vigiada por todos, referem-se ao roubo de pessoas em situações semelhantes, ao estupro e ao assassinato. O estupro tem uma regulação ainda muito frágil, de fazer do território um local seguro para as mulheres; observei, por exemplo, estupros conjugais; ou então a existência de trabalhadoras do sexo que não recebem pelos serviços prestados conforme o combinado e, mesmo expondo o cliente em pleno *fluxo*, não receberam auxílio de nenhuma parte.

Mas as condições de vulnerabilidade não apenas aproximam, como distanciam os indivíduos nesse território (o que também foi observado no albergue e, em menor frequência, na Instituição Pe. Haroldo – aqui mais como um reflexo das experiências já vividas e dos códigos já aprendidos fora da instituição). Aproximam por, muitas vezes, os indivíduos sentirem a necessidade de ajuda quando estão doentes, com fome, com sono ou com qualquer outra dificuldade de ordem cotidiana; além disso, há também uma rede de trocas de substâncias das quais se tem dependência: cigarros, pinga e crack, por exemplo. As trocas dessas substâncias são, geralmente, feitas com uma rede maior de pessoas, mas com elas o nível de confiança exigido é menor do que com quem se troca cuidados físicos e psicológicos e, com isso, há uma maior fragilidade nas relações. A escassez de qualquer um dos itens de necessidade que se tenha como básica faz com que relações não muito íntimas sejam frágeis e abertas a reconsiderações a todo momento.

Minha circulação pelo território foi marcada pelo meu gênero, meu corpo, meu estado emocional (por estar sozinha), entre outros marcadores. Perambulei pelo espaço por

pouco mais de um ano, a princípio com o objetivo de aplicar questionários elaborados para a realização da *Pesquisa preliminar de avaliação do Programa “De Braços Abertos”* (2016), depois prolonguei minhas idas para a minha pesquisa individual de mestrado. A última etapa do trabalho de campo foi conhecer e realizar visitas frequentes à família de origem de uma de minhas principais interlocutoras de pesquisa, com quem meu contato foi mais assíduo na região e quem apresento a seguir.

1 Roberta

Minha relação com Roberta, que existe até hoje, começou em agosto de 2015 quando a procurei para aplicar o questionário para a pesquisa mencionada acima sobre o programa “De Braços Abertos” (2016). A encontrei em seu quarto do hotel financiado pelo programa. Sabendo que eu queria realizar uma pesquisa com ela, foi prontamente solícita e atenciosa comigo. Convidou-me para entrar em seu quarto, sentar em sua cama e, depois de responder a todas as perguntas do questionário que eu estava aplicando, quis ficar por mais tempo e compartilhar comigo sua história. Roberta ficou feliz em ser ouvida.

Sempre de calças largas, camisas do tipo “polo”, cabelos bem curtos, Roberta engrossava a voz para falar comigo. Perguntei se preferia que a chamasse pelo seu nome masculino, ela me disse que não. Perguntei essa mesma questão diversas vezes a ela, mas ela confirmava a resposta, explicando que já havíamos nos conhecido através do questionário e usando seu nome de nascimento e que ela optava por utilizar seu nome de escolha apenas quando se apresentava para alguma mulher em quem tinha interesse. Quando fui até a casa de sua família de origem ela fez questão de dar ainda mais ênfase para o fato de que o nome que queria ser chamada ali, naquele contexto de intimidade, deveria ser Roberta.

Depois de um ano que nos conhecíamos, Roberta fez uma conta no Facebook e, neste espaço, ela se apresenta como homem, com seu nome de escolha. No convívio com ela percebi que ela gostaria de ser aceita como homem; era uma reclamação constante sua opção não ser aceita pela família, pelo mercado de trabalho e por todos que a cercam. A vergonha de ser chamada pelo seu nome de escolha está atrelada a este processo de culpabilização que ela passa diariamente. Ela me pediu, no entanto, que a tratasse como mulher. Assim o farei ao longo do texto.

Desde o primeiro dia que conheci Roberta nossa conversa foi muito fluida, tivemos vontade de nos ver mais vezes. Passei, assim, a visitá-la sempre que ia à região e ela passou a me aguardar com ansiedade. Levava comigo algumas comidas, como bolo, seu salgadinho

predileto, do tipo “Fofura”, frutas e compartilhava com ela meus cigarros. Com o tempo, ela fazia suas solicitações: “-semana que vem quero bolo de fubá!”. Roberta gostava de conversar sobre assuntos variados e gostava de andar comigo pelas ruas da região⁶⁵, sempre me contando histórias próprias e das pessoas que conhecia, além de me apresentar a muita gente. Simpática e comunicativa, ela é querida na Cracolândia.

Roberta havia sido casada com um homem, com quem teve dois filhos: Luiza e Gustavo, que são hoje adolescentes. Ela nunca havia fumado crack até completar trinta e cinco anos, quando seu pai faleceu. Roberta era muito próxima de seu pai, o descreve como o amor de sua vida, seu melhor amigo. Ela é próxima de sua mãe, que foi alcoólatra até os sessenta anos, mas nunca manteve com ela uma relação tão próxima quanto a que mantinha com seu pai - segundo ela, o vício de sua mãe a deixava bastante ausente do convívio doméstico.

Para Roberta, a dor de ter perdido seu pai foi tão grande que a sua visão de mundo se transformou a partir de sua morte. Ela passou a olhar para o seu cotidiano a partir dessa dor, deixou de ver sentido e alegria em vivências cotidianas que antes a satisfaziam. Depois de algum tempo, sem conseguir voltar ao que era antes, desejou amortizar seu sentimento de perda, solidão, tristeza e desespero; foi a partir desse momento que ela começou a provar substâncias psicoativas. Começou com cocaína, logo conheceu o crack e se envolveu também com o crime; passou a realizar furtos e foi logo encarcerada.

Na penitenciária conheceu Maria, com quem vive ainda um relacionamento amoroso conflituoso: muitos términos e voltas. Foi também neste ambiente que se identificou como homem pela primeira vez, pois disse-me que assim se tornava mais atraente para sua companheira. Ao sair da penitenciária, viveu algum tempo com ela, que saiu em seguida, e decidiram ter mais um filho. Roberta gerou a criança, mas antes de seu nascimento terminou a relação com Maria, passando a morar com sua mãe. Cuidou de seu filho recém-nascido por poucos meses, mas logo entrou em um cotidiano de consumo de crack intenso e, segundo ela, *abandonando* este convívio com sua família de origem e mudando-se para as ruas da região da Cracolândia em São Paulo.

Quando conheci sua família de origem, a história mais contada pelos seus membros era a deste *abandono* de Felipe, seu filho recém-nascido. Contaram-me repetidas vezes como

⁶⁵ Negra, vestida como homem e com roupas rasgadas e velhas, Roberta sofre com abordagens policiais e olhares preconceituosos quando anda pelas ruas. Lembro-me do dia que me acompanhou para comprar roupas na região do Bom Retiro: estávamos na calçada entre o *fluxo* e as lojas e um carro com quatro policiais pararam do nosso lado, um deles olhou para mim e me perguntou se estava tudo bem. Fiquei surpresa, quase estática e disse que sim. Roberta e eu já éramos amigas. A abordagem, no entanto, nos fez lembrar do abismo que as relações sociais que nos cercam geram entre nós em termos de corporalidades e experiências de vida.

ele costumava dormir enrolando seus dedos nos cabelos de Roberta e como sentiu sua ausência, chorando desesperadamente por muitas noites seguidas quando ela foi embora. Uma irmã adolescente de Roberta assumiu os cuidados com a criança e, hoje, ela fala sobre como ainda tinha vontade de viver experiências que sua idade podia oferecer. Segundo ela, essas experiências foram vividas muito rapidamente, acabando precocemente devido aos cuidados que passou a exercer com seu sobrinho, quem se tornou seu *filho*. Disse-me, por exemplo, que levou diversas vezes o bebê para festas, pois queria conhecer o que era a noite para uma adolescente. Hoje mora com seu marido e Felipe, que a chama de *mãe*. Com Roberta, Felipe não mantém laços maternos, a trata como uma pessoa querida, mas tem pouca intimidade.

Depois de alguns anos morando nas ruas da região da Cracolândia, Roberta começou a fazer parte do projeto “De Braços Abertos”, mas não podia desenvolver o trabalho por eles ofertado, porque tinha dificuldade para movimentar seu braço direito. O problema de saúde começou quando um dia, ao consumir uma pedra de crack de origem duvidosa⁶⁶, perdeu parcial movimentação desta parte do corpo. Mesmo não conseguindo trabalhar nas frentes oferecidas pelo projeto (varrer as ruas da região e trabalhar na horta coletiva), Roberta recebia seu benefício, tinha seu quarto de hotel e seu vale alimentação para comer no Bom Prato⁶⁷.

A rotina de Roberta na Cracolândia costumava perpassar não apenas os meandros de se conseguir a próxima dose de crack, mas também as muitas relações de amizade e relacionamentos eróticos e afetivos com mulheres - que duravam pouco tempo, mas eram frequentes e variados. Muitas vezes eram essas companheiras quem limpavam e organizavam seu quarto no hotel do projeto – reforçando uma relação de masculinidade que a distanciava da domesticidade, geralmente designada ao universo feminino na divisão de trabalho entre casais que conheci na região⁶⁸. Observei Roberta, nessa divisão, sendo responsável por conseguir

⁶⁶ O relato de Roberta não foi o único que ouvi sobre essa origem duvidosa do crack. Algumas pessoas me disseram que, às vezes, na região, chegavam pedras que pareciam ser OX, substância parecida com o crack, mas cuja fumaça tem cor diferente e o seu consumo gera mais perigos à saúde. Ele provocou tuberculose, paralisia e feridas no corpo de alguns de meus interlocutores de pesquisa.

⁶⁷ Rede de restaurantes financiados pelo governo do Estado de São Paulo que serve refeições no café da manhã, almoço e jantar nos valores de R\$ 0.50, R\$ 1.00 e R\$ 1.00, respectivamente. Quando comecei a realizar o trabalho de campo na região da Cracolândia, havia um Bom Prato a cinco metros do *fluxo*, o que facilitava a alimentação para muitos dos usuários que passavam dias em uso contínuo ou, ainda, que estavam doentes. Essa alimentação era fundamental para quem passava dias dormindo ao relento e em condições de muito maltrato físico. Depois que fecharam o estabelecimento eles passaram a precisar realizar uma caminhada de aproximadamente quarenta minutos (ida e volta) para comer, o que fez muitos deles comerem menos, prejudicando a saúde pública local.

⁶⁸ É interessante pensar que, quando Roberta ficava por algum período com a família de origem, ela assumia esse papel de organização doméstica com muito prazer e responsabilidade. Dizia-me ter prazer em deixar o ambiente limpo e organizado para as pessoas que amava: sua mãe e seus filhos. Era esperado e exigido dela, pela sua mãe, filhos e irmãos, que ela de fato cumprisse com esse papel, e nesse ambiente ela não é nunca tratada como homem.

pedras de crack, maconha, cigarros e mesmo comida, por exemplo (exercendo assim um papel de provedor).

Gregori (2000), em seu estudo entre os meninos de rua, fala sobre as simulações de virilidade que observou na então FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), hoje Fundação Casa. A autora discorre sobre a funcionalidade dos “machões” nestes contextos, visto que tais figuras possibilitam que novos núcleos familiares sejam constituídos, pois “não representam mera compensação, mas uma simulação que garante a experiência em que o feminino se realiza” (GREGORI, 2000: 35). A autora fala como tais simulações são corriqueiras também entre as mulheres adultadas em presídios femininos, como foi no caso de Roberta e, a exemplo do que a autora Gregori afirma, Roberta me contou que além de atrair mais mulheres com seu *estilo masculino*, na penitenciária e nas ruas ela era muito bem cuidada pelas mulheres (lavavam suas roupas, cozinhavam para ela, limpavam seu quarto, por exemplo), por ser *machão*.

A experiência de Roberta revela muitos prazeres que teve com sua nova identidade de gênero, especialmente enquanto estava encarcerada e, como fruto das relações que manteve neste período, o mais importante para ela era a que mantém com Maria, que voltou a ser encarcerada e ficou presa por algum tempo. Quando saía por poucos dias de indulto, ela ia até a Cracolândia e se encontravam, mantinham contato. Quando Maria por fim saiu do presídio, procurou Roberta. Mesmo com essa longa história de parceria, desde que conheço Roberta tive a oportunidade de conhecer também algumas de suas companheiras de quarto, com quem, em sua maioria, ela mantinha também relações sexuais e também de troca de cuidados. Vanessa⁶⁹, nesse sentido, foi uma exceção importante, pois mesmo sendo muito amigas não mantinham relações sexuais. Ela era mãe de uma criança de nove meses e com ela Roberta compartilhava a responsabilidade de cuidar do bebê (pretendo falar sobre essa relação ao refletir sobre a maternidade, mais adiante na dissertação, no capítulo quatro).

Rodeada por conhecidos e sempre acompanhada por alguém com quem mantinha relações sexuais, Roberta se sentia sozinha. Esperava ansiosa pela minha visita, gostava de atender e conversar com as assistentes sociais do projeto e buscava estar sempre com alguém por perto. Roberta sabia com quem trocar crack, maconha, cigarro e pinga; nunca a vi brigando com ninguém por se sentir injustiçada com as trocas. Mas ela separava as amizades: havia

⁶⁹ Conversei com Vanessa (vinte e sete anos) apenas um dia, quando fui visitar Roberta e ela não estava. Fiquei com ela e sua filha, bebê, enquanto Roberta não chegava (falarei sobre esse encontro no quarto capítulo desta dissertação). Vanessa estava irritada e desconfiada de mim, conversou pouco. Roberta, depois, me contou que ela estava na região há alguns anos e que desde o começo do programa “De Braços Abertos” era com ela que a divisão do quarto era oficialmente feita, mas que, na prática, Vanessa morou alguns meses com seu namorado, com quem teve a filha mencionada acima. O namorado tinha sido preso há poucas semanas e, por isso, ela voltara a morar com Roberta – com quem tinha uma amizade bem próxima.

algumas pessoas com quem ela trocava cuidados relacionados à saúde e atenção emocional, por exemplo, e algumas com as quais as trocas eram circunscritas a esses bens que a auxiliavam a manter-se resolvida com o desejo de consumir as substâncias das quais tinha necessidade.

Depois de alguns meses de visitas semanais à Roberta, ela começou a relatar o quanto não queria mais estar ali, que já havia visto duas amigas muito queridas, duas pessoas que considerava como *irmãs*, morrerem nas ruas e não queria isso para ela. Uma delas morreu de tuberculose. No dia de sua morte Roberta me contou, muito triste, que há pouco tempo havia encontrado a amiga na rua, deitada, muito doente. Ofereceu ficar com ela, cuidar dela, e assim o fez por algum tempo. Sua amiga disse que a considerava muito e que precisava dela naquele momento, que se sentia melhor só com sua presença. Levava comida, conversavam sobre vários assuntos, mas eventualmente a amiga faleceu. Foi neste período, de grandes perdas - perdas de amigas *irmãs* - que Roberta passou a falar mais sobre sua família de origem e ter mais vontade de visitá-la; foi quando ela me convidou para conhecê-los.

Um dia dos pais especial

Combinamos que eu a buscaria no dia dos pais para conhecermos a sua família. Na manhã combinada, fui até o hotel e me encontrei com ela em seu quarto, onde estava me aguardando. Levei alguns pães e ela pegou para a gente café com leite oferecido pelo estabelecimento e, assim, começamos a falar sobre como foram seus últimos dias. Havia duas semanas que Roberta tinha perdido uma grande amiga, estava bastante abalada. Depois do desabafo sobre a perda, Roberta pegou quase todas as suas roupas para levar para a mãe lavar, bem como um forno elétrico que havia ganhado de um amigo na rua e levaria para a mãe de presente; assim, partimos para a cidade da família.

A forma violenta como perdeu sua amiga, assassinada na rua com uma facada na nuca, sensibilizou Roberta e a fez refletir sobre a vontade de ir embora da região. Ela se dizia cansada de tanta vulnerabilidade, que estava feliz por estar indo visitar a família. Enquanto vivia na Cracolândia, por cerca de seis anos, Roberta recebia eventuais visitas de seus familiares, especialmente de sua sobrinha, que tentavam ajudá-la com o que fosse necessário e levá-la para perto deles. A sobrinha relata que sentia medo, mas que sempre o enfrentava para não perder contato com a tia e, chegando na região, sempre conseguia a encontrar, conversando com outras pessoas e com assistentes sociais que ali trabalham. Roberta também visitava a família eventualmente; sua principal motivação era a saudade e a necessidade de ser cuidada emocional e fisicamente.

Naquele domingo a casa da família de Roberta estava cheia. Percebi, ao longo do dia, que não era apenas por causa da data comemorativa, mas que eles são bem próximos cotidianamente, e que no mesmo terreno há quatro núcleos domésticos da própria família e muitas trocas e convivência entre eles – até porque o espaço é pequeno. Por ser dia dos pais, a única diferença na rotina é que o filho de Claudio, irmão de Roberta, estava visitando o pai (o menino mora com a mãe). Lembro-me que no final do dia, Dona Rosa (mãe de Roberta) se preocupou em encontrar entre as roupas que revende uma camiseta para que o neto desse ao seu filho, e esse foi o marco dos dias dos pais naquele dia.

O almoço parecia ser corriqueiro: macarronada e bife. Levei comigo uma forma grande de bolo de chocolate, o que reuniu a família e me deu a oportunidade de conhecer todos. Eles vivem na grande São Paulo e Roberta sempre manteve contatos esparsos com eles. No mesmo terreno moram duas de suas irmãs, sua sobrinha e sua mãe em casas separadas. Na casa da irmã mais velha, Neide, moram ela e o filho mais velho de Roberta, Gustavo. Na casa da irmã mais nova, Clara, moram ela, o marido e, desde a mais terna infância, o filho mais novo de Roberta: Felipe. Na casa da frente moram a mãe de Roberta, seu irmão Claudio e, até alguns meses de visitas que realizei naquele local, morava a Luiza, filha de Roberta.

O filho mais novo de Roberta não a reconhece como mãe e fica pouco com ela, já o filho mais velho demonstra raiva e a evita. Ele não tem vergonha dela por ela ter morado na Cracolândia, mas sim e, principalmente, por ela se vestir como homem. Disse-me um dia “- não vou convidar minha mãe para ir na minha formatura, mas não é porque ela é *craqueira*, é porque ela vai aparecer por lá como? Vestida de homem? Eu não aceito, morro de vergonha. Se ela dissesse que iria vestida de mulher, tudo bem”. Gustavo é estudioso, faz curso no SENAI e frequenta a igreja Congregação Cristã no Brasil. Ele fala pouco com as pessoas, é sério e sai pouco de casa. A pessoa com quem mais tem proximidade é com a tia, quem paga todas as suas despesas, o alimenta, educa e dá carinho. Neide conta “- ele é quietão mesmo, não fala muito com ninguém, mas às vezes vem perto de mim, deita no meu colo e pede cafuné. Eu quero pagar um curso de inglês logo para ele! Ele é muito inteligente, tem futuro”.

No mesmo terreno da casa da avó, em um quarto separado, mora Alexandre, sobrinho de Roberta, que também consome crack diariamente (e sobre quem fui aconselhada pelos membros da família a tomar cuidado com meus bens, sobretudo minha bolsa, pois tem o hábito de roubar de todos para comprar a substância. Nos guarda-roupas, por exemplo, há cadeados). Em outro quarto separado mora a sobrinha de Roberta e sua filha de dois anos.

Naquele domingo cozinhei com a mãe da Roberta, conversei sobre coisas triviais com todos, perguntei quem era quem, brinquei com as crianças. Depois do almoço eu fui na

casa da Neide e sua filha mais velha estava lá. Elas falaram bastante de Roberta, do quanto sua filha Luiza era revoltada com sua ausência. Bem como o seu filho mais velho, Gustavo. Elas responsabilizaram Roberta pelo abandono, pois aparecia e ia embora quando bem entendia, diziam, sem assumir responsabilidades com os filhos. Observei que falavam tudo na frente da própria Roberta, que apenas se calava e saía de perto, envergonhada. Essa mesma sobrinha de Roberta disse-me repetidas vezes “- a Roberta é sem vergonha. Até essa história de se vestir de homem! Ela gostava de homem, por que não gosta mais? Ela vai para a Cracolândia e fica por lá até ficar doente, aí aparece por aqui, pedindo ajuda! Aí aparece com essas roupas horrorosas, como vai conseguir arrumar emprego assim?”.

Mesmo tecendo comentários com teor tão crítico como esses que expus, sua sobrinha é a pessoa que mais apoia a tia. Ela já acolheu Roberta diversas vezes em sua casa e, de tempos em tempos, era ela quem ia até a Cracolândia visitar e saber como estava a tia. Já cuidou de Roberta quando estava grávida, doente e também já aproveitaram muitos momentos bons juntas; elas têm memórias felizes. Roberta a trata com deferência, silenciando quando a sobrinha fala, mesmo que de forma agressiva. Entre seus familiares, ela sabe de quem recebe apoio incondicional, com quem pode contar sempre, o que não acontece com todos. Uma de suas irmãs sofre violência de seu marido, bem como seus filhos pequenos. Com esse núcleo familiar, por exemplo, Roberta diz não contar. Inclusive já se engajou em confrontos de violência física com o cunhado para proteger o sobrinho pequeno, de quem é próxima e convive bastante quando está com a família de origem (eles moram perto: essa irmã e a sobrinha em casa separadas, mas todos no mesmo município, e se veem com frequência).

Ao final deste dia, ao entrar no carro para retornarmos para a Cracolândia, Roberta disse-me que precisava conversar. Disse-me seriamente que não queria mais aquela vida na Cracolândia, que queria coisas novas, que estava sentindo uma coisa diferente. Quando estava na Cracolândia queria estar com sua família de origem e quando estava com a família, queria estar na Cracolândia. Contou-me também que neste dia sua filha pediu para que ela voltasse, que ficasse com ela, que não queria mais que a mãe ficasse na Cracolândia, porque precisava dela, não queria ficar morando com a avó, onde sentia ter pouca liberdade e se sentia sozinha.

Eu prometi que voltaria dali um mês. Uma semana antes da data marcada, Roberta me mandou mensagem dizendo que queria falar comigo através do celular da sobrinha dela. Ao telefone, contou-me que não tinha mais usado crack e que não queria deixar de fumar, mas que ia fumar só de vez em quando, porque queria mudar as coisas e que ia me esperar lá na casa da família dela na semana seguinte.

Nos meses seguintes Roberta passou a morar em uma casa alugada pela filha. Metade do valor do aluguel era pago pelo dono de um estabelecimento comercial na cidade onde Luiza trabalhava. Para ele a situação era atrativa, visto que Luiza ficaria ainda mais dependente dele (mesmo sendo quase cinquenta anos mais velho e, ela, uma adolescente). Os objetos da casa foram sendo comprados aos poucos, pois Roberta não tinha uma fonte de renda, apenas um valor pequeno que ainda recebia do programa “De Braços Abertos. Às vezes, quando ia buscar o pagamento, ficava na região e acabava por consumir crack, demorando um pouco mais para voltar para casa – motivo de muita angústia e tristeza, que Luiza tentava disfarçar. Havia uma inversão de papéis entre mãe e filha em termos de cuidados e elas sabiam disso e se sentiam incomodadas com a situação. Essa inversão gerava conflitos entre elas, mas para ambas, principalmente Luiza, era uma situação muito melhor do que quando ela estava longe da mãe.

Roberta também conseguia dinheiro lavando os para-brisas de carros no mesmo semáforo onde foi atropelada poucos meses antes e perdeu os dentes da frente, próximo à Cracolândia. A perda dos dentes, a vontade de se vestir como homem e a baixa autoestima eram os principais fatores pelos quais Roberta não procurava um emprego formal e, com isso, se via em uma situação que a angustiava terrivelmente todos os dias: sua dependência da filha que se via naquela situação de assédio do *patrão*. Nas visitas que fiz, era frequente receber a indesejada visita dele na casa, que se sentia muito à vontade, inclusive para mudar o lugar do filtro de água e indicar mudanças nos móveis, por exemplo. Ele estava sempre oferecendo pagar por coisas simples que precisassem, como refrigerante, carvão, algum conserto na casa. Mas estava sempre disposto a cobrar isso de Luiza também.

A cobrança vinha na forma de exigência de carícias e submissão da Luiza com relação a sua avaliação sobre lugares onde iria e com quem iria, ou mesmo como estava vestida. Um relacionamento abusivo. Presenciei essas situações de violência, como no dia que a convidei para ir para praia e ele ficou muito enciumado, quase a impedindo de ir. Percebi que Roberta se preocupava com a filha, mas se sentia confusa, sem saber ao certo se aquilo não seria uma forma de conseguir o que elas queriam e precisavam: ficar juntas e ter o mínimo que julgavam necessário para sobreviver. Era um conflito moral, mas Roberta sempre me afirmava que estava protegendo a filha e que se ele tentasse algo que Luiza não quisesse, ela interferiria. Mas o fato é que, em inúmeras conversas que tive com Luiza, ela sempre deixava claro o quanto tinha nojo daquele homem e o quanto aquilo a afligia, mesmo sabendo dos benefícios que ela tinha por ter essa proximidade com ele. Ou seja, o querer de Luiza não estava de fato regendo as regras por completo.

Luiza aceitou essa situação porque não queria mais viver com a avó, queria poder sair, namorar, fumar e beber, por exemplo (o que deixou de ser controlado e vigiado pela avó e passou a ser pelo *patrão*). Além disso, ela disse-me muitas vezes que sentia falta de sua mãe, de tê-la por perto para conversar. Roberta me contou, por exemplo, que quando passaram a morar juntas Luiza frequentemente ia até sua cama só para ficar por perto, sentir seu cheiro. Essa é, entretanto, apenas uma das facetas dessa relação do convívio doméstico de ambas, pois observei que Luiza exigia que sua mãe fizesse tudo que ela quisesse e em seu tempo, como buscar alimentos no mercado, cozinhar e limpar a casa. Ela também exigia que Roberta prestasse atenção em suas necessidades afetivas e físicas, que sempre surgiam em meio às suas experiências da adolescência. Conversando com Luiza, ela me dizia que essa era a forma que encontrava de extravasar a raiva que sentia pelo abandono da mãe e por ter que resolver a situação da moradia e as finanças pelas duas, como se ela fosse a mãe e Roberta a filha.

Roberta frequentava bastante a casa da mãe e da sobrinha; é uma família bastante unida. Diferentemente de muitos de meus interlocutores de pesquisa, Roberta nunca foi expulsa de casa, pelo contrário, era sempre bem acolhida quando queria voltar e seus familiares a estimulavam a ficar e não voltar para a Cracolândia. Seu convívio com a mãe, irmãos, filhos e sobrinhos, quando ela mudou para perto, passou a ser diário. Ela se entendia com todos, menos com seu cunhado que agredia seus sobrinhos.

Ali ela continuou vestindo suas calças largas e camisas “polo”, bem como cortando curto seus cabelos; se sentia com isso, entretanto, todo o tempo confrontada pela família por sua identificação de gênero. Em alguns aspectos ela assumia um papel que ela mesma descrevia como masculino, como o confronto físico que teve com seu cunhado. Mesmo em meio a esses conflitos de não aceitação da família e da dificuldade em lidar com a abstinência pelo crack, Roberta se sentia feliz por estar perto deles e estava tentando se encontrar nesse novo cotidiano. Ela estava tentando, principalmente, achar um meio de conseguir manter-se a si e a Luiza com seus próprios meios financeiros. Conseguiu arrumar os dentes, cuidar do corpo e estava tentando enfrentar o medo de pedir emprego em um mercado de trabalho preconceituoso com pessoas transgênero.

Durante os meses que ficou morando com a filha, acompanhei Roberta até a Cracolândia um dia para pegarmos uma doação de cesta básica que ela receberia de um fundo religioso da região. Durante a visita à Cracolândia, ela procurou algumas pessoas para saber como estavam, contar suas novidades, saber se precisavam de algo dela. Ao final da visita disse-me que não estava sentido falta do ambiente, do cheiro, do consumo de crack. Ela quis ficar pouco, falou com poucos conhecidos. Em minhas visitas à sua casa nova com a filha, ouvi

diversas vezes Roberta falar sobre as pessoas queridas da Cracolândia. Às vezes ela sentia saudades, mas nunca fazia questão de manter contato. Era mais uma relação de carinho e memórias, não sentia a necessidade de vínculo ou proximidade não estando naquele contexto.

A única pessoa com quem Roberta dizia ter vontade de se reaproximar, de ficar perto, era Maria, sua companheira que ainda estava encarcerada. Quando ela saiu do presídio, procurou Roberta, que já estava com muita dificuldade em lidar com a inversão de papéis com a filha, que também estava cansada com a situação e acabou por pedir demissão do emprego. Roberta foi morar com Maria e, com isso, seu convívio com a família de origem foi novamente breve – durou cerca de nove meses. Luiza devolveu a casa e não quis voltar para a casa da avó, foi morar com a madrinha, mas sentiu-se muito abandonada, sentiu como se fosse um transtorno para a família hospedeira; sentiu-se fora do lugar e, pior, sem lugar.

As famílias de Roberta

A família de origem tem papel fundamental para Roberta por ser sempre um possível ponto de retorno, uma “moradia intermitente”. Quando se sente desamparada, sozinha, com medo de morrer ou sem condições físicas de continuar em sua caminhada, ela procura quem nunca a recusou abrigo: sua mãe, suas irmãs, sua sobrinha, sua filha. Esses vínculos dão a ela segurança, a confortam. O convívio com eles, no entanto, exige dela um cotidiano que não abarca o consumo de crack, tampouco o convívio com pessoas com quem costumeiramente vivia próxima na Cracolândia – amizades, relacionamentos amorosos e sexuais, por exemplo.

No cotidiano com sua família ela se sentia mais saudável, porque se alimentava melhor, usava menos álcool, crack e até cigarros; mas se sentia entediada, por exemplo, porque não tinha tantas atividades diárias e pessoas com quem conversar como na Cracolândia, onde passava todo o dia caminhando e experimentando diferentes relações com as pessoas e com o próprio centro da cidade de São Paulo. Preocupava-se ali com questões que não lhe incomodavam tanto enquanto estava na Cracolândia: emprego, limpeza da casa, abstinência, saúde, aparência, por exemplo. Além disso, a não aceitação de sua identificação de gênero também marcava seu cotidiano com a família, o que a deixava muito triste e angustiada, pois sabia que não poderia, nesse quesito, atender sua família – disse-me que não conseguia se imaginar vestindo roupas de mulher mais, isso a atormentava só de imaginar.

Quando estava na Cracolândia queria estar com sua família de origem e quando estava com a família, queria estar na Cracolândia – disse-me ela. Esse era a ponderação que ela estava sempre fazendo: avaliando os benefícios físicos, emocionais e mesmo morais de estar

neste convívio com a família e as dificuldades que essa relação trazia. Sentia-se feliz por estar com sua filha, por estar se cuidando; mas todos os dias, desabafou comigo, quando ia ao banheiro para suas necessidades matinais, passava ali quase duas horas refletindo sobre os transtornos que estava causando na vida de Luiza. Pensava também, sem esperança, que não conseguiria um emprego - por pouca experiência e qualificação, mas, principalmente, por não acreditar que seria aceita como homem transgênero no mercado de trabalho – o que sua família dizia a ela com frequência, incentivando que ela fosse entregar currículos vestida com roupas femininas. Achava que não conseguiria manter uma casa, tampouco conseguiria atender as expectativas da família, queria ser aceita como era. Concomitantemente a essas angústias, Roberta sentia vontade de usar crack, de ter encontros casuais com mulheres (como tinha na Cracolândia) ou de se aproximar de Maria de forma definitiva, tranquila e duradoura.

Na obra *Viração* (2000), de Gregori, a autora reflete sobre a autobiografia de Herzer (1982), cujas angústias com relação a identidade de gênero se assemelham as de Roberta. A virilidade adotada por elas era acolhida e fazia sentido na FEBEM, na penitenciária e na rua, mas em outros contextos gerou conflitos e as tornou foco de intolerância, as deixando “fora de lugar”. No caso de Herzer, “a menoridade e os muros fechados da instituição permitiam que Sandra simulasse, ocupando uma posição que lhe garantia algum reconhecimento. Era, sobretudo, o espaço para o qual transferiu sua necessidade de se sentir ‘em família’: um pouco o ‘homem’ da casa, um pouco a ‘filha’ que precisa de apoio e, também, de castigos. A posição que ocupava tinha, inegavelmente, esta ambiguidade, de gozar de alguma autoridade e de ainda necessitar de cuidados” (GREGORI. 2000: 43). É também desta ambiguidade que se trata a angústia e dúvida que Roberta tem quanto a onde deve ficar, onde é sua casa, sua família. Sua simulação diária de virilidade resulta em consequências já descritas por Gregori (2000: 43): “ela pode convencer, tirando da imagem simulada a sua qualidade viradora. Até porque a imagem não é uma mera atuação estilística, e sim algo que conduz a um comportamento concreto, que traz resultados tangíveis – como a imputação de responsabilidades e outras consequências que podem ser extremamente danosas.”

Como de fato aconteceu, essas questões todas a faziam desejar ir embora, deixar tudo para traz novamente. O convívio descontinuado é angustiante para todas as partes, especialmente para Luiza, uma adolescente, com quem estou sempre em contato. Percebo a angústia e a solidão provocadas pela falta que sente de um ambiente seguro e prazeroso onde seja acolhida. Para Roberta, esse abandono gerava um sentimento de culpa enorme, o que a fazia querer abandonar também a si mesma, cuidando menos do próprio corpo, da saúde, consumindo mais crack, álcool, cigarros.

A outra família de Roberta é constituída de suas companheiras de rua, especialmente aquelas amigas com quem ela trocou cuidados, carinhos e convívio doméstico durante sua circulação pela Cracolândia. Essa família tem um significado diferente da primeira, pois não se trata de um ponto de retorno permanente, inclusive muitas delas já faleceram. A substância que as conecta não é o sangue, mas sim esses cuidados diários, as conversas, os desabafos, o alimento, a atenção quando alguém está doente. Essa conexão é, no entanto, circunscrita àquela experiência; quando Roberta não estava consumindo crack, quando estava longe dali ou desejando algo diferente, ela guardava essas conexões na memória, com carinho, mas não procurava a reaproximação ou o contato com as companheiras.

Com Maria tudo é diferente. Ela e Roberta já não estão mais morando juntas, mas são dez anos de idas e vindas em um relacionamento que está sempre se projetando como uma união estável, um núcleo doméstico familiar. Relação essa que, como muitos casais, nem sempre se concretiza na vida cotidiana, causando conflitos, afastamentos e influenciando a circulação de Roberta pela cidade.

2 Marilene

Também conheci Marilene porque ela fazia parte da minha lista dos questionários que fui solicitada a aplicar para a pesquisa sobre o programa “De Braços Abertos” (2016). Passei alguns dias perguntando por ela às assistentes sociais que trabalhavam para o programa, bem como visitei o hotel onde ela estava alojada, até encontrá-la na rua, em meio a uma multidão. A reconheci através da identificação que fiz de seus traços físicos que as assistentes sociais e o dono do hotel me haviam descrito; para essa descrição e os possíveis locais onde eu poderia encontrá-la pude contar também com a ajuda de pessoas com quem ia falando na rua (é esse o processo que familiares costumavam também passar até encontrar a pessoa que procuram por ali).

Ela trabalhava para o comércio de drogas na região, tinha uma *barraquinha no fluxo*⁷⁰. Segundo ela, vendia para poder consumir crack na quantia que ela desejasse sem precisar se prostituir. Nunca vi Marilene sem estar sob efeito do crack ou, ao menos, em um estado em que se mostrava muito ansiosa pela próxima dose. Com o olhar que vagueava ao seu redor, Marilene estava sempre pronta a me atender com doçura e atenção, mas também sempre atenta a quem a rodeava, sempre com medo do que poderia estar acontecendo por perto.

⁷⁰ Termo êmico para denominar pontos de venda de crack e outras substâncias psicoativas no *fluxo*.

A minha intimidade com Marilene aumentou quando pedi a ela que me prestasse o serviço de sua massagem, pois ela me contou ter feito curso e trabalhado com isso antes de morar na Cracolândia. No dia em que combinamos o serviço, me encontrei com Marilene, que me contou ter limpadado seu quarto do hotel para me receber. Fomos até lá, ela preparou o seu cachimbo, fumou, ligou seu rádio com músicas do Raul Seixas e começou a me massagear. Ela me mostrou o creme de massagens que conseguiu comprar no *fluxo* para me atender. Disse-me que uma terapeuta estava *desandada*⁷¹ e vendeu a ela por apenas cinco reais.

Durante a massagem, contou-me sobre sua família de origem, pois lembrou de quando massageava os pés de sua mãe, o que ajudava a diminuir suas dores e o inchaço. Com lágrimas nos olhos, Marilene contou que esses momentos eram muito importantes para ela, porque ela tem um amor infinito pela mãe e as massagens eram uma forma de aliviar a culpa que sentia por consumir crack e, eventualmente, ser agressiva e vender objetos da família. Falou-me sobre a saudade que sente do convívio com a mãe, mesmo se sentindo conectada com ela de forma espiritual: “-poucos dias antes do meu último aniversário eu estava andando na rua e pensando na minha mãe na Bahia e o quanto eu estava com saudade dela e dos meus filhos. Aí eu encontrei esse chaveiro (apontou para ele em cima da cômoda, em um lugar de destaque), ele é de uma santa com o mesmo nome da minha mãe, acredita?”

Marilene tem dois filhos, um está morando com sua mãe e o outro com sua sogra na Bahia. Falou sobre eles com grande pesar, decorrente da percepção da distância. Disse que não gosta sequer de falar sobre isso, mas que sente muita falta deles. Disse-me que eventualmente liga para sua mãe e que a melhor parte dessa relação é o fato de que ela a ouve, cuida dela em termos emocionais. Ela disse que sua mãe ainda é alguém com quem ela pode contar sempre, mesmo não tendo como vê-la pessoalmente com facilidade. Como sua família é da Bahia, ela nunca recebe visitas e nunca pode visitá-los, por questões financeiras. Percebi que essa distância não elimina a importância afetiva que ela dá para sua família de origem, mas, segundo ela, por causa deste distanciamento, Marilene constituiu também uma outra família nas ruas da região.

Falou-me, por exemplo, de uma parceira que ela considera como *irmã*. As vi juntas diversas vezes vendendo roupas no *fluxo* e trabalhando com o comércio de drogas. Marilene me disse que se apoiam quando ficam doentes e quando entram em conflito com terceiros. Além desta companheira, Marilene falava sempre de sua *mãe* de rua. Ao longo do tempo fui percebendo que foi ela quem a inseriu em relações com o Primeiro Comando da Capital (PCC)

⁷¹ Termoêmico para denominar os dias que se passa fumando crack, geralmente vendendo os próprios bens, os bens da família, ou encontrando formas de conseguir dinheiro para a próxima dose.

e quem providencia a ela os produtos para comercializar em sua *barraquinha* de comércio de drogas.

Em certa ocasião, Marilene me apresentou sua *mãe* na rua. Abraçando-a disse-me: “- essa foi quem me deu um rumo aqui, antes dela eu ficava jogada por aí, sempre doente, na rua, magra. Agora estou me cuidando mais, ela me ajuda, me dá remédio, cuida de mim!”. Mesmo com todo este relato de cuidados, Marilene me revelou dias depois que estava com muito medo do que sua *mãe* faria com ela, pois ela tinha consumido algumas das pedras de crack que venderia e não tinha dinheiro para pagar. Estava desesperada, não conseguia pensar em outra coisa, passou o dia perambulando e tentado resolver a situação. Disse-me que poderia apanhar, ser excluída do comércio de drogas, ser abandonada pela *mãe*. Ou seja, tratava-se de uma relação de cuidado permeado por deveres e obrigações, diferente do que ela havia me demonstrado ter com sua mãe que morava na Bahia, em quem sempre podia confiar e com quem podia sempre contar, mesmo não agindo sempre como ela esperava.

Em alguns momentos Marilene me disse também não poder contar com ninguém, principalmente no dia em que havia consumido a mercadoria que deveria ter vendido. Ela sentia-se sozinha mesmo quando estava acompanhada de pessoas com quem trocava cuidados, como sua *irmã de rua* – ela dizia saber que esses cuidados são limitados, que sua amiga poderia não poder ajudar por estar envolvida com seus próprios problemas ou, ainda, por não ter dinheiro, como foi no caso do dia que consumiu o crack que não podia ter consumido. Mas havia dias em que ela estava mais feliz, mais otimista, em que acreditava em poder de fato contar com algumas pessoas daquele cotidiano. A sua relação de confiança com as pessoas estava atrelada a alguns fatores: o quanto havia consumido crack por aqueles dias (visto que a substância pode gerar ansiedade, paranoia e angústia), se havia entrado em algum conflito com alguém ou simplesmente se estava se sentindo bem emocionalmente. Marilene disse algo que ilustra muito a lógica das conexões que se fazem naquele contexto: “- eu procuro tratar todo mundo bem quando eu consigo, quando eu dou conta, porque a gente sempre pode precisar de alguém, a gente nunca sabe o que vai acontecer ali na esquina”.

A nomenclatura de família empregada a partir do crime, no âmbito de atuação do PCC, é permeada por relações de poder que ficam evidentes quando deveres e obrigações não são cumpridos – visto que quem os determina está em grau mais elevado na hierarquia do crime organizado. *Mãe e pai* são comumente empregados para descrever pessoas que inserem o indivíduo no crime, por exemplo, e, com eles, há sempre uma “dívida”. Assim, carregam uma carga para além do afeto, do cuidado e do acolhimento. As trocas desses bens imateriais, bem

como das próprias substâncias psicoativas entre eles estão imbricadas em uma relação de poder: alguém as cede, enquanto o outro precisa ficar atento para não perder o status de protegido, de merecedor da conexão.

Lembro-me, por exemplo, do dia que conheci um dos chefes do comércio de drogas no *fluxo*; bem vestido, se aproximou de mim de forma arrogante e pretenciosa, perguntou-me quem eu era, o que fazia ali e, depois que eu falei, disse-me que já sabia. Elogiou meus traços físicos, me perguntou um pouco sobre seu trabalho ali e sobre seus bens e vida fora daquele território. Enquanto conversávamos, vários usuários se aproximaram e, conforme ele os dispensava com simpatia, dizia-me como a sua relação com eles era também de proteção e cuidado (mesmo sendo o fornecedor da mercadoria a partir da qual são geradas muitas de suas vulnerabilidades). Durante esses minutos que ficou comigo, por exemplo, aplicou um remédio no ouvido de uma usuária que reclamou estar com dor há dias por estar dormindo ao relento no frio e não estar se alimentando bem – atitude da qual ele se demonstrou muito orgulhoso, dizendo-me que andava sempre com esse tipo de remédio no bolso, para o caso de alguém o pedir esse tipo de ajuda.

Conheci um outro rapaz, Maurício, que dormia nas ruas do centro de São Paulo. Um dia, uma moça chamada Adriana o viu naquela situação e disse que poderia ajudá-lo. Levou o rapaz para a região da Cracolândia e ofereceu para ele um trabalho com comércio de drogas e, a partir daí, Maurício diz ter começado a viver melhor, ter lugar para dormir, tomar banho, conseguir comida e drogas para usar. Adriana sempre cuidou dele quando precisava, como quando ficava doente ou estava mal por alguma razão – e o cuidado era recíproco. Quando ela foi presa, era com ele que ela optava por fazer contato, solicitava a ele que conseguisse dinheiro com o namorado que ela havia deixado nas ruas. A proximidade entre eles era tão grande e tão duradoura (já fazia mais de dez anos que se conheciam), que este companheiro dela pediu ordem para os líderes organizadores do PCC para matar Maurício, permissão essa que não foi concedida, pois todos conheciam o grande vínculo entre ele e Adriana. Ele chamava Adriana de *irmã*.

As relações que se dão a partir ou através do PCC não são homogêneas, como tento demonstrar acima. Mas os movimentos da organização do PCC propiciam também troca de cuidados e substâncias psicoativas a partir das quais algumas conexões importantes se dão, bem como para as quais são utilizados termos próprios da nomenclatura de parentesco.

A noção de família, como tento demonstrar, foi significada de diversas formas e designou maneiras diferentes de relacionamentos: ora revelada como fundamental na

manutenção da vida cotidiana, ora como desnecessária e mesmo fonte de ódio e rancor, como quando falo sobre Oseias (quem conheci no albergue da prefeitura de Campinas). Conheci também Fernando na região da Cracolândia, por exemplo, que confia mais em seu cachorro, protegendo e trocando com ele mais carinhos e lhe dando mais cuidados do que com qualquer outra pessoa que conheça – designando o animal de seu *filho*. Consciente da amplitude do tema, pretendo apenas ilustrar, com o espaço e tempo concedido pelo programa de Mestrado, algumas das formas criativas e criadoras que observei entre indivíduos ao significarem a noção de família em seus cotidianos.

Capítulo IV

Maternidade e consumo de crack: a criação dos filhos e o medo do distanciamento.

A prática nas redes de atendimento e proteção e mesmo no judiciário, tem mostrado que as famílias, em especial as mães, são vistas como violadoras dos direitos das crianças, grosso modo, por serem usuárias de drogas e/ou estarem em situação de rua. A solução seria, nessa perspectiva, o afastamento de genitoras e bebês para a proteção do melhor interesse das crianças. Contudo, essa construção vai contra o ordenamento jurídico brasileiro, e tem como substrato a polarização de direitos que, sob o prisma deste relatório, não deveria existir. Assim, ao descrever alguns dos direitos em questão, à luz de nosso ordenamento jurídico, buscamos fortalecer a compreensão de que não há dicotomia entre direitos, mas, sim, a necessidade do cuidado e da proteção de crianças e famílias conjuntamente. (GOMES et al., 2017: 75)

A gravidez é vivenciada no corpo, na mente e nas emoções de quem gera um bebê, mas as expectativas e ansiedade ao longo desta espera é também vivenciada por parentes e amigos. A forma como a futura mãe optará por se alimentar, os esforços físicos que ela fará, como vai dormir, por exemplo, são ações que passam a ser vigiadas pelos que a acompanham nesta espera.

Além dos que estão emocionalmente ou legalmente vinculados à nova vida, há também aparatos públicos que vigiam e controlam a chegada de bebês ao mundo: o Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente⁷². O Estado se faz presente desde que a gravidez é descoberta; mesmo a decisão de levar adiante o advento está prevista na lei, não na decisão da mulher – visto que o aborto ainda é ilegal no Brasil. Nas consultas pré-natais nos postinhos de saúde, depois no hospital onde a mulher é recebida para o trabalho de parto, há o cuidado e controle através da assistência social, que julga a capacidade da mãe e de sua família para receber seu filho ao mundo.

Se, enquanto grávida, a mulher é o foco da vigília e dos cuidados por carregar em si uma vida, quando o bebê nasce o cuidado é direcionado a ele, mas a vigília permanece sobre as mães. Delas é esperado que se atentem aos cuidados com as roupas, a saúde, a higiene, a

⁷² “O Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente é formado pela integração e a articulação entre o Estado, as famílias e a sociedade civil como um todo, para garantir que a lei seja cumprida, que as conquistas do ECA e da Constituição de 1988 (no seu Artigo 227) não sejam letra morta. De forma articulada e sincrônica, o SGDCA estrutura-se em três grandes eixos estratégicos de atuação: **Defesa, Promoção e Controle**. Essa divisão nos ajuda a entender em quais campos age cada ator envolvido e assim podemos cobrar de nossos representantes suas responsabilidades, assim como entender as nossas como cidadãos dentro do Sistema.” Fonte: < <http://fundacaotelefonica.org.br/promeninotrabalho infantil/sistema-de-garantia-dca/>>, acesso em 13 de janeiro de 2018.

alimentação, ao bem-estar e a vida do bebê; são constantemente questionadas pelos familiares, pelos conhecidos e mesmo desconhecidos sobre o quão bem estão desempenhando seus papéis. Críticas disfarçadas de conselhos e conselhos indesejáveis são constantes ao longo da maternidade. Esses são temas dos quais hoje falam a respeito *youtubers*, grupos de apoio a maternidade e grupos de mães no *facebook*, por exemplo – o que fornece uma mostra do tipo de prevalência e influência que determinados coletivos têm em relação à uma espécie de moral em torno da maternidade⁷³. Entretanto, novas gerações de mães questionam o lugar dos pais na divisão de tantas responsabilidades, bem como questionam a forma como são pressionadas e supervisionadas por diversos setores da sociedade.

Este é um dos temas do trabalho da antropóloga Mariana Pulhez (2015) que, através do estudo de um blog sobre maternidade, revela novos caminhos trilhados por mães que repensam o parto e a criação de seus filhos. Em seu trabalho, a autora nos revela as reivindicações de uma maternidade que busca um meio doméstico em que haja divisão de tarefas e não a sobrecarga sobre o gênero feminino: “isso parece refletir em parte a ética do casal igualitário, o qual não busca encontrar diferenças na divisão dos papéis quando se trata do mundo doméstico” (p.156). A *maternidade ativa* é tema da dissertação da autora e ela, sem circunscrever o seu sentido, nos aponta para seus três elementos centrais: o ideal de felicidade atrelado à maternidade, o ideal de conjugalidade que mencionei acima e a possibilidade de escolhas - o que se contrapõe às muitas influências que essas mães recebem do universo extra-domiciliar.

A maternidade é um evento público. Este é o tema discutido por Martine Ségalen em sua obra “A quem pertencem as crianças?”⁷⁴ (2010), em que faz um levantamento histórico sobre o lugar das crianças nas famílias e na sociedade. Seus apontamentos nos revelam que na França (cujos fatos podem ser também observados a grosso modo em todo o Ocidente), a partir da industrialização em massa e a necessidade de mão de obra, o Estado passou a ter maior influência na alocação, proteção, educação e criação das crianças nascidas (em 1945, por exemplo, houve a criação de leis de proteção às crianças).

A preocupação do Estado com as crianças foi além do controle de natalidade (ora pela percepção da necessidade de maior número de pessoas disponíveis para mão de obra, ora pela tentativa de controlar a quantidade de pessoas consumindo o que o planeta tem a oferecer – ideias malthusianas que parecem ainda operar na lógica oficiosa do Estado), mas também as

⁷³ Exemplos: Hel Mother: https://www.youtube.com/channel/UC8t_vJsGzOERkFdanDKTDhw. Grupo Bem Gerar: <https://www.facebook.com/BemGerar>. Links acessados em 01 de fevereiro de 2018.

⁷⁴ Título original: “A qui appartiennent les enfants?”.

tornando sujeitos de direito, cujo marco importante neste processo foi a Convenção Internacional do Direitos das Criança, organizado pela ONU em 1989. O que antes ficava a cargo dos pais e da família estendida: educação, alimentação, cuidado, criação de suas crianças, por exemplo, passa a ter supervisão do Estado, cujo aparato legal exerce função “protetora” das crianças e atua separando-as de sua família em casos que esse mesmo Estado julgue necessário. O Estatuto da Criança e Adolescente, nesse sentido, pode ser considerado um desdobramento dessa nova percepção histórica.

Esta pesquisa me colocou diversas vezes frente à tríade de vigilância e cuidado: família – Estado - indivíduo que consome crack, o que fora exposto ao longo da dissertação através de narrativas familiares e relações institucionais. Foi pensando como a interação entre esses agentes é fundamental na compreensão do tema desta dissertação que trago neste capítulo a maternidade, visto que essa tem o potencial de melhor evidenciar e problematizar essas relações e os conflitos que delas provêm. A família de origem, a família que se constitui em contextos de uso de crack e o Estado estão presentes em todas as narrativas que ouvi. A maternidade, por se tratar de um evento público (e essa em situação de rua é ainda mais pública), os coloca todos em comunicação e, muito frequentemente, em conflito.

É habitual entre mães os desabafos sobre como estão cansadas com a realidade da maternidade, que exige privação de sono, é acompanhada por dificuldades com a amamentação, bem como demanda cuidados físicos e emocionais em relação aos filhos e mesmo com a casa, além de frequentemente ser experienciada com a falta de colaboração do parceiro e, adicionadas a essa miscelânea de eventos em meio a alterações hormonais pós-parto, estão as críticas, as sugestões, os olhares de terceiros. E não é apenas durante o pós-parto, quando tudo isso é mais intenso, que é possível observar o julgamento das atitudes maternas: esse controle moral parece seguir por toda a vida. As mães são muito cobradas pela qualidade de seus cuidados com seus filhos. Nas vidas de mães que lidam com o consumo de crack⁷⁵ essas dificuldades são ainda mais intensas e elas são muito mais observadas, pois estão sob o jugo de como agenciam seu consumo de crack e como através dele sofrem alterações químicas e psíquicas no próprio corpo, que podem lhes causar dependência. Para elas, há uma dificuldade ainda maior em enfrentar os padrões esperado dos cuidados com seus próprios filhos.

Se ao longo da dissertação tentei expor as relações de pessoas que consomem crack com suas famílias de origem e como essa noção se atualiza no contexto de uso, neste capítulo

⁷⁵ Segundo pesquisa da Datafolha em 2012, 90% das mulheres pesquisadas vivendo e consumindo crack na região da Cracolândia paulistana eram mães. Fonte: <<http://coletivodar.org/viciados-da-cracolandia-sao-os-excluidos-dos-excluidos/>>. Acesso em outubro de 2017.

volto o olhar para as mulheres mães que estão na busca de um convívio mais harmonioso com seus filhos (mãe que, para tanto, frequentemente dependem de suas famílias de origem) e com as pessoas que vigiam como estão desempenhando seus papéis de mãe, bem como para o Estado – encarado, entre as diversas formas como é percebido e imaginado, no contexto da maternidade em situações como as que pesquisei, como perigo constante de possível separação entre as mães e seus filhos.

Anjos na Cracolândia

Em um dos meus dias de trabalho de campo, chegando à região da Cracolândia em São Paulo, procurei pelas pessoas com quem eu já tinha uma relação mais íntima; entre elas, a mais importante e quem nunca deixei de procurar: a Roberta. Em 2015 ela estava morando em um dos hotéis onde lhe foi fornecida moradia pelo programa “De Braços Abertos” da prefeitura de São Paulo. Este, especificamente, ficava na rua do *fluxo* e de sua janela podíamos ver todo o movimento. O espaço era apertado, com uma cama só, mas ela sempre o dividia com outras mulheres. A escolha de quem eram essas companheiras de quarto dependia da aprovação das assistentes sociais do programa, mas era, fundamentalmente, fruto de negociações entre elas – ou seja, Roberta escolhia uma companhia que lhe agradasse, fosse por manter relações sexuais com ela ou por cultivar pela companhia algum tipo de carinho e cuidado.

Quando bati à porta de Roberta neste dia, quem me recebeu foi Vanessa (vinte e sete anos) e sua filha Marcela no colo (sete meses). Perguntei sorrindo à Vanessa por onde andava Roberta, ao que ela me respondeu rispidamente que não sabia. Eu me apresentei, disse que era uma pesquisadora e amiga da Roberta e que costumava ir semanalmente até a casa dela para uma visita. Vanessa olhou desconfiada, com a porta entreaberta, e disse que a Roberta não estava, mas que logo voltava. Perguntei se poderia esperar por lá, contei que naquele dia específico eu havia levado torta, que ainda estava quente, para celebrarmos a vida com comida gostosa. Ela aceitou.

O quarto de Roberta, diferente de outras visitas, tinha bastante lixo espalhado pelo chão, restos de comida, bitucas de cigarros, garrafas vazias. A Vanessa não falou muita coisa, mas deixou o rosto mais leve e sorridente com o passar dos minutos e das minhas palavras que demonstravam profundo carinho pela Roberta e respeito pelas suas escolhas e sua vida pessoal. Também falei pouco, mas observei, encantada (porque adoro crianças), a Marcela. Uma criança gorda, linda, que estava calma e curiosa com tudo ao seu redor. Movia-se pelo chão, entre os objetos, colocava alguns na boca.

Coloquei a torta quente em cima da cama e conversei sobre qualquer assunto que teve pouca importância para Vanessa e para mim. Percebi que ela passou a ficar mais desconfortável, então achei melhor comer e silenciar um pouco. Passei a interagir com a Marcela e percebi que quanto mais eu me interessava pela criança, mais a mãe demonstrava irritabilidade com tudo ao nosso redor e mais ela se aproximava da menina. Comecei a perceber que a atenção que eu dava à Marcela fazia com que a Vanessa ficasse desconfortável. Quando adverti o fato de que a menina estava colocando um sabonete velho, que pegara do chão, na boca, Vanessa pegou a criança no colo e começou a dar torta para ela, colocando pedaços grandes, que tinha que empurrar para dentro da boca da criança. Em seguida, procurou algo líquido para dar à filha, que estava tendo dificuldade para engolir a comida.

Vanessa, inquieta, disse-me que estava cansada de ficar no quarto, queria ir fazer “uns corres”. Esses “corres” diziam respeito aos movimentos para conseguir comida e o que fosse necessário no momento, como cigarros, crack, etc. Ela aguardava pela chegada de Roberta, pois com ela, segundo Vanessa, vinha a esperança de uma pedra de crack ou, pelo menos, um *baseado*⁷⁶. Sua agitação e irritabilidade estavam também vinculadas ao seu momento de fissura.

Ficamos mais um pouco ali, juntas, ela chamando a atenção de Marcela por qualquer coisa que fizesse – mesmo querer se aproximar de mim em alguns momentos. A tarde quente de sol, o quarto todo bagunçado e o barulho intenso que vinha de fora eram elementos que estavam sendo vividos por nós três; mas algo era próprio da experiência da Vanessa. Identifiquei nela comportamentos que foram recorrentes em minhas observações com outros interlocutores de pesquisa na hora que queriam consumir crack. Percebi, por exemplo, agitação quando ela olhava repetidas vezes pela janela esperando por Roberta, o fato de não ter sorrido ou tentado engajar em uma conversa comigo e, acima de tudo, por ter repetido diversas vezes o fato de que Roberta já ia chegar (implicitamente dizendo que com ela viria a substância). Me senti invadindo sua angústia. Ela confirmou minhas impressões ao afirmar que não estava bem, que estava ansiosa para sair dali. Seu olhar - que vagava pelo espaço - ora transparecia raiva, ora tristeza, e até medo.

A maternidade, para Vanessa, não espelhava o que se propaga em revistas sobre o tema. O quarto de Marcela não era o quarto dos sonhos, ela sequer tinha um. Não havia trocador, banheira, berço, móvel, muitas roupas, brinquedos caros e todas coisas mais que são tão “necessárias” para as gestantes e mães de recém-nascidos, especialmente os de classe média.

⁷⁶ Termo êmico para nominar o cigarro de maconha.

Havia, sim, vulnerabilidades: econômica, psicológica, física. O ambiente não era confortável, não era agradável. Não estava limpo, tampouco organizado ou arejado. Vanessa me disse estar sem nenhum dinheiro, não vi estoque de comida, não vi estoque de fraldas, nem de leite artificial (ela me contou que não conseguiu amamentar porque tinha medo de prejudicar a saúde da filha, por consumir substâncias psicoativas⁷⁷). Vanessa já não tinha mais contato com a família de origem e havia perdido a guarda de seus filhos mais velhos, que estavam em casas de acolhimento e um deles havia falecido ainda bebê.

O pai de Marcela estava encarcerado, havia sido julgado e preso poucos meses antes do nascimento da filha. A rede de apoio de Vanessa consistia da própria Roberta e as pessoas conhecidas da rua, outros usuários e comerciantes de drogas do local. Em outra ocasião Roberta me contou que várias pessoas gostavam da Vanessa e da Marcela e que as ajudavam com alimentos, fraldas e mesmo tomando a menina da mãe quando ela passava as madrugadas nas ruas buscando formas de conseguir a próxima pedra de crack. Roberta mesmo me contou ter levado a criança para o hotel diversas vezes quando, de madrugada, a mãe não conseguia sair do ciclo do consumo.

Naquela tarde Vanessa não estava irritada apenas porque queria sair daquele ambiente, ir para rua e deixar de estar “careta”⁷⁸, mas também porque imaginara acusações de fracasso vindas de mim. Uma delas ficou bem evidente quando eu aponte para o fato de que a criança estava colocando lixo na boca e ela, a partir de então, passou a me tratar com mais frieza e com a Marcela agiu de forma mais brusca, não a deixando se movimentar e exigindo que ela ficasse parada em seu colo comendo a torta. Ela quis me mostrar que ela era a mãe, e que estava muito atenta com sua filha. O ambiente, a paisagem da janela (que era o próprio *fluxo* na Cracolândia) e sua inquietação em conseguir a próxima dose de crack também faziam parte de um contexto no qual ela se sentia impotente frente às suas emoções e necessidades físicas vinculadas às suas vulnerabilidades materiais e desejo de consumir a substância. A irritação foi para mim apenas um dos indicativos de sua fragilidade, que a fazia se sentir “nua” ali, frente a mim, uma desconhecida – que poderia ser, até onde ela tinha conhecimento, uma pessoa disposta, como muitas outras, a julgá-la como uma péssima mãe e, pior, poderia denunciá-la ao conselho tutelar. Mais uma filha que poderia perder.

⁷⁷ Sobre este tema, a autora Cristina Larrea Killinger reflete acerca da percepção popular sobre o risco, na maternidade, expresso na ideia de um contágio por substâncias que teoricamente deveriam nutrir. Ver, por exemplo, seus artigos: Larrea-Killinger, Muñoz, Mascaró, Zafra & Porta (2016). *Discourses on the Toxic Effects of Internal Chemical Contamination in Catalonia, Spain*, Medical Anthropology, 36:2, 125-140, DOI: 10.1080/01459740.2016.1182999; Larrea-Killinger. *Childhood Diarrhoea and Observed Hygiene Behaviour in Salvador, Brazil*, American Journal of Epidemiology, jun. 1, 157 (11), 1032-8, 2003.

⁷⁸ Termo êmico que significa não estar sob efeito de nenhum psicoativo.

Quando sua angústia chegou ao limite considerado por ela tolerável Vanessa começou a se preparar para sair, foi buscar o carrinho de Marcela no corredor do hotel e, no caminho, encontrou um rapaz que voltou para o quarto com ela. Ele ficou com a criança no colo e, com ele, Vanessa não demonstrou nenhuma ressalva em deixar a menina – eu não pude carregá-la sequer por meio minuto, mesmo com a Marcela tentando se aproximar e me pedindo colo, sua mãe a forçava ficar distante. Por ser muito querida na região, Marcela, quando vista na rua, era frequentemente carregada por terceiros e levada para outros lugares um pouco, ocasiões em que a colocavam para descansar, a alimentavam e trocavam suas fraldas. Roberta, por exemplo, me conta das inúmeras vezes que comprou leite, fraldas e presentes para Marcela. Contou-me também das vezes que foi com Vanessa ao hospital para consultas de rotina, mas que a menina nunca tinha ficado seriamente doente. Até hoje, na sala da casa de Roberta (que não está morando mais na Cracolândia), ela guarda o bichinho de pelúcia que deu para a Marcela há alguns anos atrás e que ficara em seu quarto quando Marcela foi levada por agentes do conselho tutelar – assunto sobre o qual falarei adiante. Ela lembra com muito carinho da convivência com Marcela, sentindo saudades.

Quando eu encontrava alguma família com bebê nas ruas desta região, era comum observar pessoas conhecidas que paravam para brincar com a criança e perguntar se precisavam de alguma coisa. Um dia, sentada na calçada próxima ao *fluxo*, observei a seguinte cena:

Hoje conheci uma menina de 1 ano e seis meses mais ou menos, bem agasalhada - estava frio. Uma mulher a colocava dentro de uma gaveta grande de plástico retirada de algum móvel maior, como se fosse seu berço. Tinha alguns ursinhos de pelúcia bem velhos. Um homem pegou a criança, não consegui identificar sua relação com a menina, mas ele se sentiu no direito de levá-la para dentro do fluxo de acordo com a sua própria vontade. A mulher que estava com ela e uma outra que estava um pouco mais distante começaram a gritar com ele e dizer que não poderia levá-la para lá. Depois de alguns minutos uma das mulheres pegou a menina e ordenou à sua colega que parasse de gritar, se ela quisesse ser mãe que fizesse o seu próprio bebê. Pegou a menina e começou a andar para o fluxo, agindo contraditoriamente: primeiro pediu para que o homem não levasse a criança para lá, porque não era certo, depois ela mesma a levou. Logo em seguida vi a menina de volta com a outra mulher que estava cuidando dela na gaveta; passou um homem com um saco grande de objetos para colocar à venda no fluxo e um urso grande de pelúcia. A mulher perguntou que urso era e se interessou para deixar com a menina; outras duas pessoas que estavam perto também se interessaram em garantir que o urso ficasse com a criança; após alguma troca entre eles, o urso ficou. Vi a mesma criança circular pelos colos de outras pessoas ao longo deste dia e não a vi chorando em nenhum momento. A criança estava calma e observava bastante tudo ao seu redor. Observei, neste mesmo dia, uma outra criança com a mesma tranquilidade na região; devia ter por volta de três anos e corria

sorridente atrás dos pombos que passavam pela rua, absolutamente envolta em sua missão de capturá-los. (Diário de campo, outubro de 2015)

Como Vanessa, a mãe da criança mencionada no trecho acima também se demonstrou irritada ao tentar deixar claro para terceiros que ela era a mãe e que, com isso, assumia as responsabilidades com a criança. Disse à conhecida que gritou com o homem que levou a criança para dentro do fluxo que “fizesse seu próprio filho” e, ao tentar me aproximar dela, notei sua desconfiança de que eu a julgaria por estar ali com sua filha. Ela me deu respostas rápidas sobre a idade da menina e sobre como eu a tinha achado linda, quando estava tentando me aproximar. Com seus conhecidos ela era menos arisca, mas, mesmo entre eles, havia o julgamento da mãe e a preocupação com o bem-estar do bebê.

Essa auto-responsabilização pelo bebê e a irritação com a cobrança de terceiros pareciam gerar sentimentos conflituosos, pois essas mães também permitem e precisam ser auxiliadas a cuidar de seus bebês (como qualquer mãe, aliás). Lembro-me, por exemplo, do dia que passei algumas horas com uma bebê na calçada do fluxo, cuja mãe às vezes saía para dar um *trago*⁷⁹ e deixava-a comigo; em umas dessas saídas, um dos colegas da mãe (que também a auxiliara em outros momentos com os cuidados da criança) me disse que a bebê estava gorda só porque a mãe a alimentava apenas com mingau de fubá – a ajuda, portanto, não acontece livre de julgamentos. A ajuda, nesse sentido, é como uma mão que ampara, mas também sufoca.

As crianças, na Cracolândia, são chamadas de “anjo”. Vi, em vários momentos, pessoas gritarem esse apelido para indicar quando alguma criança passava pelas calçadas do *fluxo*⁸⁰. Não se trata apenas de uma forma de nomeá-las, mas também de diferenciá-las para melhor cuidar e protegê-las. Trata-se de uma atenção especial à criança, cuja idade limite não é bem definida, pois julgam-se também atitudes (os meninos com dez anos que comercializavam ou consumiam crack não recebiam tais cuidados; já os meninos com a mesma idade que participavam de outros tipos de atividades e de convívio, sim). Um dia, por exemplo, durante o *rapa*, os usuários se realocaram para frente do parque que fica ao lado do *fluxo*. Este parque fica em frente ao colégio Liceu Coração de Jesus e, nele, há uma quadra esportiva que oferece esportes para crianças do colégio e também moradoras da região. Sendo assim, é um parque sempre habitado por crianças. Os usuários sentaram-se próximos às suas grades (o que

⁷⁹ Termo êmico para designar o ato de fumar uma pedra de crack.

⁸⁰ O documentário “Hotel Laide”, de Debora Diniz, mostra cenas sobre os “anjos” no fluxo e como são tratados. Para assistir o filme, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=05ZEhEEINwY&t=2s>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

acontecía duas vezes ao dia, durante a passagem do *rapa*), mas havia um rapaz que não deixou de acender seu cachimbo de crack. A mulher com quem eu estava conversando, sentada na calçada, ficou incomodada com a situação e ordenou que ele apagasse porque ali tinham crianças. Ela gritou, ele gritou de volta, mas quando outras pessoas assumiram o lado da mulher, ele aceitou que estava errado e saiu de perto rapidamente.

Além do código de condutas, há uma rede de cuidados com as crianças naquela região. Nessa rede estão pessoas que consomem o crack, pessoas do convívio de consumo, assistentes sociais dos programas de atendimento estatal na região, família estendida, mas também o temido conselho tutelar – cujos agentes, na verdade, segundo meus interlocutores de pesquisa, se dizem parte da rede de “cuidados”, mas não são vistos assim pelos usuários.

Veena Das e Lori Leonard, em artigo publicado na obra “Ghosts of memory” (2007), discutem como família e parentesco são reconfigurados no contexto de vida e doença entre adolescentes com HIV/AIDS. Para essas autoras, relações de cuidados não estão atreladas apenas a noções genealógicas de parentesco nas práticas cotidianas⁸¹, mas também essas não deixam de constituir a memória do que é família a partir de práticas passadas. Vanessa contava com o apoio de pessoas diversas no contexto que vivia e onde consumia crack para manter os cuidados de sua filha. Ela não aceitava, no entanto, que seu papel de mãe – cujas características ela mesma construía a partir de memórias passadas, talvez com sua própria mãe – fosse questionado, pois, para ela, a sua função estava sendo exercida.

“O emaranhamento entre sexo e morte, visto através das lentes da infecção de HIV, mostrou como parentesco era feito na intersecção entre Estado, clínica e família.”⁸² (DAS e LEONARD, 2007: 211). Assim como entre as adolescentes estudadas pelas autoras, na Cracolândia e nas vidas de Marcela e Vanessa, a noção de família (construída a partir de memórias passadas) estava se atualizando a partir da vida cotidiana e das relações nela construídas. É pertinente, portanto, distinguir a memória de parentesco (com o peso do passado) e a intenção (como projeção para o futuro).

Vanessa queria ser mãe, tentou ser mãe, foi mãe, mas não houve para ela apoio suficiente que a construísse como um sujeito soberano em relação à sua vulnerabilidade emocional, material e química (como no caso das adolescentes em questão, cujo trabalho da

⁸¹ No artigo as autoras relatam, por exemplo, como a descoberta de ser HIV positivo foi para uma adolescente libertadora, visto que, por ser responsável pela saúde mental de sua mãe e por se sentir envergonhada e querer proteger sua irmã mais nova, não denunciara o abuso sexual cotidiano que sofria há tempos de um homem conhecido da família. No caso desta menina, seu contexto familiar não lhe assegurava cuidados, mas sim perigos e, por ter descoberto ser HIV positivo, precisou revelar seu segredo e deteve o abuso que vinha sofrendo.

⁸² No original: “The knotting together of sex and death, seen through the lens of HIV infection, showed how kinship was made at the intersection of state, clinic, and family.”

clínica era a de torná-las responsáveis pelos próprios corpos e relações, a fim de conseguirem viver com o vírus). O Estado, no entanto, tomou a frente para proteger a sua filha do que seus agentes consideram suas ameaças e, dessa forma, agiu para separá-las. Encontramos, assim, uma tensão entre a esfera estatal, considerada legítima, e as relações cotidianas que emergem a partir da prática individual (relações essas que conformam a intenção e projeção das noções de parentesco que se atualizam no contexto de uso), consideradas ilegítimas.

O temido distanciamento dos filhos

A dependência da Marcela, bem como a vontade de Vanessa de ficar com sua filha e suas formas de protegê-la me mostraram que ambas estavam em uma situação frágil e de vulnerabilidade. A mãe não queria jamais perder a guarda da filha (Vanessa estava sempre a fugir de encontros com representantes do conselho tutelar que faziam visitas às ruas da região) e passava boa parte do tempo preocupada com a opinião de terceiros sobre suas habilidades para cuidar de sua filha, tentando evitar possíveis denúncias. Marcela ainda não andava ou falava, era bem pequena e, portanto, sua vida e bem-estar estavam sob a responsabilidade de alguém cujo cotidiano estava marcado pela angústia em conseguir a próxima pedra de crack (que precisava com grande frequência) e consumi-la na velocidade de seu desejo e necessidade, mesmo que pelas madrugadas adentro.

Durante todo o tempo foram notórias as fragilidades de ambas, a cobrança sobre a mãe e, fundamentalmente, seu desamparo. O auxílio descomprometido e inconstante de pessoas do seu convívio na Cracolândia foi insuficiente para que mantivesse a guarda de sua filha; ela recebia auxílios diversos com a alimentação e cuidado do bebê e de si mesma, mas conforme as possibilidades de terceiros contribuírem – mesmo porque, essas pessoas que ofereciam auxílio estavam também comumente enredadas no cotidiano do consumo ou venda de crack na região e, portanto, ocupadas com suas próprias rotinas. A ajuda que Vanessa recebia do Estado vinha através da assistente social do programa “De Braços Abertos”, que a atendia regularmente, fazendo-lhe visitas esporádicas e estando sempre disponível na região; quando Vanessa precisava de algo urgente (como atendimento médico para ela ou sua filha), ela recorria a este serviço.

Poucos meses depois da visita mencionada acima, Vanessa foi avistada por um membro do conselho tutelar ao fumar crack em uma praça pública da região com Marcela por perto, que estava aos cuidados de algum colega. Nesta ocasião sua filha lhe foi levada. Vanessa ficou deprimida com o acontecimento: já não se alimentava, estava sempre querendo fumar

crack, sentia-se ainda mais sozinha e desamparada, tinha sentimentos constantes de vazio e fracasso, dizia ter perdido o sentido de sua vida novamente (pois, disse-me ela, já lhe haviam sido retirados outros filhos anteriormente, com quem nunca mais tivera contato). Perambulando pelas ruas da região, Vanessa estava constantemente angustiada, triste e, para disfarçar tamanha vulnerabilidade, se apresentava para todos com irritação e brigou com várias pessoas na rua. Poucas semanas depois de perder a filha, Vanessa foi esfaqueada na nuca enquanto caminhava em uma calçada da região – conflito decorrente de uma das brigas que vinham sendo frequentes em seu cotidiano por ali, ou então com seu companheiro que estava encarcerado e poderia ter ordenado a morte (ninguém soube me informar ao certo, mas ficou evidente a possibilidade de isso ter acontecido).

Esse curto convívio que Vanessa teve com Marcela marcou profundamente sua história de vida e morte. Mesmo fragilizada por sua relação com o crack, todos a seu redor - inclusive ela mesma - diziam que a sua atenção estava voltada à sua filha. Mesmo que a dividindo com o consumo de crack e o que ela precisava fazer para conseguir a substância a intenção era a de oferecer o melhor à sua filha – e todos que a conheciam sabiam disso. Vanessa não projetava seu futuro sem sua filha Marcela e depois da perda da guarda não conseguiu sustentar um cotidiano da forma que almejava. Ambas foram abandonadas. Vanessa, nas ruas. Marcela, no abrigo.

Sobre esse assunto, Maria Filomena Gregori e Cátia Aínda Silva travam discussão na obra “Meninos de Rua e instituições: tramas, disputas e desmanche” (2000), onde fizeram um levantamento histórico e etnográfico dos órgãos governamentais e não governamentais, dos Conselhos Tutelares e do aparato jurídico-legal que oferecem atenção a este público. Analisaram também, a partir dos dados levantados, o ECA (Estatuto da Criança e adolescente) e afirmam:

Para além da falta de consenso entre os diferentes atores institucionais na interpretação dos princípios e direitos estabelecidos pelo ECA, há de fato uma competição, em sempre velada, entre as várias formas com que se busca aplicar o que o ECA define em linhas gerais. Sabe-se, por exemplo, que este não satisfaz grande parte da corporação policial, inúmeros políticos e até mesmo alguns juízes e promotores. A crítica maior salienta a irrerealidade do ECA não tanto quanto ao princípio de direitos contemplados, mas quanto à capacidade da sociedade e das instituições em atendê-los. Com ironia, alguns chegam a afirmar que é um estatuto de Primeiro Mundo em um país de Terceiro Mundo. Em particular, mencionam-se os efeitos nefastos da miséria sobre o maior envolvimento de crianças e adolescentes na criminalidade, a precariedade de condições da polícia para contê-la e a morosidade da justiça para julgá-la. Quando analisamos as relações entre as instituições do campo, vemos que o discurso público sobre as dificuldades sociais e econômicas

encontra, no entanto, uma contenda pela preservação e/ou ampliação de recursos de poder (2000: 130).

Vanessa já havia perdido outros filhos, ela não sabia mais deles. Glaucia, outra mãe que conheci na região, sequer pôde conhecer a filha depois de parir. A conheci e tive contato com ela em apenas dois dias diferentes no ano de 2015; nossa primeira conversa aconteceu no dia que ela tinha saído do hospital após o nascimento da filha e ido direto para a Cracolândia, abatida por ter tido que sair do hospital sem a recém-nascida, que foi levada direto para o abrigo de menores, pois a assistência social assim julgou coerente frente à situação econômica da mãe e o conhecimento do seu histórico de consumo de crack. Glaucia me disse que o pai da Carol, sua filha (que ainda não havia sido registrada), estava encarcerado por roubo. Ele sairia em Dezembro de 2016 e já lhe havia prometido que a mataria se a filha deles estivesse no abrigo. Disse-me que tentaria conseguir um quarto pelo projeto “De Braços Abertos” para ficar só com sua filha e ter mais chances de reavê-la. Eu perguntei da sua família e ela disse que não fala com ninguém: sua mãe já havia morrido e sobre os demais não quis falar a respeito. Ainda frágil por ter parido recentemente, nossa conversa terminou abruptamente pois Glaucia começou a vomitar e não parou mais, indo, assim, para um canto da rua para ficar sozinha.

Betânia, mencionada no segundo capítulo, terminara o tratamento na Instituição Pe. Haroldo e estava na tentativa de recuperar os filhos que estavam circulando entre abrigos e a Fundação Casa. Ela se angustiava ao me dizer sobre sua preocupação constante com os filhos que estavam abandonados à própria sorte, visto que ela não confiava nas instituições pelas quais eles estavam passando. Achava que nessa situação o mau comportamento dos filhos iria apenas piorar lhes seriam oferecidos ainda menos opções para uma vida com qualidade. Ideia, aliás, da qual partilham também as autoras mencionadas acima:

A trama institucional da infância, tecida por disputas e conflitos alimentados pela existência de um sujeito de direitos que necessita de proteção e de uma lei abrangente e polêmica, foi capaz de dar visibilidade ao problema da infância brasileira e de instituir novos direitos. Contudo, esse circuito institucional mostra-se incapaz de transformar a atenção sobre essa população em estratégias e coalizões que permitam redesenhar esse emaranhado institucional, trazendo soluções. Os acontecimentos recentes na Febem [como era chamada a Fundação Casa na época] só vem reforçar a perversidade que a conjugação de todos esses fatores produz, a saber o corporativismo de velhas estruturas, disputa por recursos políticos e de poder presente nas ações governamentais e não-governamentais, o tratamento dispensado pelo aparato judicial e a existência de distintas linguagens e abordagens. Assim, em vez de tornarem-se sujeitos de seus direitos, crianças e adolescentes continuam sendo meros objetos das intervenções públicas, vulneráveis a toda sorte de mudanças políticas e institucionais. (idem, 2000: 132)

Sabendo de tais condições disponíveis para seus filhos e angustiadas com isso, apesar da luta, pouquíssimas foram as mães que relataram ter conseguido reavê-los após os terem perdido para o sistema de proteção aos menores. Em diferente contexto, no CAPS AD, conheci a Alice, que estava feliz e grata a Deus por estar “limpa do crack” e trabalhando como cuidadora de uma senhora – e foi uma das poucas mulheres que soube ter conseguido reaver a guarda dos filhos.

Como me informou, foi após anos de casamento com seu parceiro, ele sendo alcoólatra, que ela começou a beber e fumar crack com uma vizinha “para se distrair”. Um dia, tendo saído de casa para fumar crack com ela, deixou os filhos sozinhos. Os vizinhos que, segundo ela, observavam seu comportamento, denunciaram para o juizado de menores sua conduta e, quando ela estava ausente, eles foram até a sua residência e levaram seus filhos.

Alice conseguiu um advogado gratuito no fórum e, no dia da audiência conversou com aqueles representantes do poder público, como contou depois: “- fiquei de frente com o juiz, um psicólogo e outro profissional. Eles estavam de olho em tudo em mim. Eu só disse uma coisa: eu amo muito meus filhos, e eles me devolveram a guarda”. Ao longo da conversa me disse que o CAPS AD lhe fora fundamental neste processo, visto que, com o apoio da instituição, ela conseguiu não apenas o suporte emocional para não consumir crack e organizar sua vida, mas também organizar a documentação necessária para reaver a guarda dos filhos. Enquanto contava sua história, outras duas interlocutoras de pesquisa, Gislaine e Rosângela, me diziam como respeitavam a companheira por ter conseguido recuperar os filhos. Gislaine tem sete filhos com pais diferentes. Não quis falar sobre isso, pois tinha vergonha. Mencionou apenas que no último dia das mães havia conseguido ver um deles porque o pai, um dos ex-companheiros com quem tivera um relacionamento, o havia levado para ela - segundo Gislaine esse havia sido um momento muito feliz e inesquecível.

Alice ganhou uma casa de um dos irmãos da igreja e agora mora lá com seus filhos. Seu marido mora com eles, mas ela ressentida o fato de que quando os filhos foram tirados dela, ele não reivindicou a guarda por que estava bravo com ela - pelo que ela optou por perdoar, mas não esquecer.

Relatos de luta para manter ou reaver a guarda dos filhos, para mantê-los por perto, para não “perdê-los para o sistema” foram muito comuns entre as mães que conheci - não os ouvi dos pais, no entanto. Essas mulheres eram constantemente vigiadas, mas estavam desamparadas. Essa parece ser a tônica, me lembram constantemente, da atuação do Estado frente ao problema do consumo de crack - violenta, mas sem cuidados efetivos. Assim é também

na vida dessas mães. A própria existência de filhos, geralmente frutos de relacionamentos que se deram no contexto de uso (constituindo novos núcleos familiares), delata mais um aspecto das vulnerabilidades vividas por essas mulheres, cujo cotidiano é marcado pelo desejo e consumo da substância: a elas não é garantido o direito à criação de sua prole.

A solução frequente para que seus filhos não fossem colocados “no sistema” envolvia a família de origem, a família estendida dando amparo. A família de origem é comumente acionada nesses casos, como descrevi ao falar sobre algumas das interlocutras de pesquisa no segundo capítulo, na Instituição Pe. Haroldo. Mas na região da Cracolândia, esse contato com a família de origem é mais raro e, ali, a atuação do Estado é austera: sem política efetiva voltada às mães, levam-lhes o que pode ser para elas um bem precioso, causando-lhes danos irreparáveis.

A família estendida como ponto de apoio

A família como categoria social objetiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é base de milhares de representações e de ações (casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Esse é o círculo de reprodução da ordem social. O acordo quase perfeito que se estabelece então entre as categorias subjetivas funda uma experiência do mundo como evidente, *taken for granted*. Nada parece mais natural do que a família: essa construção social arbitrária parece situar-se no pólo do natural e do universal (BOURDIEU, 1996: 128).

Família foi a categoria ponto de partida para esta pesquisa, que iniciei no segundo ano de graduação. Ao longo dela, muitas foram as formas observadas de sua realização nas práticas cotidianas: as relações consanguíneas, as famílias de rua, mesmo a família nomeada a partir das facções criminais. Se por um lado pude notar a flexibilidade desses laços e da forma como eles são atualizados de acordo com a vida cotidiana das pessoas, por outro também observei seu potencial estruturante enquanto categoria social subjetiva, visto que para muitos interlocutores de pesquisa o parentesco “normativo” é valorizado e é a partir dele que se nomeiam as famílias que se formam de maneira mais flexível, como a partir da amizade e do bem querer, que geram cuidados mútuos.

“- Quando estou na Cracolândia, quero estar aqui [com sua família de origem], mas quando estou aqui, quero estar lá” (fala de Roberta. Diário de campo, 2016). A história de Roberta é marcada por este conflito sobre onde estar, com quem estar, para quem dar sua atenção. A culpa está sempre presente, seja qual for sua escolha. Quando está na Cracolândia, hora ou outra está a se arrastar pelos cantos em profunda tristeza por estar longe de seus três

filhos (que estão sendo cuidados por sua família estendida, como mencionado no capítulo 3). Ela se envergonha ao contar que poucos meses depois que seu último filho nascera ela foi embora de perto dele; conta com tristeza sobre a dificuldade que sua sobrinha, ainda adolescente, encontrava para colocá-lo para dormir quando ela foi embora, já que ele estava muito acostumado a enrolar seus dedos nos cabelos da mãe para que o sono chegasse mais rápido. Reconheci a sua tristeza em seu olhar, no pesar dos seus ombros e no silêncio que faz quando encontra com seus filhos e eles não a reconhecem como mãe; o mais novo parece sequer entender que isso é possível, visto que tem sido criado por sua sobrinha desde muito pequeno.

O filho mais velho hoje não aceita o fato dela se vestir como homem e amar mulheres, tampouco aceita seu consumo de crack e mantém dela toda a distância possível. A única filha que a aceita e tem vontade de morar perto é a do meio, como mencionei anteriormente; ela fez, inclusive, grandes esforços para morar com a mãe e manter com ela um convívio. Roberta não é aceita pela família por sua identidade de gênero, por consumir crack, por sua sexualidade. É frequentemente criticada. Diferentemente de seu sobrinho, que também consome crack e rouba objetos da casa da mãe, da avó e de todos da família, Roberta diz nunca ter roubado ninguém. Ao contrário, procura auxiliar como pode, inclusive com a limpeza do ambiente em que está e com alimentação.

Na Cracolândia, Roberta é muito querida. A vi chamar muitas companheiras de “irmã”; ela não passa necessidade, tem sempre alguém disposto a lhe ajudar. Ela é aceita como é, tem namoradas, tem onde dormir, o que comer, pode consumir crack. Mas nem sempre é isso o que ela quer para si. Quando fez o comentário acima comigo, por exemplo, me disse: “- não quero mais aquela vida para mim, não quero mais droga. Minha filha precisa de mim, quero voltar para minha família, eles fazem tudo por mim”. Estar longe do crack, cuidar de si (como disse no capítulo anterior, sempre que estava doente ela voltava para a casa da família e ali se tratava) e manter convívio com os filhos eram fatos que para ela estavam vinculados com esse regresso à família de origem.

O retorno para a família de origem significa para quase todos meu interlocutores de pesquisa esses mesmos “avanços”. Não é incomum, entretanto, como no caso da Roberta, que este ideário não se concretize e não se mantenha por muito tempo ao longo do convívio diário entre esses familiares. Em ligações telefônicas frequentes entre nós depois que ela de fato voltou a morar com a família, Roberta mencionava a alegria de estar conseguindo se abster do crack, se alimentar, ir ao médico, etc. Mas fazia parte de seu cotidiano também a angústia da necessidade de se encaixar em padrões que, segundo ela, eram inatingíveis. Sua família queria, por exemplo, que ela voltasse a se vestir como mulher e procurasse um emprego (ela não se

sentia sequer minimamente preparada para isso). Era pressionada também a pagar suas próprias contas, aluguel e alimentação, o que também estava muito distante de conseguir com o dinheiro que ganhava limpando os para-brisas dos carros no semáforo. Contou-me que, ao levantar, ia ao banheiro e ficava sentada no vaso por quase duas horas tentando resolver essas questões, mas que terminava o processo exausta e sem diferentes perspectivas.

É meio a essas pressões de se encaixar em normas da família de origem que muitos interlocutores, como Roberta, me relataram desistir da vida “normal” e voltar para sua outra família, a família do convívio que está atrelado ao consumo de crack. E nesse vai-e-vem se conformam movimentos que marcam não apenas as vidas dos que consomem a substância, mas também a de sua família de origem. Na introdução contei sobre a mãe que há anos busca seu filho desaparecido pelas ruas da cidade, levando consigo roupas limpas para entregá-lo caso o encontre um dia; são comuns também histórias de re-aproximações entre parentes e usuários: estão na mídia, nas periferias e, menos frequentemente, nos cantos de classe média e rica da cidade. A reportagem da mulher que procurava o pai pelas ruas de São Paulo e o encontrou na Cracolândia com apoio da assistência social do programa “De Braços Abertos” é história comum na região⁸³. Trocam telefones, às vezes até voltam a morar juntos, mas, frequentemente, a convivência com diferentes formas de habitar o mundo, diferentes compreensões do tempo (marcado pelo desejo de consumir a substância, bem como pelas demandas da vida material imbuídas nos padrões do sistema capitalista), diferentes necessidades e mesmo violência doméstica e roubos fazem com que a experiência seja insustentável por muito tempo, gerando o afastamento novamente.

O relacionamento entre o indivíduo envolto à necessidade do consumo de crack e sua família de origem ou sua família constituída neste contexto é o tema em questão ao longo de toda a dissertação. Afeto, significando bem querer, carinho e cuidado envolve todas essas formas de gerir as relações. Mas, ao nomear a família, ao compreender os papéis de mães, pais, irmãos, pode-se observar uma hierarquização do parentesco normativo como padrão de classificação que tangencia e nomeia também o parentesco “coloquial”, termo que empresto do autor Daniel Miller, empregado em seu artigo: “O que é um relacionamento? Parentesco como uma experiência negociável”⁸⁴ (2007). O autor faz um levantamento bibliográfico sobre etnografias que mostram o caso das mães filipinas que deixam seus filhos no país de origem para trabalhar fora e proporcionar a eles melhores condições materiais de vida, mas são por eles

⁸³ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/05/16/fiquei-seis-anos-sem-ver-meu-pai-e-o-reencontrei-na-cracolandia.htm#comentarios> (acesso em 16/05/2017). Acesso em 16 de novembro de 2017.

⁸⁴ No original: “What is a Relationship? Kinship as Negotiated Experience”.

rejeitadas, visto que seus filhos não as consideram “mães boas, mães de verdade”. Apesar dos telefonemas frequentes, para esses filhos suas mães não se fazem presentes, pois não os podem abraçar, acariciar, estar fisicamente próximas⁸⁵.

Os exemplos trabalhados pelo autor trazem à tona uma questão fundamental na compreensão das relações familiares que observei em meu trabalho de campo: “nós temos que reconhecer a importância preservada nas expectativas formais normativas como uma parte integrante de como nós significamos, e como a maior parte das pessoas significam coloquialmente, pelo termo relacionamento.”⁸⁶ (2007: 20). Roberta, quando estava na Cracolândia, queria estar com sua família de origem e se sentia culpada por não estar com eles; mas quando estava na casa da família, sentia saudades e lembrava com carinho das irmãs da rua. Ela deixava a experiência das relações do convívio que teve longe da família de origem na lembrança (não mantinha contato), como que em um mundo distante. Tivemos a oportunidade de visitar juntas a região quando ela estava com sua família de origem e, ao chegar à Cracolândia, Roberta dizia estar com nojo do lugar, quis voltar logo para a casa, não quis encontrar ninguém. Todas aquelas pessoas com quem ela tinha convívio, quem chamava de irmãs e irmãos, ela apenas cumprimentou. Mas não quis ficar ali, não quis conversar. Ela não queria fazer parte daquele mundo naquele momento.

Essa diferenciação entre os relacionamentos de parentesco e das famílias do convívio no contexto de uso não é feita e hierarquizada apenas pelos próprios usuários, mas também pelo Estado através de suas políticas públicas de atendimento a eles (como mencionei anteriormente, todas as instituições e organizações governamentais ou não governamentais que conheci influenciavam e buscavam facilitar e realizar a reintegração do indivíduo às suas famílias de origem). Na maternidade, esses temas todos estão entrelaçados, sendo a criança o eixo central dessas relações entre mãe que consome crack – Estado – família de origem – família no contexto de uso. Há coerção e imposição por parte do poder público no caso dos filhos que nasceram no contexto de uso ou que passaram a conviver com o consumo de crack da mãe

⁸⁵ Bruna Bumachar, em sua tese de doutorado “Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo” (2016), relata sobre experiências opostas a estas descritas pelo autor Daniel Miller. Entre mães presas em penitenciárias brasileiras e seus filhos há intensa troca de e-mails e cartas, por exemplo, que suprem parte da falta gerada pelo distanciamento. Segundo a autora, isso cria “possibilidades para estrangeiras [visto que a maior parte de suas interlocutoras de pesquisa são de fora do Brasil] e seus correlatos produzirem presenças onde seus corpos não necessariamente estão. Tal produção se dá, no caso delas, por meio de ‘rastros’: fotografias, e-mails, cartas, telefonemas, dinheiro, mercadorias e outros corpos, quando associados entre si e em interação com os destinatários, tornam-se parte do remetente para além dos limites de seu organismo, quer dizer, articulações capazes de estendê-lo no hiato espaço-temporal, proporcionando-lhe a produção de presenças físicas, no aqui e agora: copresenças.” (BUMACHAR, 2016: 268)

⁸⁶ Texto original: “we would have to acknowledge the retained importance of normative formal expectations as an integral part of what we mean, and what most people colloquially mean, by the term relationship”.

(quem fica primariamente responsável pela prole, inclusive na lei) para que eles sejam distanciados. Como mencionei acima, é comum que os filhos sejam levados de suas mães nesses contextos, principalmente se ela não tem contato e não pode contar com sua família de origem para contar com uma rede de apoio e suporte.

Absolutamente todas as mães de quem ouvi relatos na Instituição Pe. Haroldo estavam buscando manter ou reaver os filhos que estavam sob guarda por parte do Estado. Também foi unânime o fato de que contavam com o apoio de suas famílias de origem nessa empreitada. Avós, tias, sobrinhas foram apontadas como cuidadoras, criadoras, financiadoras da criação dessas crianças. Todas as mães que conheci desejavam manter os laços com seus filhos, mesmo que através de suas famílias estendidas. O maior pesadelo era que eles “caissem no sistema”: abrigo, Fundação Casa, sistema de adoção. Elas queriam poder evitar tudo isso, mesmo que não conseguissem cuidar de seus filhos sozinhas; queriam poder escolher com quem contar: a família da rua, a família de origem. Infelizmente não puderam sequer considerar uma atuação pública que lhes empoderassem e proporcionassem a possibilidade de ficarem com seus filhos⁸⁷.

Muito confluyente com os resultados da etnografia realizada por Odilon Castro (2017), observei que há muitas formas de fazer família nesses movimentos das pessoas que consomem crack, que passam e circulam por instituições, ruas e diferentes casas que pudemos observar. Mas a ação do Estado ainda não consegue criar estratégias de atendimento aos usuários como sujeitos de direito cujos relacionamentos e formas de viver não se encaixam nos padrões protocolares hegemônicos circunscritos nos gerenciamentos governamentais. Do mesmo modo, não consegue apreender os próprios agenciamentos que os indivíduos fazem de seus usos da substância, pois são muitas as formas de se relacionarem com essa e com os efeitos que esse consumo produzirá em suas vidas e relacionamentos:

Somente o ato de o Estado reconhecer que alguns usuários não interromperão seu uso já produziria novas questões. Novas hipóteses. Diferentes práticas. Pois é sabido pelos trabalhadores sociais e pela população atendida que há

⁸⁷ Tais dilemas foram também enfrentados na obra “Caminhos da Adoção” de Cláudia Fonseca (1995). A autora levanta questionamentos sobre o modelo de família nuclear ao relatar as circulações de crianças entre consanguíneos ou não. Ela mostra na obra como, em condições miseráveis, muitos pais e mães abdicam do direito de criá-los através de processos de adoção para os quais nem sempre são possíveis a legitimação da lei. É interessante notar que a autora dedica um capítulo para os casos de famílias que pedem para seus filhos sejam aceitos na então FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), na tentativa de que eles tenha melhores condições de vida. Em nota a autora diz que esse seu estudo foi elaborado antes do Estatuto da Criança e do Adolescente, e ela prevê que tudo mudaria. No caso desta pesquisa que vos apresento, posso afirmar que esta visão da FEBEM, hoje Fundação Casa, não é corriqueira entre as mães com quem conversei; para elas, o fato de irem para a FEBEM ou serem recolhidos pelo Conselho Tutelar aumenta muito a possibilidade de nunca mais retomarem contato com seus filhos, o que as angustia e revolta.

quem nunca experimentará substâncias tornadas ilícitas. E quem experimentará e suspenderá o uso. Há quem usará às vezes. E quem usará e estabelecerá dependência. Existirá quem usará sempre, e não comprometerá a vida. Quem busque a abstinência. Busque reduzir os danos produzidos pelo uso. Ou mesmo, quem discutirá meios para potencializar as formas de uso de substâncias tornadas ilícitas e seus efeitos. Trata-se de um fenômeno complexo. Que dispensa respostas simples. É envolvente. Escapa (CASTRO, 2017: 197).

As famílias de origem, no entanto, costumam ter uma relação mais flexível com esses agenciamentos do próprio uso, bem como tentam empoderar e auxiliar seus parentes nesta busca pelo cuidado de si e, no caso das mães, no cuidado com seus filhos. Na história das mulheres que conheci na Instituição Pe. Haroldo há relatos desse suporte que elas recebiam de seus parentes e das exigências que eles faziam: de que terminassem o tratamento (comumente realizado anteriormente várias vezes) e construíssem para elas e seus filhos um lar cuja referência é o da própria família de origem. Esse reconhecimento das múltiplas experiências com a substância por parte das famílias de origem geralmente encontra seu limite quando essas famílias envolvem a relação da usuária com seus filhos, visto que a gestão dos cuidados com os filhos deve seguir o padrão mínimo de semelhança com o que se compreende como organizado, devendo-se haver a abstinência do crack.

O suporte para esses filhos, bem como para essas mães, vem principalmente das mães dessas mães (ou das avós). Em casos mais raros, por tias, irmãs ou sobrinhas. Mas quase sempre parece ser esperado que criar essas crianças é responsabilidade de alguém do gênero feminino. Trata-se de um cuidado e trabalho marcadamente generificado. Como disse anteriormente, Alice, quem conheci no CAPS AD, perdeu seus filhos e seu marido não demandou a guarda (fato que ela ainda ressentida). Rosa, mencionada no capítulo dois, ao parir seu filho, deixou também o companheiro, que ficou no barraco onde habitava nas ruas da cidade de Santos enquanto ela foi morar com sua mãe e cuidar de seu recém-nascido. Jessica, também mencionada no capítulo dois, tinha dois filhos sob os cuidados de sua avó e de sua mãe, mas estava em conflito com elas, pois queria reaver a guarda, mas elas não acreditavam que ela seria capaz de cuidar bem das crianças – estava na Instituição Pe. Haroldo pela segunda vez na tentativa de provar o contrário.

Esses cuidados da família de origem, bem como a ideia que subjaz a responsabilidade que a própria família e o Estado assumem na atenção ao filho da mãe que consome crack, refletem a noção de identidade familiar e de parentesco como “um dos princípios mais poderosos do mundo social e uma das unidades sociais mais reais” (BOURDIEU, 1996: 135). Quando pensamos na maternidade fica fácil perceber - através do

poder exercido pela família de origem e pelo Estado - que a flexibilidade em se estabelecer novos núcleos familiares em contexto de uso de crack tem seus limites impostos pelas próprias relações que aí se dão e por demais setores da sociedade. Há uma hierarquização da noção de família neste contexto que espero ter demonstrado estar presente entre os usuários, os familiares e, principalmente, pelo Estado (único cujo poder é suficiente para separar mãe e filho).

Uma história social do processo de institucionalização estatal da família mostraria que a oposição tradicional entre o público e o privado mascara a que ponto o público está presente no privado, no próprio sentido de *privacy*. Sendo produto de um longo trabalho de construção jurídico-política, do qual a família moderna é o resultado, o privado é um negócio público. A visão pública está profundamente envolvida em nossa visão das coisas domésticas e as nossas condutas mais privadas dependem, elas mesmas, de ações públicas, como a política de habitação, ou, mais diretamente, a política da família. Assim, a família é certamente uma ficção, um artefato social, uma ilusão no sentido mais comum do termo, mas uma "ilusão bem fundamentada" já que, produzida e reproduzida com a garantia do Estado, ela sempre recebe do Estado os meios de existir e de subsistir (BOURDIEU, 1996: 135).

O que a história dessas mães nos mostra é que a noção de família se atualiza no cotidiano marcado pelo consumo de crack; atualização essa cuja flexibilidade permite reter, conflitar e contradizer a noção anterior, da família “real”. Ou seja, a ideia de família e as tentativas de agenciamentos em torno dela envolvem uma estrutura pré-concebida, mas também estruturam novas configurações (subvertendo normas) e demandam novos olhares que atendam não apenas as crianças, mas também suas mães, que não aceitam serem distanciadas desta função.

Naquele quarto de hotel com Vanessa estão elementos fundamentais para a compreensão da maternidade neste contexto: o gerenciamento das emoções em torno do desejo de cuidar da filha, o conflito em torno do papel esperado de “boa mãe” e, concomitantemente, a angústia de se conseguir a próxima dose de crack.

Quando nasce um bebê, a rotina de quem o espera é completamente alterada. O acordar (a qualquer momento, madrugada ou manhã) é regido pelo choro do bebê que procura por sua cuidadora. Hábitos tão usuais e corriqueiros como a pausa para alimentação, banho, idas ao banheiro e mesmo pequenos momentos para reflexão são como passos de uma dança que envolvem dois bailarinos: a cuidadora e o bebê. Em meio a essas práticas corriqueiras, dia após dia, um conhece ao outro. Os olhares, o tipo de choro, os sons emitidos por cada um tornam-se formas de comunicar não apenas suas necessidades, mas o carinho e amor que desta relação tão íntima de cuidado começa a nascer.

Em meio a essa relação de dar e receber há uma mulher que, para que possa de fato re-habitar e significar seu novo cotidiano, tem a necessidade de apoio. Essa é uma experiência da maternidade, há muitos estudos que comprovam, por exemplo, a grande incidência de depressão nesse primeiro período de conhecimento de mãe e bebê, pois muitas não têm tal suporte e se cansam demasiadamente com a rotina⁸⁸. O que pouco se fala a respeito é sobre as formas de cuidar e apoiar quem está envolto em um ciclo de fissura do crack.

Mulher, mãe, filha, neta, amorosa, graciosa, brava, perceptiva, intuitiva: muitas podem ser as características de uma pessoa antes de adjetivá-la “usuária de crack”. De fato, o desejo por consumir a próxima dose e as formas de habitar o mundo neste contexto envolvem inúmeras vulnerabilidades para quem tem uma criança, bem como para a própria criança. Mas há algo muito intenso na maternidade das mulheres observadas, algo que fora recorrente entre todas elas: o desejo de estar com seus filhos. Para essas mulheres que desejaram estar com seus filhos houveram apenas duas opções: contar com a família estendida como apoio ou o Estado assumir a “responsabilidade” por seus filhos. Mas, como em muitos outros contextos da maternidade, a mãe pouco recebe cuidado e atenção que as façam ter segurança em poder exercer as atividades relacionadas à maternidade que outros e elas próprias gostariam que fossem destinadas a seus filhos. No caso dessas mulheres apenas foram oferecidos tratamentos e cuidados que ignoram as suas formas de uso da substância, seus limites e suas emoções.

Muitas negociações estão em cena. Os corpos que engravidam e que consome crack precisam de apoio. A imagem de uma mão acolhedora que também estrangula e sufoca ilustra bem o que a elas é oferecido pelo Estado e por suas famílias de origem. As famílias de origem, ao apoiarem, exigem certos comportamentos em troca: exigem que elas cuidem de si através das próprias concepções de cuidado (higiene, emprego, saúde, casa); ao que nem sempre essas mulheres estão dispostas e mesmo aptas física e emocionalmente a atender. Ao menos da forma como lhes é exigido. Como disse anteriormente, é comum uma movimentação de idas e vindas da casa da família (que, frequentemente, assume a criação dos filhos dessas mulheres). Essa movimentação é regida pela forma como estão gerenciando o próprio uso da substância e o quanto os conflitos gerados pelo convívio cotidiano com a família de origem são toleráveis para ambas as partes.

⁸⁸ Sobre isso, ver as obras: Beck C. *Predictors of postpartum depression: an update*. Nurs Res 2001;50(5):275-85; Cury AF. *Depressão puerperal: relação com eventos vitais estressantes, modo de enfrentamento e níveis do ácido 5 hidroxiindolacético* [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina; 2001; Moraes IGS, Pinheiro RT, Silva RA, Horta BL, Sousa PLR, Faria AD. *Prevalência da depressão pós-parto e fatores associados*. Rev Saude Publica. 2006;40(1):65-70; Susman JL. *Postpartum depressive disorders*. J Fam Pract. 1996;43(6):S17-24.

Nesse movimento, é comum a passagem por instituições privadas (como clínicas de recuperação), igrejas e centros espirituais. O Estado, ora temido, ora acionado, também permeia tal movimento através de programas que oferecem cuidado e também através da própria repressão que circunscreve movimentos urbanos de usuários de crack. Essas mães, no entanto, enfrentam os obstáculos que as separam de seus filhos em suas vidas errantes com muita resiliência. Abrem mão de alguns desejos para se encaixarem nos padrões da família de origem, buscam CAPS AD, internação, Narcóticos Anônimos, igreja, Deus, uma família de rua: fazem o que conseguem para uma aproximação com seus filhos.

Tive oportunidade de presenciar alguns momentos entre essas mães e seus filhos. Os olhos brilham, o corpo se posiciona, os braços se abrem e as bocas beijam. Com as poucas moedas no bolso, em uma conversa com aquele conhecido ou mesmo olhando bem no chão e no lixo das cidades, elas encontram um presente para dar aos filhos ao os encontrarem. Elas se envergonham por serem como são, mas exigem ser respeitadas como mães. Elas criam a maternidade, elas criam a forma de ser mãe.

Considerações Finais

Durante a graduação, minha maior angústia com o curso de Ciências Sociais era achar que a comunidade não tinha contato com os trabalhos acumulados na biblioteca. A minha experiência com o mestrado, no entanto, ampliou para mim os sentidos dos estudos dessa área. De fato, os trabalhos que depositamos na biblioteca não são amplamente divulgados e muitos deles pouco são debatidos; mas nós, que pesquisamos e escrevemos, somos profundamente transformados a partir desta experiência e nós não ficamos na biblioteca.

Nossos movimentos alastram nossos pensamentos e ampliam as nossas ideias pelo simples fato de existirmos, de sermos quem somos. E a minha forma de ver o mundo e habitá-lo hoje já muito se transformou desde que comecei esta pesquisa. Debruço-me sobre o tema desde o segundo ano de graduação: trilhei caminhos, conheci pessoas e construí novas perspectivas para a minha própria vida a partir de todas essas experiências. Até um filho gerei ao longo desta caminhada, o que também me fez pensar em novos questionamentos para a pesquisa. É impossível dizer que o texto está acabado, são muitas as formas de vida. Os indivíduos são um universo em si.

Ao falar sobre a experiência de familiares optei por não deixar de mencionar a minha própria, visto que foi ela a propulsora do desejo de estudar este tema, bem como ela é parte constitutiva dos meus questionamentos e da minha forma de ver o meu interlocutor de pesquisa. Para nós, familiares de usuários de crack, há pouco onde recorrer. Há uma responsabilização da família no que tange os cuidados com esses usuários. Mas o fato, como pretendo ter descrito, é que a convivência é, muitas vezes, intolerável. Não apenas pelos roubos domésticos, mas também pela violência física e psicológica.

O total distanciamento é, no entanto, algo impossível também para a maioria, visto que há muito amor entre os envolvidos (a convivência do nascimento até o momento de conflito não é facilmente esquecida, e mesmo durante os conflitos há tréguas e bons momentos). Por isso o fato de muitas famílias representarem para os usuários apoio e mesmo habitação intermitente.

Os movimentos por outros territórios e instituições são experiências nas quais novas formas de relacionar se realizam. Além dos cuidados físicos e emocionais, as trocas de ordem material permeiam estas relações. Uma economia das coisas dadas ou devidas marca não apenas o distanciamento dos usuários de seus familiares de origem (por causa dos roubos domésticos), mas principalmente a forma como as novas relações de confiança se dão em diferentes

contextos. No caso de casais que se formam ou de amizades mais próximas, o fator fundamental de manutenção da convivência cotidiana é como se dão as trocas de bens como alimentos, roupas, produtos de higiene e mesmo a pedra de crack. Essa circulação das coisas revela como as pessoas lembram muito bem o que deram, o que perderam, o que serviu como ligação para conflitos e aproximações. Mesmo para quem anda sozinho esses signos materiais são importantes, como os documentos de Oseias, que servem como registro de sua existência e movimentação.

As questões de gênero também foram fundamentais nas tramas descritas nesta dissertação e a maternidade foi o tema que escolhi como fio condutor para abordar as suas transversalidades. A relação que as mulheres usuárias de crack mantêm com seus companheiros é geralmente marcada por muitas violências e restrição de liberdade; com o nascimento dos filhos as responsabilidades ficam evidentemente direcionadas às mães e são elas quem sofrem com o desgaste causado pela insegurança de perdê-los para o Estado por consumirem crack. São também as mães dos usuários de crack que aparecem em diversos momentos como as que carregam o árduo fardo do cuidado físico e emocional de seus filhos.

Em cada local que visitei o tema central desta dissertação, a noção de família, é atualizada. Mas em todos eles ela é acionada, o que me confirmou a importância das minhas observações. Nas instituições, nas ruas, nos programas do governo e nas narrativas dos próprios usuários a família faz parte de um imaginário que permeia não apenas as formas de se relacionar, mas também valores morais e éticos. Em suas muitas formas (de origem, de consideração, novos núcleos familiares, etc.), a família é fundamental na manutenção da vida cotidiana dos usuários, mas as funções que à família de origem são delegadas pelas instituições e por programas governamentais nem sempre acompanham a necessidade de distanciamento entre eles; ficou claro que nos discursos destes a família ainda é tida como responsável pelos cuidados que na realidade não conseguem gerir com os usuários de crack, causando a todos uma sobrecarga emocional e material.

Há, no entanto, negociações entre as famílias de origem e os usuários – o que geralmente faz da convivência algo intermitente, mas a referência mãe/irmão/filhos/pais permanente. Tais referências ganham novos sentidos ao longo das trajetórias marcadas pela vida nas ruas ou em instituições.

No primeiro capítulo, ao tratar sobre o convívio de usuários de crack com seus familiares de origem muitos conflitos apareceram como parte do cotidiano. Violência física, manipulação e mesmo roubos domésticos são frequentes. Neste contexto há negociações que

impõem limites a tais comportamentos do usuário e, sendo ultrapassados, há o distanciamento entre as partes (mesmo que a custo da sensação de impotência da família).

Na busca por acompanhar tais movimentos, no segundo capítulo, busquei apresentar duas instituições de acolhimento para esses usuários com seus vínculos familiares já desgastados: a Instituição Pe. Haroldo e o albergue da prefeitura de Campinas. Em ambos os locais a família é acionada institucionalmente como ponto fundamental de apoio a estes usuários (o que faz pouco sentido, porque muitos já estão lá porque estão em conflito com suas famílias). Neste capítulo as diferenças entre a paternidade e maternidade entre os usuários ficam bastante evidentes através das histórias de vida.

No terceiro capítulo volto meu olhar para os usuários que já não estão em instituições de acolhimento, mas sim na rua. Neste contexto o esgarçamento dos laços familiares é ainda mais perceptível e, pelas necessidades da própria sobrevivência no cotidiano de quem mora na rua, novas famílias se formam. Amizades, cuidados, desconfianças e relações que perpassam a organização do crime também são importantes na descrição de uma rede de apoio e conflitos locais. A família de origem neste contexto aparece como um ponto de apoio que está distante e como referência moral. O programa “De Braços abertos”, diferentemente das instituições descritas anteriormente, se atenta a estes distanciamentos e suas causas e proporciona aos indivíduos atendidos mais opções de manutenção da vida para além do retorno aos desgastados relacionamentos familiares.

No terceiro capítulo a maternidade também surge como questão recorrente nas trajetórias de vida que acompanhei, o distanciamento forçado entre mães e filhos na rua é corriqueiro e causa muito sofrimento. Por este ser um tema que perpassou todos os capítulos, dediquei o quarto a ele. Através da história de vida de algumas mulheres é evidente o fracasso estatal e social frente ao tema. Abandonadas a própria sorte, essas mães enfrentam estigmas e dificuldades em manter um cotidiano com seus filhos. As famílias de origem são acionadas, fundamentalmente as mães dessas mães, e a elas, novamente, recai a responsabilidade de todo o apoio à usuária de crack.

Meu desejo e intenção, ao longo deste trabalho, sempre foi ouvir e atentar-me o máximo possível ao que importava para os meus interlocutores de pesquisa. Olhei para eles tentando entender o que estavam sentindo, e quais sentidos davam para seus cotidianos e o que neles acontece. Assim, com tantas formas de existir, descobri que grandes generalizações sociológicas não tomariam espaço aqui. Com respeito e dedicação, procurei encontrar o que outros estudiosos já haviam dito sobre temas dos quais me aproximei, mas o texto está baseado mesmo em narrativas que ouvi e busquei remontar.

Bibliografia

- APPADURAI, A. *A vida social das coisas*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BACELAR, J. A. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1989.
- BECKER, H. *Outsiders*. New York: The Free Press of Glencoe, 1991.
- BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica*. In: Amado, J. e Ferreira, M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOURGOIS, P & SCHONBERG, J. *Righteous dopefiend*. Los Angeles: University of California Press, 2009.
- BRASIL. *Código penal, processo penal e Constituição Federal*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- _____ *Lei Maria da Penha*. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.
- BUMACHAR, B. *Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo*. 380 p. Dissertação de Doutorado. Campinas-SP, 2016.
- BUTLER, J. *Gender trouble*. Nova York e Londres: Routledge classics, 2006.
- CALDEIRA, Z. F. C. *Drogas, Indivíduo e Família: um estudo de relações singulares*. 81 P. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, 1999.
- CARSTEN, J. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____ *Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness*. Malden: Blackwell, 2007.

- CERWONKA, A e MALKKI, L. *Improvising Theory: Process and Temporality in Ethnographic Fieldwork*. Chicago: London: The University of Chicago Press, 2007.
- COMTE – SPONVILLE, A. *Bom dia, angústia!*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DAS, V. *Language and Body: Transactions in the Construction of Pain*. *Daedalus*, Vol. 125, No. 1, Social Suffering (Winter, 1996), pp. 67-91.
- DE LUCCA, D. “*Ne dentro nem fora do albergue: transformações e usos de um dispositivo da assistência*” em CUNHA, N. & FELTRAN, G (org). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2013.
- DURHAM, E. *A família operária: consciência e ideologia*. In: *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosacnaify, 2004.
- FAVRET-SAADA, J. “*Ser afetado*”. *Cadernos de campo*, São Paulo, nº 13, 2015.
- FELTRAN, G. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. 347 p. Tese de doutorado: UNICAMP. São Paulo, 2008.
- FONSECA, C. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____ *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.
- FRANGELLA, S. “*Capitães do Asfalto*”: *a itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas “de rua” em Campinas*. 320 p. Dissertação de mestrado: UNICAMP, 1996.
- _____ *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. 361 p. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2009.
- FRÚGOLI Jr, H e SPAGGIARI, E. “*Da “cracolândia” aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz*”. *Nau-USP, Ponto Urbe*, n.6, 2010.

- GARCIA, A. *“Reading Righteous Dopefiend with My Mother”*. Anthropology now, Boulder, V.2, nº3, dezembro de 2010.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1º Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.
- GELL, A. *Recém-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria*. In: APPADURAI, A. (org). *A vida social das coisas: mercadorias sobre uma perspectiva cultural*. Niterói: Ed. UFF, 2008.
- GEWIN, V. *Under a cloud: Depression is rife among graduate students and postdocs*. Revista Nature, nº 490, p. 299-301, Londres, 2012.
- GUIMARÃES, N; HIRATA, H; SUGITA, K (orgs). *Cuidado e Cuidadoras*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.
- GOMES, J. et al. Relatório de pesquisa “Primeira Infância e Maternidade nas ruas da cidade de São Paulo”. Clínica de Direitos Humanos Luiz Gama / Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- GREGORI, M. F. *Viração: experiência de meninos nas ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GREGORI, M. F. & SILVA, C. *Meninos de Rua e Instituições Trama, Disputa e Desmanches*. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- HANNERZ, U. *Chicago ethnographers*. In: *Exploring the city: inquiries toward na Urban Anthropology*. Nova York: Columbia University Press, 1980.
- HERZER, S. *A queda para o alto*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

- HOCHSCHILD, A. *Emotion work, feeling rules, and social structure*. The American Journal of Sociology, Vol. 85, Nº 3, (Nov, 1979), p. 551-575.

_____ *The commercialization of intimate life*. University of California Press: 2003.

- LATOUR, B. *Reassembling the social: an introduction to actor-network theory*. Oxford: OUP, 2005.

_____ *Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)*. Cadernos de Campo. Revista dos Alunos do PPGAS-USP, vol. 15, n.14/15, 2006.

- KOPYTOFF, I. *A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*. In: APPADURAI, A. (org). *A vida social das coisas: mercadorias sobre uma perspectiva cultural*. Niterói: Ed. UFF, 2008.

- KOWARICK, L. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano*. Novos Estudos, n. 63. São Paulo: CEBRAP, 2002.

- MILLER, D. What is a relationship? Is kinship negotiated experience? ETHNOS, vol. 72:4, DEC. London, 2007.

- NASSER, M. *No labirinto: formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia*. 151 p. Dissertação de mestrado: USP. São Paulo, 2016.

- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

- PADOVANI, N. *Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona*. 366 p. Tese de doutorado: UNICAMP. Campinas, 2015.

- PISCITELLI, A. *Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina*. In: PISCITELLI, A.; M. F. GREGORI & S. CARRARA (Eds.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. P. 283-318.
- REZENDE, C. & COELHO, M. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2010.
- ROSALDO, R. *Culture and Truth: the remaking of Social Analysis*. Boston: Beacon Press, 1989.
- RUI, T; MARTINEZ, M; FELTRAN, G (orgs). *Novas faces da vida nas ruas*. São Carlos: Editora Edufscar, 2016.
- RUI, T. *Uso de "drogas", marcadores sociais e corporalidades: uma perspectiva comparada*. 149 p. Dissertação de mestrado: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2007.
- _____ *Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. 337 p. Tese de doutorado: UNICAMP. Campinas, 2012.
- _____ *"Fronteiras, espaços e usos do crack"* em CUNHA, N. & FELTRAN, G (org). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2013.
- _____ *Nas tramas do crack: etnografia da abjeção*. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2014.
- RUI. T.; FIORE, M.; TÓFOLI, L.F. *Pesquisa preliminar de avaliação do Programa "De Braços Abertos"*. Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD) / Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM). São Paulo, 2016.
- SAHLINS, M. *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção*. Mana, vol. 3, nº1, Rio de Janeiro, Abr 1997.
- SARTI, C. A. *A família como espelho*. Campinas: Autores Associados, 2003 [1996].

- SCOTT, J. *A invisibilidade da experiência*. Revista Projeto História, São Paulo, V.16, fev. 1998.
- SEGALEN, M. *À qui appartiennent les enfants?* Paris: Éditions Tallandier, 2013.
- SHENKER, M. *Valores familiares e uso abusivo de drogas*. 182 p. Tese de doutorado: Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, S. *Vidas em jogo: Cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.
- SILVA, T. “*Vê se não esquece os irmãos, viu?*” *Um estudo etnográfico sobre o parentesco afetivo entre homens e mulheres em situação de rua*. Revista Perspetivas sociais, ano 2, nº1, Pelotas, Março de 2013.
- STRATHERN, M. *Necessidade de pais, necessidade de mães*. Estudos feministas, nº 2/95, pp. 302 – 329, 2º semestre de 1995.
- _____. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.
- WOODWARD, K. *A public secret: assisted living, caregivers, globalization*. International Journal of Ageing in Later Life, v. 7, n.2, pp. 17-51, 2012.
- ZELIZER, V. *The purchase of intimacy*. Princeton, N.J.: Princiton University Press, 2005.